

NOSSA TERRA NOSSA GENTE

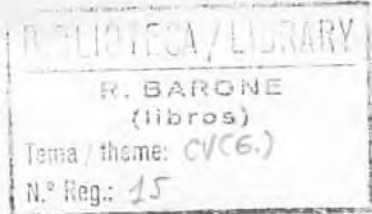
INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA DE CABO VERDE



Arminda Brito

José Maria Semedo

2ª Edição



Ricardo Barone
X. 2007
(Praia, Santiago)

NOSSA TERRA NOSSA GENTE

INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA DE CABO VERDE

*À S. 2.ª Releção Barone Tosco
c/ Amizade
José Maria Semedo
Praia 12/10/2001*

Arminda Brito

José Maria Semedo

FICHA TÉCNICA

Título:
Nossa Terra Nossa Gente

Autores:
Arminda Brito
José Maria Semedo

Fotografias:
José Luís Andrade
José Maria Semedo

Arranjos e Paginação:
João Baptista Santos
José Luís Andrade

Tiragem:
3000 exemplares

Impressão e Acabamentos:
Tipografia Santos Lda. - Praia

Edição:
PFIE-Cabo Verde
Praia, Fevereiro / 1995

(As imagens das páginas 57 e 58 foram extraídas do livro *Aves de Cabo Verde* do Bird Life International 1993)

Agradecemos aos CTT-EP de Cabo Verde pela cedência dos selos.

PREFÁCIO

O Programa Regional de Formação e Informação para o Ambiente, PFIE, promovido pelo CILSS com o financiamento da Comissão Europeia, tem como finalidade última, integrar a educação ambiental e, mais particularmente, a luta contra a desertificação nos currícula e programas do ensino básico dos Estados Membros.

No âmbito da execução do PFIE e de acordo com a Convenção de Financiamento, a componente caboverdiana do PFIE produziu uma colecção de materiais didácticos - livro do aluno, cadernos de exercícios e de mensagens, guia do professor da série *Vamos Proteger o Ambiente*, e um manual de referência intitulado *Educação Ambiental* - colocados no circuito escolar no ano lectivo 1993/94.

Uma das exigências da educação ambiental no ensino básico é a recentragem dos conteúdos de estudo sobre a realidade física e social de Cabo Verde e sobre o meio circundante da criança, em particular. Foi então que se fez notar uma grande lacuna no conhecimento da realidade geográfica de Cabo Verde por parte de muitos professores e a ausência de suportes pedagógicos.

É neste contexto que surgiu a iniciativa de elaboração do livro **Nossa Terra Nossa Gente**. Este livro pretende ser um auxiliar didáctico para professores e alunos no estudo da Geografia de Cabo Verde. Estamos convencidos que ele irá preencher a grande lacuna existente na compreensão da dinâmica e das interacções **Recursos, População e Sociedade no Espaço** caboverdiano.

Este material didáctico não se destina, especificamente, aos alunos de um determinado nível de ensino. **Os temas abordados no livro tornam possível a sua utilização na 3ª fase do ensino básico, no tronco comum do ensino secundário e naturalmente no processo de formação de professores.**

Num contexto educativo caracterizado pela prática questionável de ditar apontamentos e pouca apetência para a utilização do livro, devido em parte à sua insuficiência no mercado, acreditamos que o livro **Nossa Terra Nossa Gente** será bem acolhido e acarinhado pelo pessoal docente e pelos alunos. Contamos, verdadeiramente com a participação de todos os professores para a promoção deste material didáctico. É seguramente que a qualidade do ensino da Geografia ficará melhorada com a sua integração no processo de ensino-aprendizagem.

Convém explicitar que não consideramos este livro como um produto acabado. A sua utilização será seguida e avaliada pelos autores. Por isso contamos com as críticas e sugestões de todos para o seu aprimoramento científico e pedagógico.

Finalmente, realçamos a ideia de que este livro destina-se, igualmente, a todos os agentes de desenvolvimento, que lidam quotidianamente com a nossa terra e a nossa gente, no campo e na cidade; ao grande público interessado em conhecer mais e melhor a nossa terra e a nossa gente.

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Esta INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA DE CABO VERDE surgiu na sequência das múltiplas solicitações feitas pelos professores primários que, no âmbito do Programa de Formação e Informação para o Ambiente (PFIE), vem promovendo a educação ambiental nas escolas. Em vários seminários, manifestaram a necessidade de um documento de base com informações sobre o ambiente natural das ilhas, os recursos naturais e o impacto da ocupação do espaço no desenvolvimento sustentável do País. Os autores, na categoria de chefe da Equipa Pedagógica e da Equipa de Formação do PFIE, conceberam um projecto que mereceu o acordo do chefe do Programa.

Tomando em consideração o público alvo a que se destina, procurou-se elaborar um texto simples, de leitura fácil, que transmitisse informações essenciais sobre o País, dentro dos objectivos do PFIE, isto é, a luta contra a seca e a desertificação, a protecção do coberto vegetal, da água, da flora e da fauna.

Em linhas gerais o plano deste ensaio baseou-se num trabalho em curso sob a responsabilidade de um dos autores que lecciona a cadeira de Geografia de Cabo Verde na escola de Formação de Professores do Ensino Secundário.

Os autores agradecem apenhoradamente ao Senhor Professor Doutor Ilídio do Amaral, professor catedrático da Universidade de Lisboa e Presidente do Centro de Geografia do IICT que, pacientemente, leu os rascunhos deste modesto trabalho, propôs sugestões para a sua melhoria, sugestões essas que foram absorvidas na medida das disponibilidades de recolha de novos materiais e do tempo da sua publicação-pelo PFIE.

Aproveitamos esta ocasião para destacar o trabalho meritório que este ilustre professor e investigador vem dedicando às ilhas de Cabo Verde, desde os princípios da década* de sessenta, e realçamos a elaboração, pela equipa portuguesa do Centro de Geografia, do Atlas de Cabo Verde que se encontra numa fase avançada.

Como qualquer trabalho do género, estamos abertos às críticas dos leitores que tenham a amabilidade de o fazer. As limitações e incorrecções que certamente apresenta são da inteira responsabilidade dos autores.

Os autores

NOSSA TERRA, NOSSA GENTE

ÍNDICE

Página

CAPÍTULO I

CABO VERDE NO ATLÂNTICO E NO SAHEL	7
1.1 Características gerais das ilhas: dimensões, agrupamentos	10
1.2 Cabo Verde, ilhas do Atlântico e da Macaronésia	15
1.3 Cabo Verde ilhas do sahel	16

CAPÍTULO II

O TERRITÓRIO E O AMBIENTE NATURAL	23
2.1 O quadro geológico das ilhas	24
2.2 As formas de relevo	32
2.3 Evolução das formas de relevo no quadro climático	38
2.4 O clima e o tempo: factores do clima no arquipélago	41
2.5 Características climáticas do Arquipélago	44
2.6 Tipos de Tempo	45
2.7 Vegetação, Flora e Fauna	48

CAPÍTULO III

O HOMEM CABOVERDIANO	73
3.1 O processo de formação da cultura caboverdiana	74
3.2 Elementos de identidade	76
3.3 Crescimento demográfico e desenvolvimento	79
3.4 A evolução demográfica recente do País	80
3.5 A estrutura actual da população	82

CAPÍTULO IV

ORGANIZAÇÃO E UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO

	85
4.1 Recursos naturais básicos: água, solo, energia, recursos minerais, mar e litorais	86
4.2 Recursos naturais e níveis de aproveitamento	86
4.3 As actividades económicas básicas: agricultura, silvicultura, pecuária, pesca, indústria	109
4.4 A rede de transportes e as relações com a organização económica do espaço	127
4.5 Localização e caracterização dos centros urbanos	133
4.6 Organização do espaço e satisfação das necessidades fundamentais da população	139
4.7 Situação ambiental no arquipélago	147

CAPÍTULO V

CABO VERDE NO ESPAÇO INTERNACIONAL

	151
5.1 O espaço caboverdiano na diáspora	152
5.2 Cabo Verde e os organismos internacionais	157

APÊNDICES

161

GLOSSÁRIO

165

BIBLIOGRAFIA

170

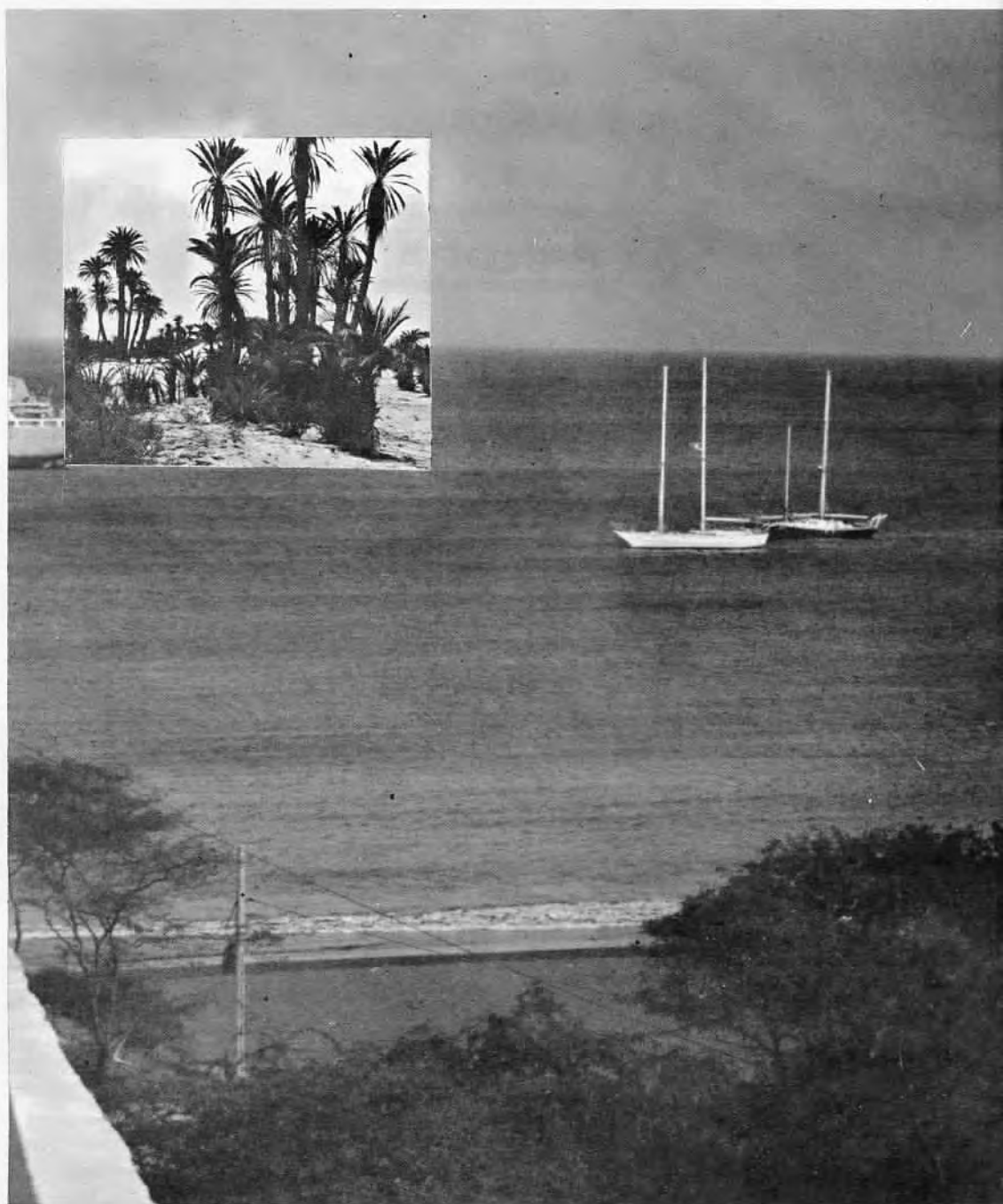
PANORAMA

*Destroços de que continente,
De que cataclismos,
de que sismos,
de que mistérios?...*

*Ilhas perdidas
no meio do mar,
esquecidas
num canto do mundo
- que as ondas embalam,
maltratam,
abraçam...*

*Montes alerta
implorando ao céu
Montes alerta
nos seus contorcionismos extáticos
de séculos,
rindo para o oceano gargalhadas
que ficaram apenas começadas
sorrindo para o céu esgares enigmáticos
como que a evocarem um drama milenário...*

Jorge Barbosa,
ARQUIPÉLAGO
(Extracto)





CAPÍTULO I

CABO VERDE NO ATLÂNTICO E NO SAHEL

O primeiro capítulo deste manual mais não pretende do que abordar a localização e integração de Cabo Verde, no contexto geográfico das ilhas do Atlântico, (1.1.) da Macaronésia (1.2.) e do espaço saheliano (1.3.).

1.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS ILHAS: DIMENSÕES E AGRUPAMENTOS

Cabo Verde está localizado na margem oriental do oceano atlântico, entre os paralelos $14^{\circ}48'N$ e $17^{\circ}---$ $12'N$, e os meridianos $22^{\circ}44'W$ e $25^{\circ}22'W$, a uma distância aproximada de 500 quilómetros a W do cabo que tem o mesmo nome e que fica situado no Senegal. (Fig. 1)



Fig. 1 — Cabo Verde, posição avançada da África Ocidental

É um pequeno país insular, com uma superfície emersa de 4 033 Km² o que o situa entre os estados mais pequenos do mundo.

Esta superfície está distribuída por dez ilhas e 5 ilhéus principais. O tamanho das ilhas varia entre 991 Km² em Santiago e 35 Km² em Santa Luzia – ver quadro comparativo das dimensões das ilhas.

QUADRO I

Ilhas e ilhéus	Superfície (Km ²)	comprimento máximo (m)	Largura máxima (m)	Altitude máxima (m)
S.Antão	779	42 750	23 970	1 979
S.Vicente	227	24 250	16 250	725
S.Luzia	35	12 370	5 350	395
Ilhéu Branco	3	3 975	1 270	327
Ilhéu Raso	7	3 600	2 770	164
S.Nicolau	343	44 500	22 000	1 304
Sal	216	29 700	11 800	406
Boa Vista	620	28 900	30 800	387
Maio	269	24 100	16 300	436
Santiago	991	54 900	28 800	1 394
Fogo	476	26 300	23 900	2 829
Brava	64	10 500	9 310	976
Ilhéu Grande	2	2 350	1 850	95
Ilhéu Luís Carneiro	0.22	1 950	500	32
Ilhéu de Cima	1.15	2 400	750	77

As ilhas encontram-se relativamente dispersas. Entre os extremos, norte-sul e leste-oeste, o afastamento é superior a 250 Km. As mais próximas, S. Vicente e Santo Antão, distam entre si cerca de 10 Km.

A superfície total do país, incluindo as águas territoriais, é superior a 600.000 Km², isto é, cerca de 150 vezes maior do que o conjunto insular emerso. Esta é uma característica de todos os estados arquipelágios, tanto mais importante quanto maior for a dispersão ou afastamento das suas ilhas e ilhéus.

Seguindo a tradição náutica, e de acordo com a disposição das ilhas em relação à direcção dos ventos mais frequentes, os alíseos de Nordeste, o arquipélago está dividido em dois grupos:

O GRUPO DE BARLAVENTO, que integra todas as ilhas do Norte, alinhadas na direcção Noroeste - Sudeste. São elas: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista e os Ilhéus Branco e Raso (fig. 3).

O GRUPO DE SOTAVENTO, que inclui as ilhas do Sul, de direcção Nordeste - Sudoeste: Maio, Santiago, Fogo e Brava.

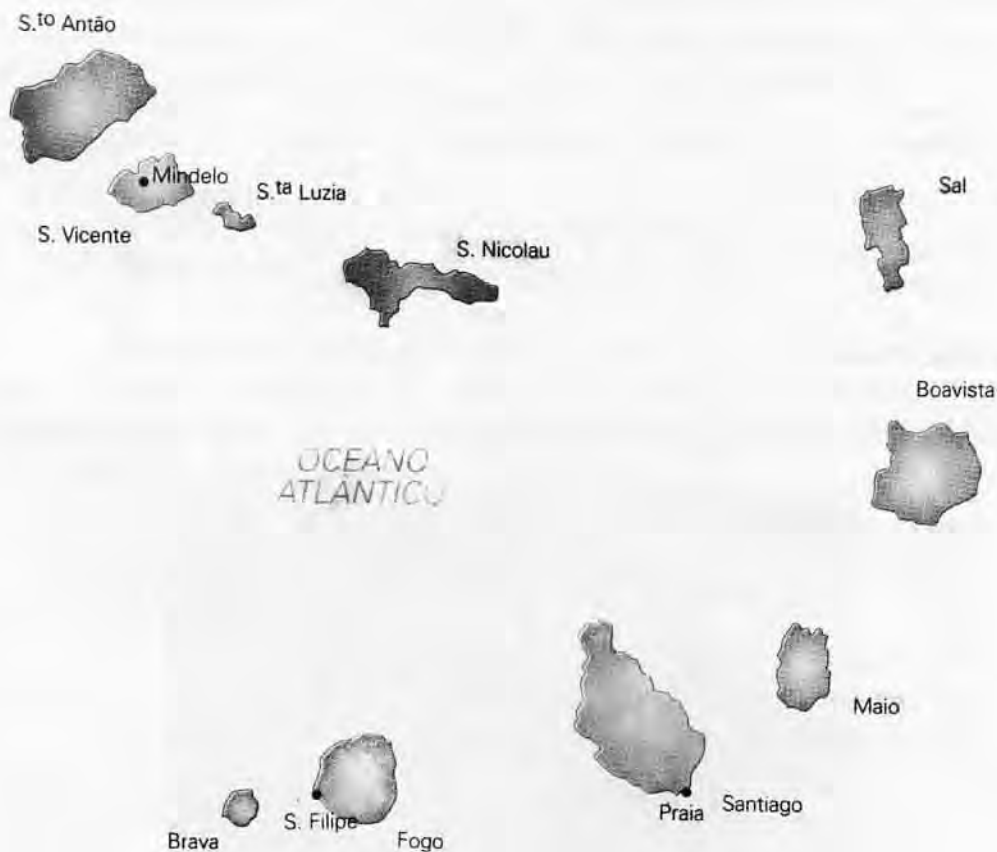


Fig. 2 — Mapa do arquipélago de Cabo Verde

Apesar de a sua localização oceânica, Cabo Verde enquadra-se numa zona climática, caracterizada e pela aridez e pela seca.

Todavia, consoante vários factores (localização das ilhas, altitudes relativas, exposição de vertentes aos ventos e outros) as paisagens são variados e muitas vezes fortemente contrastadas (figs. 4 e 5).



Fig. 3 — A imagem de uma área de condições húmidas: o planalto de Santa Catarina, em Santiago



Fig. 4 — Uma imagem de uma área de grande aridez: as dunas da Praia de Chuva, na Boa Vista

A seca é uma constante do clima caboverdiano. A elevada frequência de anos secos ou de reduzidas chuvas e a concentração das mesmas num curto período do ano põem em causa o desenvolvimento económico do país e marcam profundamente a cultura do povo das ilhas.

A insularidade, como já foi mencionado, é um outro elemento que marca

as paisagens. Os contrastes de altitude e a diversidade do relevo conduzem a uma grande variedade de microclimas e formas de ocupação do espaço.

Uma outra característica do espaço insular é a pequena amplitude térmica, isto é, a diferença entre a temperatura máxima e a temperatura mínima, registada durante o ano. Esta pequena amplitude térmica é devida à acção moderadora do oceano - universo sempre presente no arquipélago.



Fig. 5 — Paisagem marítima



Fig 6 — Paisagem marítima

1.2. CABO VERDE, ILHAS DO ATLÂNTICO E DA MACARONÉSIA

Como vimos anteriormente, Cabo Verde é formado por ilhas vulcânicas, localizadas em pleno oceano. No atlântico N, existem outros arquipélagos também de origem vulcânica: Canárias, Selvagens, Madeira e Açores. Nelas podemos encontrar algumas plantas e animais, sobretudo, répteis, aves e insectos, que também existem em Cabo Verde e que permitiram aos naturalistas reunir todas estas ilhas num único grupo, denominado **Macaronésia**.



Fig. 7 — Mapa das Ilhas Atlânticas

Neste grupo de arquipélagos, Cabo Verde distingue-se por possuir um clima acentuadamente tropical, com chuvas muito concentradas num curto período de tempo, durante a época mais quente do ano - Julho a Outubro.

1.3 - CABO VERDE, ILHAS DO SAHEL

O país está numa zona de climas áridos e semiáridos do Sahara, na faixa de transição entre o deserto e os climas húmidos tropicais. Essa zona é designada por **Sahel** (fig. 10).



Fig. 8 — Mapa do Sahel, do Oceano Atlântico ao Mar Vermelho

Os climas desta zona são caracterizados por uma **longa estação seca**, intercalada por um período de apenas três meses húmidos, durante os quais as chuvas se concentram em alguns dias. Além disso observam-se com frequência anos secos ou de chuvas insignificantes para a produção agrícola e pecuária.

Nos últimos vinte anos tem-se registado uma aridez crescente em toda a zona. O défice hídrico da ordem dos 40% abaixo da média, entre 1968 e 1973 ocasionou graves perturbações ecológicas e económicas.

No arquipélago, a ocorrência de precipitações deve-se à deslocação anual para norte, na época do verão, da **convergência intertropical (CIT) - faixa de grande precipitação resultante do encontro dos ventos alísios provenientes dos dois trópicos**. No entanto, são raras as vezes em que o CIT chega a atingir o arquipélago o que significa que poderão passar muitos e sucessivos anos sem alcançar Cabo Verde, determinando deste modo os períodos de longas secas que assolam o país.

As secas frequentes têm sido responsáveis pelas fomes que, no passado, dizimaram uma boa parcela da população das ilhas.

" Continua a crise agrícola na província. A de 1921, que foi horrorosa, se segue a de 1922, igualmente horrorosa, com um agravamento - o de o povo ter consumido todas as pequenas disponibilidades em roupas, em terras, em gados e jóias - e se achar, por isso, hoje, no último estágio de miséria nua. Sob este aspecto é 1922 pior do que 1921. No ano findo ainda havia dinheiro, circulavam mercadorias, havia transações comerciais. Havia movimento. Neste que vai entrar, o movimento de famintos é menor, muito menor, porque a terra já se encarregou de uns bons 25 000, e a emigração vai levando o que os vapores possam comportar. Mais de 5000 seguiram já para o sul, e mais estão esperando pela vez de embarcar."

In Jornal «A VERDADE» da Praia Ano I nº1, 3 e 4 - Transcrito de António Carneira - Cabo Verde (Aspectos Sociais, Secas e Fomes no Século XX - Ulmeiro 1984.

QUADRO II

PRINCIPAIS CRISES E PERÍODOS DE ESCASSEZ DE COLHEITAS EM CABO VERDE, DESDE O SÉCULO XVI

(Segundo Ilídio de Amaral)

Ano	crises e escassez de colheitas
1580-1582	«Fome grande», referida em carta do bispo D.Frei Pedro Brandão (11.7.1592), sem grandes comentários, mas é significativo o facto de os moradores terem adquirido o hábito de comer carne nos dias de jejum durante «uma grande fome» por não haver outras coisas.
1680	Tremor de terra e saída de lavas no Fogo seguidos de esterelidade, que levou muita gente a transferir-se para a Brava.
1719	Fome em Santiago. Nada se sabe das outras ilhas
1746	Crise mal conhecida; apenas consta de uma representação ao rei, descrevendo o estado crítico do comércio e do povo.
1748 — 1750	Grave, mas mal conhecida.
1754	—
1764	Em especial na Boavista e Sal
1773-1775	Grande fome no Fogo; lestadá traz gafanhotos. A população do Fogo baixa de 5700 para 4200 habitantes; «chegou-se a comer carne humana e a morrer-se de fome». Entre Setembro de 1774 e Fevereiro de 1775 o arquipélago perdeu 22 666 indivíduos. Vende-se gente em troca de alimentos. No Maio e na Brava morreu todo o gado. S.Nicolau também sofre muito. Consequência geral - grande decadência.

- 1789** — Crise atinge de maneira particular a Boavista
- 1790** — Ilhas de Barlavento e Brava. Morre muita gente em 1791; só na de Santo Antão, mais de 800 pessoas.
- 1810** — A esterilidade de 1809 provoca uma crise de fome em que morre muita gente. Governo central, no Brasil acusa governadores e funcionários públicos de desleixo.
- 1813** — Crise em Santiago e Maio, ceifando muitas vidas; a província estava aniquilada pelas anteriores.
- 1814** — Fome na Boavista; uma parte da população foge para o Fogo e S. Nicolau.
- 1816** — Lavas a norte da Chã alcançam o mar em dois dias (Fogo)
- 1825** — Desta vez é Santo Antão a ilha mais atingida pela estiagem do ano anterior. Para socorrer as vítimas da crise o governador Chapuzet utiliza as verbas do comércio da urzela, que constituía exclusivo da Coroa. O governador é demitido.
- 1831-1833** — Fome em todas as ilhas, provocando mortalidade elevada. O arquipélago perdeu cerca de 30 000 habitantes; só em Santo Antão morreram 13 000 pessoas. O Governo da metrópole, ocupado na luta civil que ensanguentava o País, não pode mandar socorros; eles vêm dos Estados Unidos da América, em treze navios carregados de mantimentos, dois dos quais ficaram em Santiago. Fome do Fogo causava horror: entre 1831 (cerca de 17 000 habitantes) e em 1834 (pouco menos de 6000) perdeu mais de metade da população.
- 1845-1846** — Chuvas parciais e escassez de colheitas; apenas em Santiago e S. Nicolau conseguiram colher o suficiente.
- 1847** — Fogo: cratera nas faldas norte do cone principal e na Chã: explosivo no início e depois efusivo, precedido de abalos de terra.
- 1850-1851** — Chuvas fracas e escassez de colheitas, sobretudo nas ilhas de barlavento
- 1852** — Fogo: quatro crateras, depois coalescentes, na Chã, lado norte: explosivo efusivo.
- 1853-1854** — Escassez de colheitas, sendo mais atingidas as ilhas do Sal e Boavista.
- 1854-1855** — Quase não choveu e em todas as ilhas há escassez de colheitas. No Fogo uma epidemia de cólera mata cerca de 800 pessoas; os cadáveres, insepultos dentro de casas e quintais, serviam de alimento aos porcos. De 100 pessoas que ficaram na vila, 54 estavam doentes.
- 1855-1857** — Não houve colheitas nas ilhas de barlavento e do Fogo. Cólera no Fogo e também em S. Vicente e em Santo Antão. Aqui comiam-se troncos de bananeira e carne de burros mortos por inanição.
- 1857** — Fogo: base do cone, lado sul da Chã: efusivo.
- 1858-1860** — Escassez parcial em Maio, em Santiago e na Brava.
- 1860** — 90 000 habitantes no arquipélago.
- 1863-1866** — Crise geral. Estiagens completas em todas as ilhas. Fome horrorosa, em que o grupo de sotavento sofreu mais. As estimativas da população entre 1862 e 1867 dão uma diminuição de 18 000 indivíduos para Santiago e 29 845 para todo o arquipélago. Apenas S. Vicente apresentou um aumento de 353 indivíduos. Embora tivesse chovido de Julho a Novembro de 1864, as colheitas foram escassas, porque faltaram sementes e braços para trabalhar. Da

metrópole e das (Madeira e S.Tomé) foram remetidos auxílios. Emigração em larga escala. Em cinco anos o Fogo perdeu 7 000 almas, isto é, metade da sua população. Seguir-se-ia paludismo e gripe. O erário da província era pobre, o comércio pouco e a navegação da metrópole, quase toda à vela, era reduzida; não havia telégrafo. Socorros chegaram tarde.

1870 — 80 000 habitantes no arquipélago.

1875-1876 — Chuvas fracas e escassez de colheitas, em particular em Santiago (concelho da Praia) e em Santo Antão.

1878 — Fim da escravatura

1883-1886 — Irregularidade das chuvas. Crise geral. Medidas de socorro tomadas a tempo (trabalhos e distribuição de alimentos) evitaram a repetição da mortalidade elevada da crise de 1864. Rendimentos da província eram maiores, o comércio com a metrópole e estrangeiro avultado; navegação muito mais aumentada. Já havia telégrafo. Apesar de tudo morreu muita gente (caso do Fogo)

1889-1890 — Escassas colheitas. Grande miséria em Maio e Brava

1896-1898 — Escassez de colheitas, em especial nas ilhas de sotavento, na ilha de Boavista e no Sal; crise alimentícia combatida a tempo; não houve vítimas.

1890 — 130 000 habitantes no arquipélago.

1900 — 150 000 habitantes no arquipélago.

1899-1900 — Escassez de colheitas. Fome e varíola no Fogo, onde houve grande mortandade, seguindo-se S.Nicolau e Santiago.

1901-1902 — Chuvas irregulares; escassez de colheitas; miséria na Brava, onde morre muita gente (febres) como em S.Nicolau (doença não diagnosticada); Maio com população muito reduzida e o gado morreu quase todo por falta de pastagens; Fogo e Santo Antão, grande miséria.

1903-1904 — Crise com efeitos graves. Santiago perde 1927 indivíduos em 1901 e 2152 em 1902; em 1903 o total subiu velozmente a 10155. Sena Barcelos alude à má vontade de alguns funcionários em acudir à população, que se consideravam inferior e pouco merecedora de socorros.

1905 — 135 000 habitantes no arquipélago.

1910 — 140 000 habitantes no arquipélago. Paludismo e gripe.

1911-1913 — Seca de efeitos atenuados.

1920 — 160 000 habitantes.

1921-1913 — Crise, com fome geral.

1934-1936 — Seca de efeitos atenuados.

1941-1943 — Crise, com fome geral. O Fogo perdeu cerca de 7 500 vidas (13% da população); em segundo lugar S.Nicolau (28%).

1946-1948 — Crise, com fome geral. Santiago perde cerca de 65% da população. A população do arquipélago desce a 140 000 habitantes.

1951 — Fogo: base do cone, lado sul e lado norte, na Chã: explosivos e efusivos. Violentos abalos de terra.

1959-1960 — Seca, de mortalidade nula. Medidas adequadas para garantir alimentação.

A desertificação ou o aparecimento de condições favoráveis à desertificação são dois outros fenómenos que enfrenta toda a zona saheliana. Por isso, com o fito de mobilizar esforços e recursos necessários para levar a cabo uma acção conjunta de preservação e restauração ambiental, os países localizados nesta área criaram uma associação internacional para luta concertada contra a seca e a desertificação designada por CILSS — Comité Inter-Estados de Luta Contra a Seca no Sahel.

Fazem parte do CILSS: Burkina Faso, Cabo Verde, Gâmbia, Guiné-Bissau, Mauritânia, Níger, Senegal, Tchad.

Do ponto de vista sócio- cultural o Sahel abrange uma diversidade de povos e nacionalidades diferentes, que, s vezes compartilham o mesmo terretório e disputam os escassos recursos naturais segundo perspectivas que podem ser divergentes. Do ponto de vista político é constituído por um mosaico de Estados recém independentes onde a economia depende das actividades do sector primário, (agricultura e pecuária) segundo técnicas ancestrais e de baixo rendimento. Os indicadores demográficos e sócio- económicos (quadros III e IV) dos países do CILSS ilustram os graves problemas que estes Estados enfrentam para se libertarem do subdesenvolvimento.

QUADRO III
ALGUNS INDICADORES DEMOGRÁFICOS E SÓCIO-ECONÓMICOS
DOS ESTADOS DO CILSS

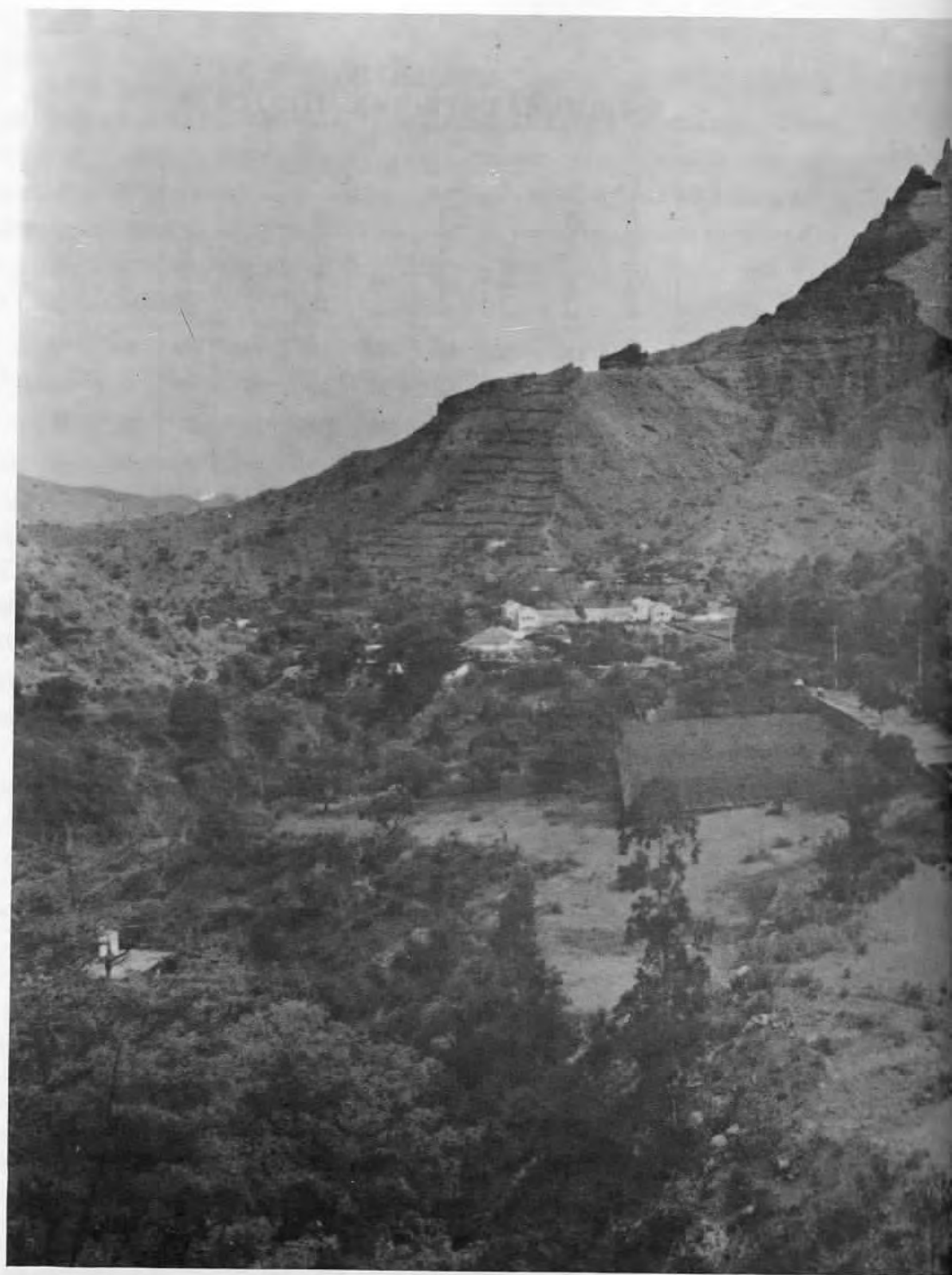
Países	Burkina Faso	Cabo Verde	Gâmbia	Guiné-Bissau	Mali	Mauritânia	Níger	Senegal	Tchad	CILSS	África
Indicadores											
População (milhões)	9,516	0,350	0,886	0,991	8,990	2,048	8,060	7,476	5,819	44	677
Menos de 15 anos	48	44	44	44	46	44	49	47	41	47	45
Pop.Urbana %	13	33	21	27	22	40	15	39	30	48	29
Taxa B..nat. (por mil)	50	40	50	41	50	49	53	46	42	48	44
Taxa B.Mort. (por mil)	18	8	21	22	13	20	19	20	19	18	14
Taxa cres.nat.(%)	3,2	3,2	3,9	1,9	3,7	2,9	3,4	2,6	2,3	3,1	3,0
T. mort. inf.(por mil)	147	44	167	138	102	144	134	86	180	122	102
Esperança de vida	49	66	42	44	56	46	49	45	48	49	53
Superfície Km2	274	4	11	36	1240	1031	1267	196	1284	5343	30312
Habit Km2	35	98	83	27	7	2	6	38	5	8	22
Terras aráveis	35,6	0,4	1,8	3,4	20,9	2,0	36,0	52,3	32,1	176,6	1866
Pop./Km2 ter.arav.	267	985	507	396	430	1029	224	143	182	250	363
PNB/hab 1989(US)	310	760	230	180	260	490	290	650	190	345	610

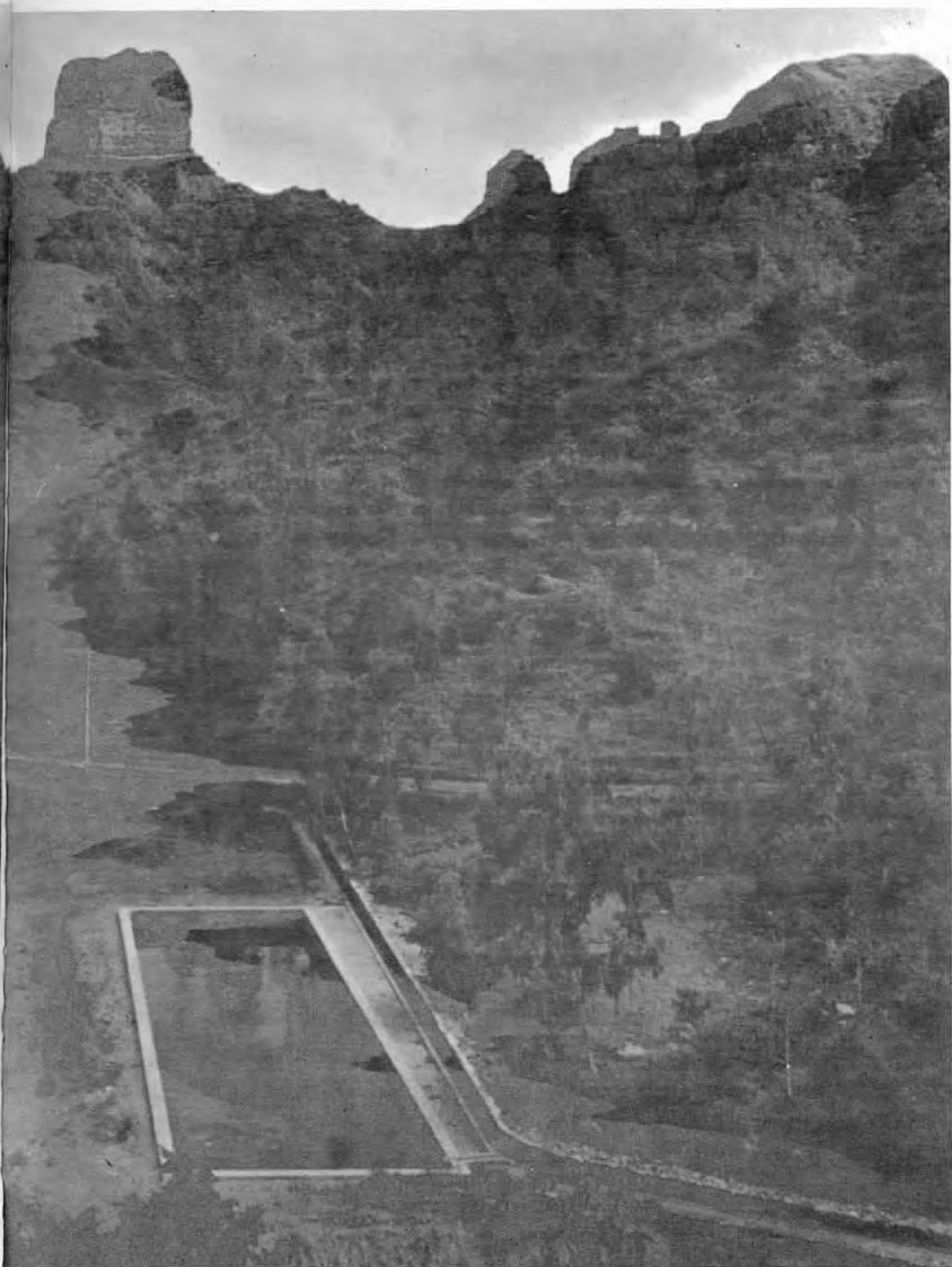
QUADRO IV
ESTRUTURA DE PRODUÇÃO DO CILSS
1991

Países Indicadores	Burkina Faso	Cabo Verde	Gâmbia	Guiné-Bissau	Mali	Mauritânia	Níger	Senegal	Tchad	CILSS
total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Agricultura	35	21	28	52	50	37	36	22	36	33
Indústrias	26	29	15	5	12	24	13	31	20	23
Manufaturas	15	5	9	1	6	0	8	20	16	13
Serviços	39	50	57	43	38	38	51	47	44	44
Taxa de cresc. prod. Média anual (%)	5,0	7,6	1,1	2,3	3,8	1,4	-1,6	3,1	6,5	-



Fig.9 — Estados do CILSS





CAPÍTULO II

O TERRITÓRIO E O AMBIENTE NATURAL

Na viagem pelo Sahel e pela Macaronésia, vimos e apreciámos as ilhas de Cabo Verde na sua localização geográfica e na sua integração na Macaronésia. Ficámos com uma visão panorâmica do arquipélago, no que tem de próprio e de comum com as demais Ilhas Atlântidas.

Prosseguiremos o nosso périplo pelo território nacional, onde começaremos por examinar o seu quadro natural.

Para isso, abordaremos o quadro geológico das ilhas, o seu relevo, o clima, e os tipos de tempo que se fazem sentir no arquipélago, a sua vegetação e os ecossistemas que fazem parte do ambiente natural, para nos determos um pouco na acção humana sobre o ambiente.

2.1. — O QUADRO GEOLÓGICO DAS ILHAS

a) CONTEXTO GEOLÓGICO

As nossas ilhas encontram-se implantadas numa plataforma submarina próxima da costa ocidental africana. Resultaram de manifestações vulcânicas ocorridas ao longo de fracturas que se observam na plataforma sobre a qual as ilhas estão assentes. Este facto justifica o seu alinhamento segundo três direcções principais:

Direcção Noroeste - Sudeste: com as ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau e os ilhéus Branco e Raso.

Direcção Nordeste - Sudoeste: com as ilhas de Santiago Fogo e Brava.

Direcção Norte-Sul: com as ilhas do Sal, Boa Vista e Maio.

A observação da carta submarina permite identificar outros alinhamentos secundários.

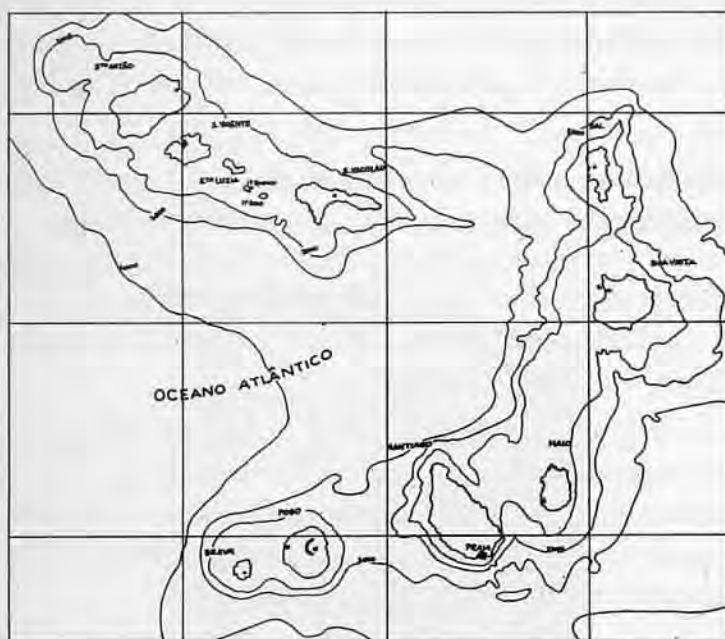


Fig. 10 — Batimetria da bacia oceânica em torno das ilhas

b) ASPECTOS LITOLÓGICOS

Os estudos geológicos levam-nos a concluir que todas as ilhas são de origem vulcânica e formaram-se a partir da acumulação de materiais expelidos nas erupções.

As lavas produzidas nessas erupções originaram rochas vulcânicas, sobretudo da família dos basaltos.

Basalto - é uma rocha vulcânica, geralmente de cor negra e muito densa, formada a partir de lavas básicas emitidas por vulcões. Nesta rocha predominam minerais com ferro e magnésio, e pouca sílica. É a rocha mais abundante em Cabo Verde.

Os basaltos ocupam cerca de 80% da superfície das ilhas.

No conjunto do arquipélago, a ilha Brava distingue-se das restantes pela

predominância de fonólitos, e areias vulcânicas, resultantes de erupções violentas.

O fonólito é uma rocha vulcânica mais **ácida** que o basalto, contém mais sílica. Quando partida, origina um som **metálico**, daí o seu nome. Resulta de uma lava muito **viscosa** que arrefece junto da **cratera** formando elevações muito típicas. Também a sua emissão pode originar erupções vulcânicas violentas.

Rochas granulares - são rochas **magmáticas** que arrefeceram no interior da crosta, em profundidade, permitindo uma diferenciação dos minerais constituintes. A erosão das camadas superiores é responsável pelo afloramento destas rochas à superfície. Em Cabo Verde as rochas granulares mais frequentes são os **gabros**, os **sienitos** e os **carbonatitos**. O gabro é da família do basalto; e o sienito, do fonólito.

Apesar de a grande predominância de rochas vulcânicas, nas ilhas, também se encontram algumas rochas sedimentares. As mais antigas correspondem aos calcários do Maio, da Era Secundária (mais de 65 milhões de anos). As areias dunares e as crostas calcárias constituem as formações mais recentes e têm maior expressão nas ilhas orientais.

As crostas calcárias foram exploradas para a fabricação do cal, principalmente na Boavista e no Maio.

Localmente encontram-se também formações argilosas que têm sido alvo de exploração, para peças artesanais de cerâmica, nas ilhas da Boa Vista, Maio e Santiago.

QUADRO V
PRINCIPAIS ROCHAS DE CABO VERDE

Rochas	Ocupação espacial	% da área total
Basáltica e piroclastos	3 347 Km ²	83
Fonólitos tinguaíticas	347 "	9
Limburgitos	71 "	2
Traquíticas e andesíticas	32 "	1
Calcárias	236 "	5

Fonte: Barcelar Bebiano — Geologia das Ilhas de Cabo Verde

c). EVOLUÇÃO GEOLÓGICA DAS ILHAS

Nos vales, principalmente perto do litoral, podem ser vistas rochas que resultaram das primeiras erupções, responsáveis pela formação das ilhas. Estas rochas encontram-se já muito alteradas daí a sua elevada percentagem de argila. Esta alteração deve-se à sua antiguidade.

Nesta formação antiga, identificam-se muitos **filões**, quase sempre de natureza basáltica, que por vezes nos fazem lembrar caprichosas paredes naturais (Fig. 14). São também visíveis pequenas "**chaminés**" de natureza fonolítica (Fig. 15).



Fig. 11 — Filões basálticos



Fig. 12 — Chaminé fonolítica - Boa Entrada

Junto ao litoral, encontramos com frequência rochas sedimentares como **calcarenitos, conglomerados e areias**. Estas rochas funcionam, quase sempre, como separadores entre as formações de base (antigas) e os basaltos recentes, do complexo vulcânico principal. Entre os basaltos submarinos e os basaltos subaéreos, deste complexo.

O complexo vulcânico principal é, assim, constituído por lavas basálticas de formação subaérea ou submarina e ainda por piroclastos.

As lavas basálticas que arrefeceram em contacto com as águas do mar (basalto submarino) formam rolos semelhantes a almofadas, por isso, são denominadas "**pillow lavas**" ou lavas em almofada (Fig. 16).



Fig. 13 — Pillow lavas ou lavas em almofada

Nas encostas das montanhas e dos vales aparecem basaltos, resultantes da emissão tranquila de lava, intercalados de **piroclastos**, vulgarmente conhecidos por "**jorra**" (Fig. 17). Contrariamente às assentadas lávicas, os piroclastos são fragmentos de rochas resultantes da erupção explosiva. As lavas surgem frequentemente com uma disposição em prismas hexagonais (Fig. 18) ou em lajes, resultantes do seu arrefecimento a seguir à erupção.



Fig. 14 — Piroclastas ou jorra



Fig. 15 — Disjunção prismática no basalto

A última fase eruptiva está assinalada, na maioria das ilhas, por cones vulcânicos bem conservados. Estes cones são frequentes nas achadas próximas do litoral, formando elevações bem destacadas na paisagem. São constituídos por piroclastos cuja alteração superficial lhes confere uma cor avermelhada.



Fig. 16 — Elevação cónica - antigo aparelho vulcânico



Fig. 17 — Monte Vermelho — Praia - um antigo aparelho vulcânico

Na ilha do Fogo, o vulcanismo ainda está activo. Desde início do povoamento (século XV) até à actualidade, registaram-se mais de vinte erupções na Chã das Caldeiras, a última das quais teve lugar no Verão de 1951.

O Pico do Fogo (Fig. 18) corresponde à maior elevação do arquipélago (2.829 m) e a segunda maior elevação na Macaronésia, ultrapassada apenas pelo Teide (3.718 m), no Tenerife - Ilhas Canárias.



Fig. 18 — Pico do Fogo (2.829 metros), cone vulcânico do interior da caldeira

As últimas erupções tiveram lugar em cones **adventícios** (Fig. 19) que se formaram no interior da Chã-das-Caldeiras, na base do vulcão principal. O cone principal - o Pico - possui uma grande cratera no interior da qual se manifesta ainda uma actividade vulcânica secundária (Fig. 20 e 21), pela emissão de gases provenientes do **magma**, num campo de **fumarolas**.

Embora todas as ilhas registem sismos de fraca intensidade, esta actividade é muito mais frequente na ilha da Brava, onde existem também muitas crateras bem conservadas.



Fig. 19 — Cone adventício na Chã das Caldeiras



Fig. 20— Um aspecto do interior da cratera do Pico do Fogo



Fig. 21 — Cristais de enxofre no interior da mesma cratera

2.2 - AS FORMAS DE RELEVO

O relevo do arquipélago é bastante diversificado, apresentando cada ilha a sua especificidade. Sendo ilhas vulcânicas, o relevo é geralmente muito acidentado. Porém, nas ilhas orientais, também denominadas rasas (Sal, Boavista e Maio), predominam formas de relevo planas e pequenas elevações (Fig. 23).



Fig. 23 — Relevo da ilha da Boa Vista



Fig. 24 — Relevo da ilha de Santo Antão

As formas de relevo vulcânicas originais foram geralmente modificadas pela acção erosiva, dando lugar a uma paisagem dominada por vales profundos e estreitos, picos, cimos estreitos e alongados, os cutelos (Fig. 25) e amplas superfícies planálticas, as achadas (Fig. 26).



Fig. 25 — Cutelos e vales profundos — Vista aérea da Serra Malagueta



Fig. 26 — Achada

Também se encontram em todas as ilhas, formas vulcânicas bem conservadas como cones, crateras e caldeiras.

Foi no Fogo que se desenvolveu o cone de maiores dimensões, mais recente e melhor conservado, apresentando 1 190 metros acima da Chã das Caldeiras (Fig. 29).

Em praticamente todas as ilhas podem ser vistos vestígios de cones vulcânicos, em diferentes fases de conservação e a diferentes altitudes que nas ilhas de Santo Antão, Sal, Boa Vista e Brava, constituem os pontos mais elevados.

Existem também crateras no Pico (Fogo), Fundo Grande (Brava), em Viana, (São Vicente) e Topo da Coroa, (Santo Antão).

Para além das formas de relevo vulcânicas, encontram-se outras associadas a rochas sedimentares: são os casos das acumulações arenosas, depositadas sob a acção do vento, que se registam em quase todas as ilhas, muito embora tenham atingido maiores extensões, no grupo oriental (Fig. 28).

Nalguns casos, estas acumulações originam dunas com a sua forma expressiva em crescente, como na praia de Chave, na Boa Vista, onde se pode observar cerca de uma dezena de exemplares, no sul de Santo Antão a oeste do Porto Novo.

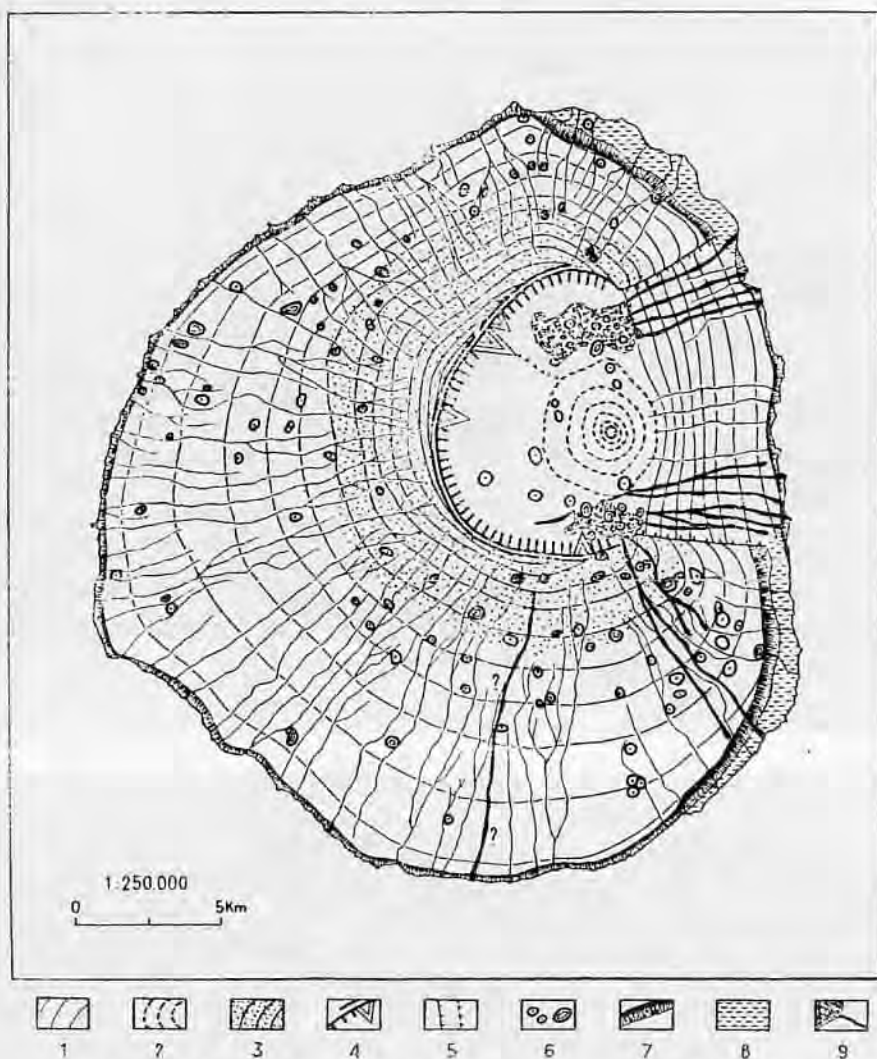


Fig. 27 — Esboço geomorfológico da ilha do Fogo — segundo O. Ribeiro

Legenda: 1 — curvas envolventes (equidistância de 200 m) do cone exterior; 2 — id., do cone interior; 3 — parte cimeira do cone exterior, onde predominam os tufo; 4 — escarpa da Borda e seus espigões transversais (traço simples, menos de 500 m); 5 — escarpas: a cheio, da entrada da Chã; a pontead, transversal da Chã; 6 — cones adventícios com menos (à esquerda) e mais de 100 m (à direita); 7 — arribas; 8 — fajãs; 9 — campos e línguas de lava recentes.

As superfícies planálticas melhor conservadas das ilhas orientais, encontram-se talhadas em crostas calcárias, que ocupam os seus topos.

O litoral é baixo nas ilhas orientais, constituindo praias extensas de areia de cor clara, ou arribas baixas.

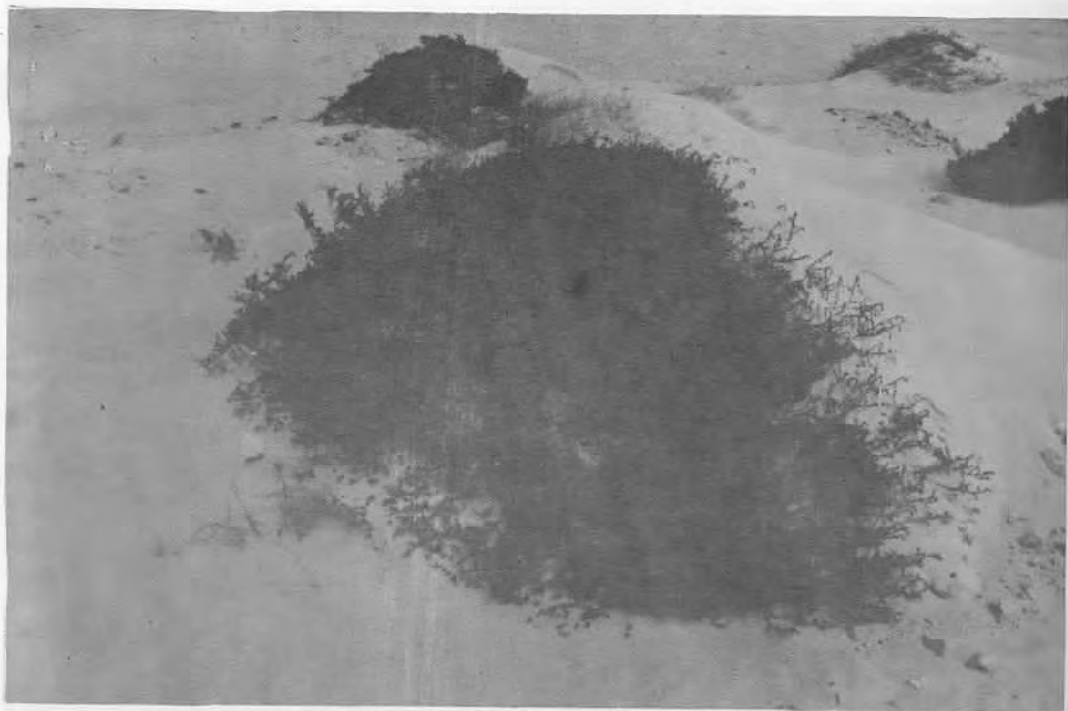


Fig. 28— Acumulação arenosa (Boa Vista)



Fig. 29 — Costa de praia (Boa Vista)

Nas mais ocidentais, as costas são altas e rochosas, de arribas vigorosas, que chegam a atingir centenas de metros (Fig. 30). As praias são encaixadas e desenvolvem-se, sobretudo, no sector terminal de vales.



Fig. 30 — Costa de arriba

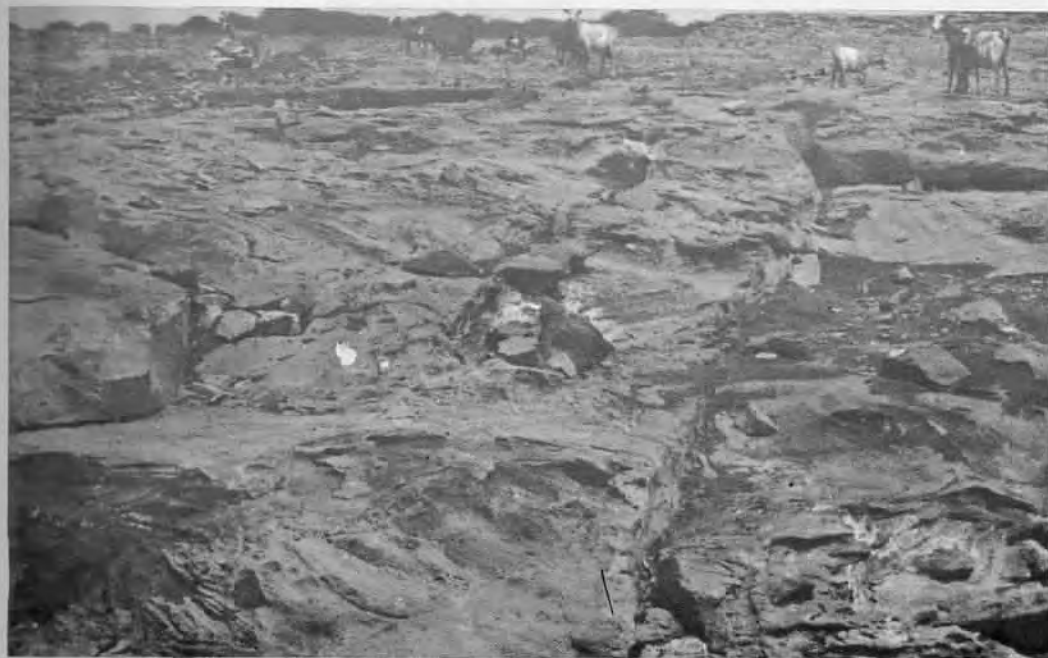


Fig. 31 — Costa calcária, Santa Mónica, Boavista

2.3. EVOLUÇÃO DAS FORMAS DE RELEVO NO QUADRO CLIMÁTICO

A evolução actual do relevo depende das condições climáticas, dos tipos de rochas e do coberto vegetal.

Os principais processos dessa evolução decorre da acção da gravidade, da escorrência superficial, (pluvial geralmente em regime torrencial) do escoamento em leitos organizados, (ribeiras e riachos) da acção antrópica.

Em vertentes com declives acentuados, são frequentes a queda de blocos e a formação de cascalheiras, pela acção da gravidade, a partir das cornijas basálticas que se observam nos topos (Fig. 32).



Fig. 32 — Queda de blocos da cornija no vale de Porto Mosquito

A predisposição dos basaltos em lajes e em prismas e a sua fragmentação facilitam este processo que dá origem a **pedregais** para a base da vertente.



Fig. 33 — Depósito torrencial no fundo de um vale

Por outro lado, quando chove com uma certa intensidade verifica-se a escorrência superficial das águas, sobretudo, nas vertentes de fraca cobertura vegetal, desencadeando a erosão acelerada dos solos.

Nos topos planos das achadas, a escorrência superficial origina campos de pedras (Fig. 34), após a mobilização dos materiais finos. Em vertentes talhadas em rochas pouco consistentes, provoca a formação de ravinas e barrancos.



Fig. 34 — Campo de pedra numa achada

Também os seres humanos são responsáveis pela destruição da cobertura vegetal, tendo em conta as práticas agrícolas que desenvolvem, sobretudo nas encostas, e favorecem os ravinamentos.

Nas ilhas orientais, a acção do vento desempenha um papel importante de modelador de formas de relevo. O vento mobiliza extensos campos de areias(Fig. 35), segundo a orientação geral Nordeste-sudoeste, que podem ameaçar obras de ocupação humana, casas, estradas e culturas.

A acção do vento pode ainda ser responsável pela mobilização de partículas finas, sobretudo nos topos das achadas litorais, mais áridas.



Fig. 35 — Invasão de areia na Boavista

2.4 - O CLIMA E O TEMPO: factores do clima no arquipélago

A **localização em pleno oceano** constitui um importante factor moderador das temperaturas, das ilhas. A variação diurna da temperatura do mar é inferior a 1 °C. Por esta razão, as áreas litorais e as ilhas registam pequenas amplitudes diurnas pelo efeito das brisas. As amplitudes térmicas anual e diurna registam valores baixos, quando comparados com latitudes semelhantes às do continente vizinho (Fig. 36).

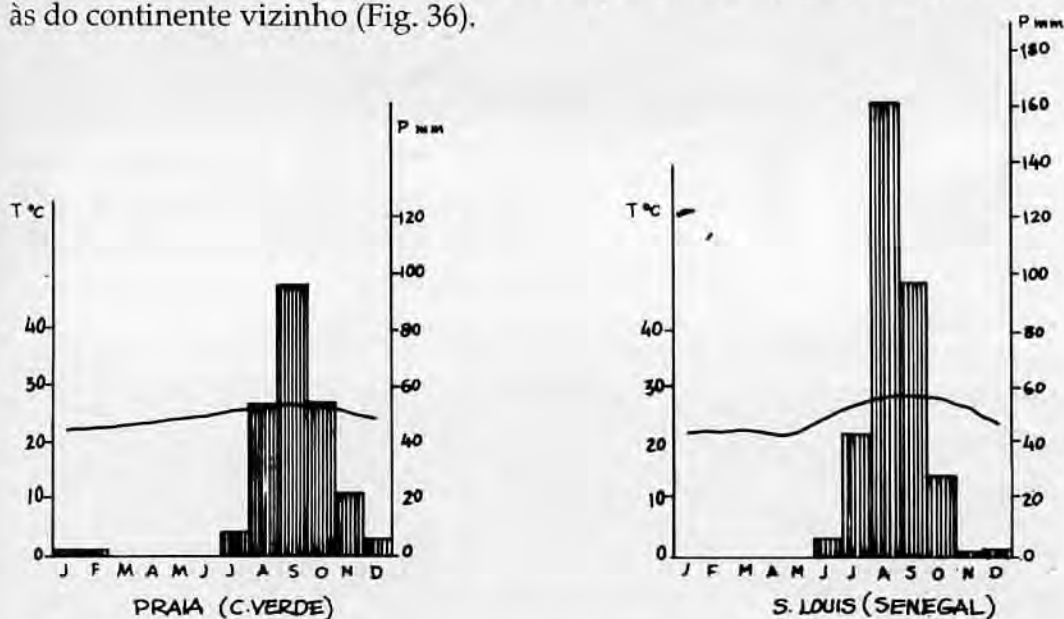


Fig. 36 — Gráficos termo-pluviométricos de Praia (Cabo Verde) e São Luís (Senegal)

A precipitação e a humidade sofrem também a influência marítima devido à existência de uma corrente fria a norte de Cabo Verde - a **corrente das Canárias**.

No tempo de alíseos, a massa de ar proveniente do anticiclone dos Açores é arrefecido em contacto com o mar frio, não criando condições favoráveis à ocorrência de precipitações.

A **latitude** é um outro factor responsável pela diferenciação das características climáticas das ilhas. As ilhas do sul registam chuvas mais frequentes e mais abundantes, uma vez que é maior a probabilidade da Convergência Inter-tropical (CIT) as atingir.

Os extremos Norte e Sul distam entre si mais de dois graus de latitude, ou seja, mais 250 Km, distância suficiente para que haja uma diferenciação climática, particularmente, se tivermos em linha de conta que a Convergência Intertropical avança de sul para norte.

O **relevo** é responsável pela diferenciação em andares bioclimáticos. Mais árido no litoral e mais húmido até a altitude da ordem dos 1500 metros a partir da qual aparece um andar árido de altitude (Fig. 39).

As ilhas orientais (Sal, Boa-Vista e Maio) porque são mais planas e baixas, limitam-se praticamente aos andares árido e semiárido. As restantes ilhas registam uma variação climática que vai do semiárido, no litoral, ao húmido nas montanhas.

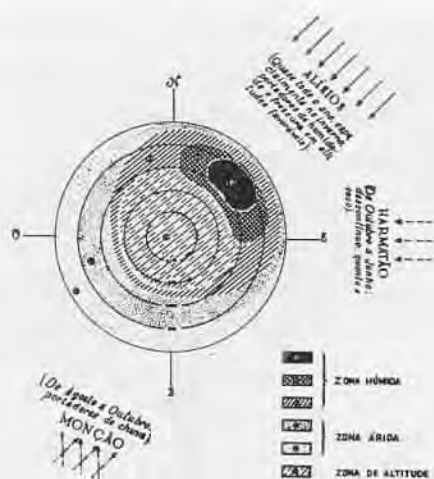


Fig. 37— Distribuição dos andares climáticos numa ilha cônica — segundo G. Barbosa

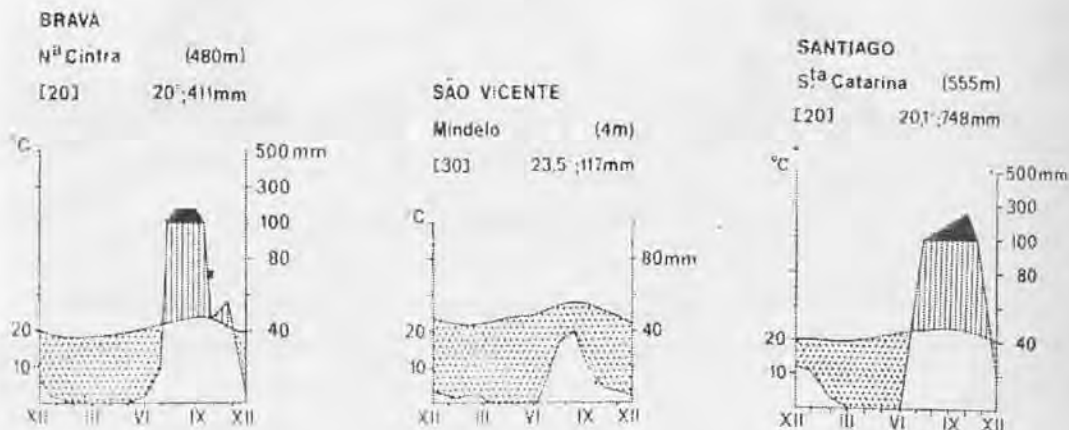


Fig. 38— Diagramas ombrotérmicos de três estações de Cabo Verde
(Extraído do Ilídio do Amaral — Introdução. Geográfica da História de Cabo Verde

Nas ilhas montanhosas as vertentes voltadas a norte e a nordeste são mais verdejantes. Este facto deve-se às **precipitações ocultas** provocadas pelos nevoeiros de altitude, resultantes da subida do ar dos alíseos (Fig. 41).



Fig. 39 — Vertente Norte — Planalto Leste — Santo Antão



Fig. 40 — Vertente Sudoeste — Achada Forte (Santiago)

Assim, como já foi referido, entre os principais factores que influenciam as características gerais climáticas do arquipélago destacamos: a **latitude**, a

localização oceânica, a influência da corrente fria das Canárias. E como factores de diferenciação a nível local o relevo, a exposição aos ventos dominantes, a proximidade do continente.

2.5. - CARACTERÍSTICAS CLIMÁTICAS DO ARQUIPÉLAGO

Já havíamos dito que Cabo Verde se encontra numa extensa zona de climas áridos e semiáridos que se estende por toda a África setentrional, entre o Atlântico e o Mar Vermelho.

As chuvas irregulares, por vezes muito concentradas, sobretudo na época mais quente, são uma das características dominantes do clima caboverdiano.

Nos últimos anos, registou-se uma redução das precipitações globais e o aumento da frequência dos anos secos (Fig. 41).

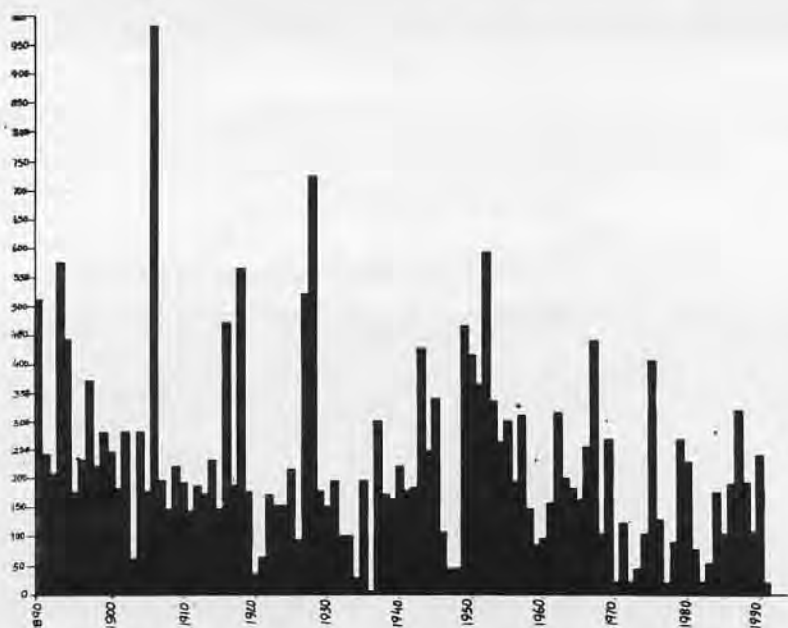


Fig. 41 — Precipitação na cidade da Praia entre 1890 e 1990

No entanto, a reduzida dimensão das ilhas e a sua localização em pleno oceano atenuam um pouco a aridez, favorecendo uma atmosfera com certa humidade e nebulosidade nas montanhas, mas que não originam chuvas.

À semelhança de toda a zona saheliana, o arquipélago apresenta **duas estações contrastadas**, ligadas ao movimento da Convergência Intertropical (CIT).

Estação seca - de Novembro a Junho

Estação húmida - de Julho a Outubro

Os meses de Julho e Outubro são de transição, podendo apresentar as características da estação húmida ou da estação seca, consoante maior ou menor duração anual das precipitações.

2.6. - TIPOS DE TEMPO

Se definirmos como **tempo atmosférico** o estado geral da atmosfera, num certo momento e local - isto é, a temperatura do ar, a humidade atmosférica, a pressão, a direcção e velocidade do vento, a nebulosidade, a visibilidade, podemos avaliar os estados de tempo, num certo período. Nesta óptica o país apresenta, durante o ano, **quatro tipos de tempo** que resultam da direcção do vento e das características das massas de ar em circulação. **Na estação seca**, podemos registar:

Tempo de alísio ou das brisas, com vento geralmente do Nordeste. Este tempo caracteriza-se por um vento fresco, nuvens nas zonas altas que não provocam queda de chuvas. É o tempo mais frequente no arquipélago, durante a estação seca, sendo pontualmente interrompido quer pela invernada, quer pela lestada.

Tempo de invernada, com vento predominante do norte. Com este tempo, o céu apresenta-se muito nublado, podendo ocorrer precipitações fracas nas zonas altas e nas ilhas de Barlavento. Costuma ser frequente entre os meses de Novembro e Fevereiro.

Tempo de lestada ou harmatão, com vento do leste. Caracteriza-se por rajadas de vento quente e seco, proveniente do deserto do Sahara. É o flagelo dos nossos agricultores quando ocorre no tempo das águas. O ar fica muito seco, podendo murchar as culturas. Transporta a bruma seca e por vezes pragas de gafanhotos do deserto.

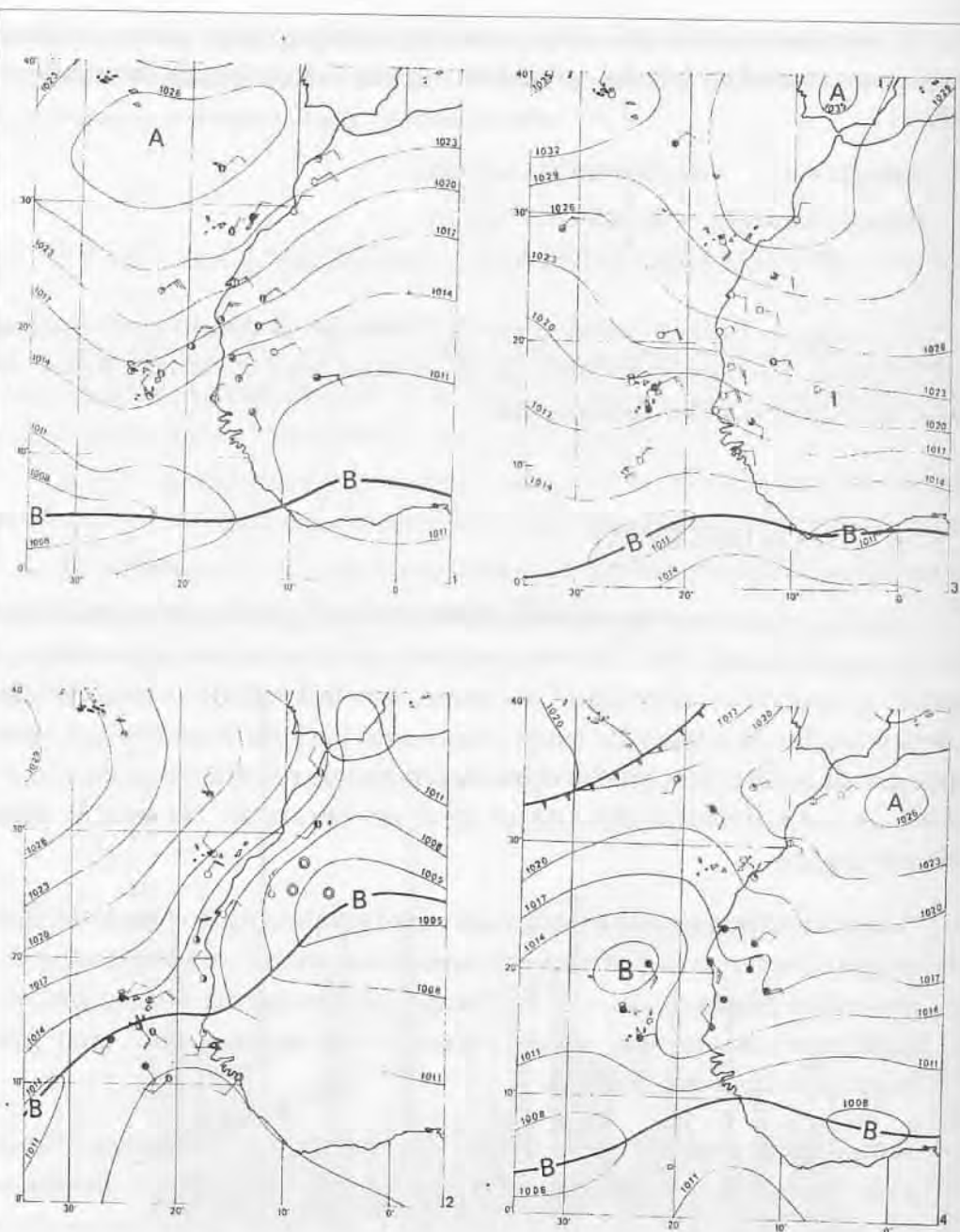


Fig. 42 — Representação de tipos de tempo em Cabo Verde (segundo I. do Amaral, *Santiago de Cabo Verde. A Terra e os Homens*, Lisboa, 1964)

Legenda. — 1. «Tempo seco», aliseos dominantes e massas de ar estáveis; 2. «tempo de chuva», a CIT sobre as ilhas e a monção; 3. situação de «destada», ventos de leste e massas de ar continental; 4. situação de «invernada», com depressão a norte das ilhas. A. centros de alta pressão; B. centros de baixa pressão; e a traço reforçado a posição da CIT.

É **na estação das chuvas**, isto é, entre os meses de Julho e Outubro, que se regista a maior parte das precipitações as quais dependem da presença do ar quente e húmido que acompanha a Convergência Intertropical - Monção. Nesta estação, podemos registar: **tempo de alíseo, de harmatão, ou de Monção**.

Tempo de Monção - Caracteriza-se por um vento de Sul ou Sudoeste, com ar quente e muito húmido e aparecimento de nuvens com desenvolvimento vertical, cúmulos e cumulonimbos – responsáveis por precipitações abundantes, mas dispersas.

Na presença deste tipo de tempo, podem ocorrer casos de verdadeiras inundações numa área, sem que nenhuma gota de chuva tenha caído a escassos quilómetros. Muitas vezes, em condições inesperadas, a foz de uma ribeira, num dia de sol, é surpreendida pela cheia proveniente de uma região montanhosa, a menos de 10 quilómetros.

Os ciclones são Depressões Tropicais, isto é, centros de baixas pressões que originam tempestades violentas com chuva diluviana e vento forte. Apesar de Cabo Verde não estar localizada numa zona devastada por ciclones, pode registar a ocorrência destas tempestades numa média de dois em cada 10 anos.

Não obstante os estragos que ocasionam devido ao vento forte e a chuva torrencial, os ciclones em Cabo Verde são benéficos pela chuva que proporcionam.



Fig. 43 — Cheia resultante duma forte chuvada, Praia, Santiago

2.7 - VEGETAÇÃO, FLORA E FAUNA

COBERTURA VEGETAL

Cobertura vegetal ou coberto vegetal é a expressão da ocupação espacial pelas plantas. Pode ser aberta, fechada, arbórea, arbustiva, herbácea,...; evoca a paisagem resultante da presença de plantas.

Podem descrever-se as características fisionômicas duma formação vegetal sem a necessária identificação das espécies que a compõem: distinguem-se as árvores, os arbustos, as ervas; a presença ou ausência de espaços descobertos, etc.

Actualmente é difícil avaliarmos com rigor qual era a cobertura vegetal do arquipélago antes do povoamento, no século XV. É provável que a actividade humana, ligada à criação extensiva de gado e à agricultura, tenha rompido o frágil equilíbrio ambiental das ilhas e favorecido uma drástica diminuição da vegetação.

No entanto, devemos ter em linha de conta que os ciclos de seca e a curta estação húmida são factores naturais que limitam a o desenvolvimento de uma vegetação arbórea densa, o que justifica uma vegetação espontânea predominantemente herbácea, salpicada de algumas árvores e arbustos.

O impacto da presença humana na cobertura vegetal não pode ser visto apenas negativamente. Depois do povoamento, a flora de Cabo Verde foi enriquecida com a introdução de espécies vegetais de vários quadrantes o que conduziu a um aumento da quantidade e diversidade de espécies arbóreas. Em Cabo Verde não existe cobertura florestal natural. Os perímetros florestais existentes actualmente no arquipélago foram criados na sua totalidade pelo trabalho humano.



Fig. 44 — Perímetro florestal de S. Jorge dos Órgãos, Santiago

O relevo e a exposição aos ventos alíseos criam condições favoráveis a uma diferenciação microclimática, principalmente, em andares.

Por vezes, na mesma ilha, os contrastes, entre o andar árido do litoral e o andar húmido das montanhas, são enormes. Nos andares áridos, a fraca precipitação e o vento intenso, que transporta gotículas respigando salsugem, dificultam o desenvolvimento das árvores; nos andares húmidos, as precipitações caem com maior frequência e os nevoeiros fornecem humidade adicional para o crescimento das plantas.

Aceitam-se como limites no escalonamento da vegetação os seguintes andares:

Andar árido - desde o litoral até altitudes da ordem dos 150/200 metros; as precipitações anuais costumam ser inferiores a 300 mm. Neste andar predomina uma formação herbácea descontínua, poucas árvores e alguns arbustos. As ervas só aparecem na estação húmida pelo que, na maior parte do ano, o solo apresenta-se nu. Actualmente, em todo o território nacional, os andares áridos estão a ser arborizados com espécies resistentes à secura, como a acácia americana (*Prosopis sp.*), purgueira (*Jatropha curcas*) e acácia martins (*Parkinsonia aculiata*).



Fig. 45 — Paisagem típica de achada litoral

Andar semi-árido - localizado entre 150 / 200 metros a 300 / 400 metros de altitude, as precipitações anuais rondam os 300 e 400mm, os arbustos são mais frequentes, e a cobertura herbácea mais diversificada, as culturas de sequeiro ganham uma certa expressão.



Fig. 46 — Vegetação do andar semi-árido , Monte Vaca, Santiago

Andar sub-húmido - situado entre 300/400 metros e 500/700 metros, as precipitações anuais entre 400 e 600 mm, predominam as culturas de sequeiro e espécies arbóreas como o zimbrão, os tamarin-deiros e o espinho branco.

Andar húmido - dos 500/700 metros a 1000/1400 metros encontrámos, as precipitações anuais podem ser superiores aos 600 mm, predominam as culturas de sequeiro, localmente, sobretudo em áreas não cultivadas, encontram-se espécies arbustivas que eventualmente formem mato denso.

É neste andar que pode ser vista a maior parte das espécies endémicas das ilhas.

Os serviços florestais introduziram neste andar algumas espécies de árvores como: eucalipto (*Eucaliptus spp*) cipreste (*Cupressus spp.*) mogno (*khaya senegalensis*) e outros.

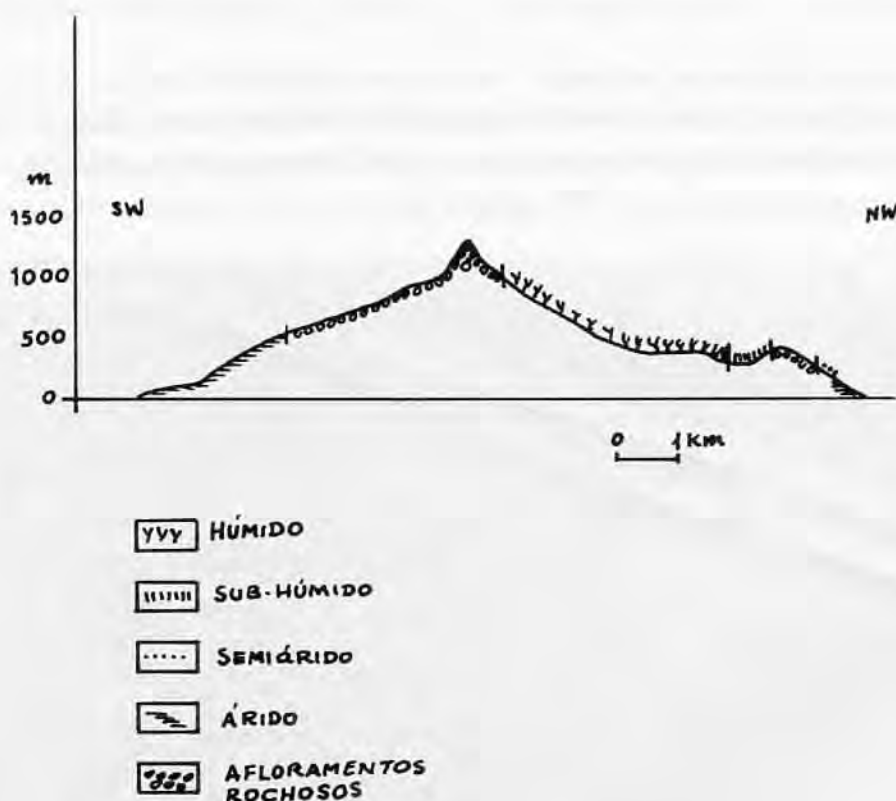


Fig. 47 — Distribuição da vegetação em altitude na ilha de S. Nicolau



Fig. 48 — Mato fechado no andar húmido

Andar árido de altitude - acima dos 1300/1400 metros a humidade diminui, surgindo assim um novo andar árido e estérpico de altitude. Apenas Fogo e Santo Antão registam esta cintura seca, dado que só nestas ilhas o relevo atinge cotas superiores a 1 500 metros.



Fig. 49 — Estepe herbácea de altitude, Santo Antão

A flora caboverdiana

Flora refere-se à identificação da espécie vegetal existente numa certa região. Os indivíduos são identificados segundo as **espécies**, que são agrupadas em **géneros, famílias,....** de acordo com as regras da taxonomia.

O nome científico das espécies deve ser sempre expresso em latim, e com duas designações: a primeira, em letra maiúscula refere-se ao **género**; as duas em simultâneo identificam a **espécie**. Este critério evita a confusão, dado que os nomes vulgares variam de região para região; os nomes científicos são válidos para todos os países. Assim, a denominação de uma nova planta ou de um novo animal descobertos tem de ser registada, a nível internacional

As plantas actualmente existentes nas ilhas tiveram várias proveniências. Umas já aí se encontravam antes da chegada dos povoadores; outras foram trazidas, nos primeiros séculos de povoamento, pelos colonos; outras espécies ainda foram e continuam, voluntária ou involuntariamente, a ser introduzidas.

Consideram-se actualmente três grandes etapas do povoamento vegetal de Cabo Verde, em função quer da área de proveniência das plantas, quer dos processos que conduziram à sua introdução:

Espécies da Macaronésia - São as primeiras que apareceram nas ilhas. É neste grupo de plantas que se encontra a maior percentagem das espécies vegetais endémicas de Cabo Verde.

Espécies semelhantes fazem parte da flora das ilhas Canárias. No entanto, a flora caboverdiana é nitidamente mais pobre, isto é, o número de espécies vegetais genuínas das ilhas é menor.

Neste conjunto encontramos as principais relíquias vegetais de Cabo Verde donde destacamos o marmulano (*Sideroxylon marmulano*), o dragoeiro (*Dracaena draco*), a tamareira cabo-verdiana (*Phoenix atlantica*), a língua de vaca (*Echium vulcanorum*; *Echium hypertropicum* e *Echium stenosiphon*), o tortolho (*Euphorbia tuckeiana*), o lantisco (*Periploca chevalieri*), a losna (*Artemisa gorgonea*), o tarafe (*Tamarix sp.*), e muitas outras plantas aromáticas utilizadas na medicina tradicional.

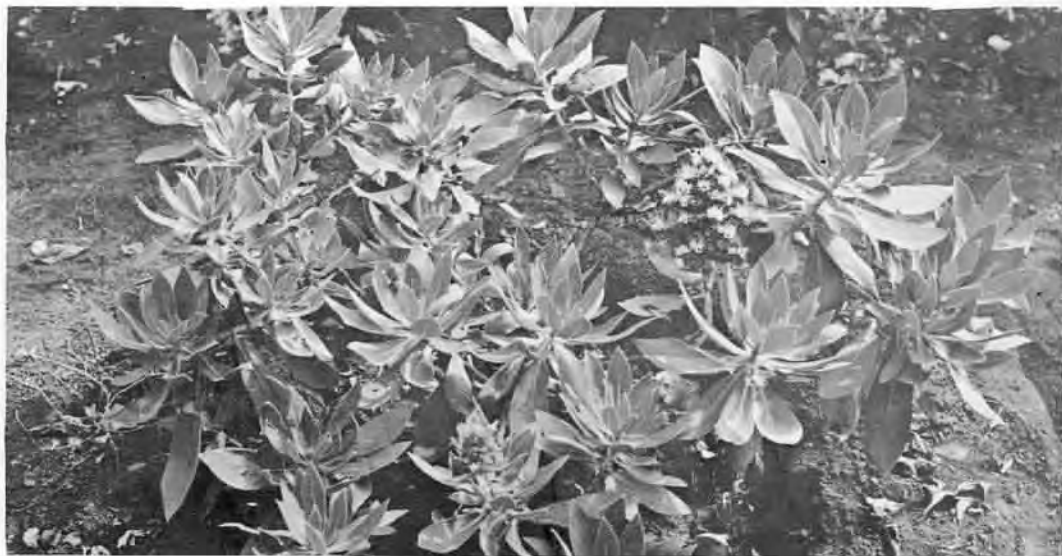


Fig. 50 — Língua de vaca (*Echuim hypertropicum*)



Fig. 51 — Mamulano
(*Sideroxilon marmulano*)



Fig. 52 — Losna (*Artemisia gorgonea*)



Fig. 53— Dragoeiro
(*Dracaena draco*)

Espécies da África tropical, principalmente da zona saheliana. Predominam nos andares baixos. Tudo leva a crer que estas plantas existiam já no arquipélago antes do seu povoamento. A ocorrência de um fraco endemismo, neste grupo, permite especular que esta introdução seja posterior à das espécies da Macaronésia.

No entanto, é provável que muitas plantas africanas tenham sido introduzidas depois do povoamento.

São exemplos de plantas de origem sudano-saheliana como a calabaceira (*Adansonia digitata*), o poilão(*Ceiba pentandra*) (Fig. 54), o tamarindeiro (*Tamarindus indica*) (Fig. 55), a figueira frava (o *Ficus capensis* e *Ficus gnafalocarpa*) (Fig. 56), o zimbrão (*Ziziphus mauritiana*), o espinho branco (*Acacia albida*) (Fig. 57), o bombardeiro (*Calatropis procera*) (Fig. 58), o barnelo (*Grewia villosa*) e mais outras.



Fig. 54— Poilão
(*Ceiba pentandra*)



Fig. 55 — Tamarindeiro
(*Tamarindus indica*)



Fig. 56 — Figueira brava
(*Ficus capensis*)



Fig. 57 — Espinho branco (*Acacia albida*)



Fig. 58 — Bombardeiro (*Calatropis procera*)

As aves, o vento e, eventualmente, as correntes marítimas, terão sido os responsáveis pela introdução destas plantas no arquipélago, uma das características comuns às plantas da Macaronésia e da região Sahelo-sudanesa. Admite-se que existissem antes do povoamento, dado que todas apresentam sementes de pequena dimensão.

Plantas introduzidas pelo Homem - são mais de duzentas espécies, com procedência de quase todos os continentes.

A América deu um grande contributo em plantas alimentares, ervas daninhas e outras utilizadas para os mais diversos fins.

Dada a longa lista, citamos apenas alguns exemplos:

Plantas utilizadas na alimentação: o milho (*Zea maïs*), a fava (*Phaseolus lunatus*), a batata doce (*Ipomoea batata*), a batata comum (*Solanum tuberosum*), o tomate (*Lycopersicum esculentum*);

Plantas utilizadas para outros fins: a lantuna (*Lantana camara*) (Fig. 59), o carrapato (*Furcroya gigante*) (Fig. 60), o sisal (*Agave sisalana*), a purgueira (*Jatropha curcas*) (Fig. 61), o rícino (*Ricinus comunis*) (Fig. 62), entre outros.



Fig. 59 — Lantuna (*Lantana camara*)



Fig. 60 —
Carrapato
(*Furcroya gigante*)



Fig. 61 — Purgueira (*Jatropha curcas*)



Fig. 62 — Ricino (*Ricinus communis*)

Da Europa foram trazidas as primeiras plantas alimentares. No entanto, as características climáticas das ilhas limitaram a sua propagação. A título de exemplo citamos: a vinha (*Vitis vinicola*), a cana-de-açúcar (*Sacharum officinalis*), a macieira (*Malus spp*), a laranjeira (*Citrus spp.*), a figueira-de-Portugal (*Ficus caryca*), etc.

No século XVI e posteriormente, a cana-de-açúcar foi introduzida com base de exploração económica das ilhas atlânticas, desde a Madeira a São Tomé, a par das plantas alimentares.

Actualmente, a cobertura vegetal vem sendo progressivamente alterada pelas actividades humanas, principalmente a agricultura, a criação de gado e a utilização da vegetação como combustível e para a construção civil.

Como já vimos, além da destruição da vegetação, a alteração é feita no sentido da criação de perímetros florestais onde são introduzidas novas espécies.

As plantas da nossa flora representam valores a preservar, principalmente as endémicas, valores patrimoniais da humanidade.

Uma grande parte destas plantas é utilizada na medicina tradicional, muito embora as suas propriedades químicas não tenham sido estudadas convenientemente, pelo que a sua extinção seria um dano irreparável.

Muitas outras espécies vegetais constituem valores do nosso património natural, pelo papel de destaque que têm tido na cultura cabo-verdiana. Merecem, ao lado das plantas endémicas, uma protecção especial, num momento em que a seca e a desertificação e a introdução de plantas exóticas concorrem com estas espécies, no sentido da sua extinção.

Apresentamos, a título de exemplo, algumas plantas que tiveram grande importância na história cultural do arquipélago:

Figueira (*Ficus capensis* e *Ficus gnafalocarpus*) - por ser diferente da espécie existente em Portugal, a *Ficus Capensis* foi uma das primeiras plantas descritas pelos navegadores que chegaram a Cabo Verde. As características da sua madeira permitiram que fosse utilizada em larga escala no fabrico do pilão, das quilhas dos botes e de vários utensílios domésticos como a tagarra, os pratos e tantos outros.

Tinta saia ou **Anil** (*Indigofera tictoria*) - foi utilizado no fabrico da tinta para os panos de terra.

Urzela (*Rocella canariensis*) - líquen aplicado na tinturaria. Em Cabo Verde foi explorado principalmente para a exportação. Juntamente com o sal e os escravos foi o produto de exportação que mais rendimento deu à Coroa portuguesa.

Marmulano (*Sideroxylon marmulano*) - foi usado, sobretudo, na indústria de curtumes. Várias outras plantas foram utilizadas para o mesmo fim, como o **Tortolho** (*Euphorbia turkeiana*) e a **Marcela** (*Astericus spp*).

Dragoeiro (*Dracaena draco*) - a seiva, **sangue de drago**, foi aplicada na medicina tradicional. Chegou a ser exportada e utilizada na indústria farmacêutica e tinturaria.

Purgueira (*Jatropha curcas*) - o óleo extraído do fruto foi empregado largamente na iluminação doméstica e pública. No século XIX, a Câmara Municipal da Praia chegou a lançar concursos públicos para o seu fornecimento, para a iluminação das ruas da Praia. Também é aplicado na medicina tradicional.

Carrapato (*Furcroya gigante*) - as folhas são aproveitadas na cobertura das casas, e a haste das suas flores, na construção civil para confeccionar andaimes. A fabricação de cordas a partir das fibras fez desta planta uma das mais úteis do arquipélago, até algumas décadas atrás.



Fig. 63 — Urzela
(Liquen utilizado
na tinturaria)



Fig. 64 — Tortolho
(utilizado no curtume)

Tortolho – *Euphorbia tuckeyana* Steud - É a planta mais representativa da vegetação cabo-verdiana. A data da descoberta do arquipélago ela devia cobrir a maior parte das terras, formando sobre as ilhas uma estepe com plantas espaçadas, constituindo por vezes nos valeiros e rochedos pouco abruptos verdadeiros matos impenetráveis intercalados de *Echium*, de *Sideroxylon* servindo de suporte às *Periploca* e às *Sarcostema*. Um humus negro espesso depositava-se sob essas *Euphorbia* pela acumulação de folhas mortas e restos da vegetação herbácea dos intervalos. O homem destruiu quase a totalidade desta estepe de *Euphorbia*. Apenas persistem em cantos isolados das altas montanhas e algumas ravinas.

A. Chevalier 1934

Fauna

Fauna corresponde à população de diferentes espécies de animais existentes numa dada região. Tal como dissémos, para a designação das plantas, os nomes científicos das espécies animais devem ser apresentados em latim.

Considera-se selvagem o animal que vive e reproduz fora da convivência humana, com recursos que ele próprio consegue obter no ambiente; e doméstico todo o animal que vive na dependência das actividades humanas.

Em Cabo Verde, como acontece na maioria das ilhas vulcânicas afastadas do continente, a fauna selvagem é relativamente pobre. Praticamente nenhum mamífero terrestre existia aquando da chegada dos primeiros colonos no século XV.

Para garantir o sucesso da colonização, foram introduzidas várias espécies domésticas: cabras, carneiros, porcos, vacas, cavalos, burros, cães e gatos.

Alguns destes animais domésticos passaram à fase semi-selvagem, como sucedeu com o burro, a cabra e o gato e, possivelmente, o coelho. Mas actualmente, apenas o gato vive em regime bravo. O coelho, animal muito voraz no consumo da vegetação, não resistiu à carência de ervas, acabando por se extinguir. As cabras bravias tiveram de ser extintas devido aos estragos que provocavam nas culturas.

E como sempre aconteceu com a presença humana entraram elementos indesejáveis como os ratos, os insectos daninhos e os parasitas.

Não se conhece a data exacta em que foram introduzidos o macaco (*Cercopithecus spp*) e a galinha do mato (*Numida meleagris*). Sabe-se apenas, que foram introduzidos a partir da costa africana.

Grande parte das espécies da nossa fauna terrestre, não doméstica, é constituída por aves, répteis (lagartos e lagartixas) e insectos.

A fauna doméstica é constituída principalmente por animais introduzidos da Europa: boi, cabra, porco, burro, cavalo e aves de capoeira. A selecção destes animais teve em conta a perspectiva económica. Os cães e os gatos são essencialmente animais de estimação.

Nos últimos anos assiste-se à introdução de aves tropicais (sobretudo, piriquitos), criadas em gaiolas.

Na fauna doméstica, a cabra tem sido o animal mais difundido no meio rural.

Avifauna

Existem em Cabo Verde perto de cento e cinco espécies de aves terrestres e marinhas, das quais cerca de quarenta e duas reproduzem localmente. Neste conjunto, vinte e quatro espécies e variedades são endémicas.



Fig. 65 — Garça de Boa Entrada
(*Ardea purpurea burnei*)



Fig. 66 — Francelho
(*Falco trinnunculus*)



Fig. 67 — Asa curta
(*Buteo buteo bannermani*)



Fig. 68 — Passarinha
(*Halcyon leucocephala*)

As aves ocupam um papel importante no equilíbrio ambiental. São na sua maioria insectívoras, pelo que controlam a população de insectos, protegendo assim as culturas.

As aves de rapina são também importantes pelo controle que exercem sobre os ratos no campo e sobre a população de outras aves que, em certos casos, se tornam perigosas para as culturas. Hoje, esta ordem de aves está internacionalmente protegida.

Da nossa fauna destacamos algumas aves de rapina como o falcão, a francedja, o minhoto, entre outras.



Fig. 69 — Fragata (*Fregata magnificiens*)

É errada a ideia de que as aves são prejudiciais para as populações. O corvo, por exemplo, é um grande devorador de insectos, particularmente, de gafanhotos. Há registos históricos do papel destas aves, ao longo dos anos de seca, na destruição dos gafanhotos do deserto que invadiram Cabo Verde.

Espécies consideradas úteis:

Chotas (aves insectívoras): Toutinegra - *Sylvia atricapilla*; Pardal de algodoeiro - *Sylvia conspicillata* *orbitalis*, e Pardal da barbária - *Acrocephalus brevipennis*.

Passarinha (comedora de gafanhotos): *Halcyon lucocephala acteon*.

Falcão, Francelho ou Filili (comedor de lagartos, ratos e talvez gafanhotos): *Falco tinnunculus neglectus*.

Coruja (comedora de ratos): *Tyto alba detorta*.

Corvo (*Corvus ruficollis*) - embora se alimente em parte de sementes de plantas cultivadas, o facto de ser espécie omnívora, que em certos períodos da caça aos gafanhotos, permite considerá-la como não totalmente nociva, pelo que devem ser aproveitados os serviços, parecendo desnecessário considerar a limitação dos seus efectivos.

Espécies muito raras ou em vias de extinção:

Pato marmoreado (*Anas angustirostris*): talvez desaparecido definitivamente das lagoas da Boa Vista.

Saltador (*Falco peregrinus madens*).

Asa curta ou milhafre (*Buteo buteo bannermani*): Já ausente em certas regiões, raro nas ilhas do Fogo e Santiago. Provavelmente em via de extinção; convirá proibir a caça à ave e aos seus ninhos.

Espécies de interesse científico excepcional:

Garça vermelha (*Ardea purpurea burnei*).

Pardal de barbária (*Acrocephalus brevipennis*).

Pardal da terra (*Passer iagoensis*).

Calhandra do Ilhéu Raso (*Alauda razae*).

René de Narois e F. Frade 1964 (Adaptado)

Outra ave importante, que muito tem contribuído para a eliminação das pragas de gafanhotos, é a galinha do mato (*Numida meleagris*), para além de ser uma excelente ave de caça.

Entomofauna

Define-se entomofauna como o conjunto de espécies de insectos que vivem num determinado território.

São conhecidas mais de trezentas espécies de coleópteros e cerca de cinquenta e nove lepidópteros. Muitos insectos foram introduzidos juntamente

com plantas trazidas pelos seres humanos.

O gafanhoto do deserto (*Shistocerca gregaria*) é um invasor que geralmente faz a sua aparição nos anos de seca, transportado pelos ventos de leste.

A história das ilhas regista, desde os princípios do século XVII, a ocorrência de invasões de gafanhotos do deserto, prin-

cipalmente nos anos de fome. Além de pragas de gafanhotos, já foram registadas pragas de grilos e de moscas.

A abelha (*Apis mellifera*) é uma das espécies da nossa entomofauna e a sua presença é significativa na ilha de Santiago. Desconhece-se, no entanto, a data e o processo da sua introdução no arquipélago.

Existem, hoje em dia, pequenas unidades de exploração do mel produzido por esta espécie. Os Serviços Florestais pretendem difundir a apicultura nos perímetros de Acácia americana (*Prosopis juliflora*).



Fig. 70 — Gafanhoto (*Shistocerca gregaria*)



Fig. 71 — Uma estação de apicultura, em Rui Vaz, Santiago

Répteis

Conhecem-se também pelo menos cerca de cinco variedades endémicas de répteis. Na ilha de Santa Luzia e nos Ilhéus desabitados existiram lagartos herbívoros raros (*Macrocincus coctei*), com cerca de 60 cm de comprimento. Estas espécies, se ainda não foram totalmente extintas, estão pelo menos em vias disso.

Entre as variedades de répteis destacam-se os lagartos e as lagartixas, na sua grande maioria espécies endémicas. São, no entanto, espécies muito próximas das existentes nas ilhas Canárias e na Madeira.

O lagarto mais célebre é o *Macrocincus coctei* D. B. descoberto nos ilhéus Raso e Branco, no século XIX. Pode atingir 50 cm de comprimento. É uma espécie muito rara e o risco de se extinguir é eminente.

Outras espécies identificadas são: *Mabuya stangeri* Gray, *Mabuya perrotii* Dum., *Mabuya foguensi* O' shang, *Mabuya delalandei* D.B, *Mabuya vaillanti* Boulgr, *Mabuya salensis* Angel; *Tarentola delalandi* D.B, *Tarentola gigas* Bocage, *Hemidactylus bouveiri* Bocourt, *Hemidactylus brooki* Gray, *Hemidactylus chevalieri* Angel, *Acanthodactylus scutellatus* Audouin.

Fig. 72 — Lagarto



Fig. 73 — Lagartixa

Até princípios da década de setenta, viviam algumas espécies de **camarão de água doce**, nas ribeiras perenes das ilhas de Santiago, Santo Antão e São Nicolau. Com a continuidade da seca, estes crustáceos desapareceram completamente das ilhas.

Fauna marinha

Como acontece em muitos países tropicais, as nossas águas marinhas são povoadas por uma grande variedade de espécies. A maior concentração está localizada na zona oriental do arquipélago - Sal, Boavista e Maio - onde a plataforma é relativamente mais extensa.

Por nos encontrarmos na rota das migrações dos **tunídeos**, durante alguns meses do ano estas espécies são relativamente abundantes na nossa zona económica exclusiva.

O arquipélago dispõe ainda de uma população sedentária de tunídeos, constituída principalmente por *Thunnus albacares* (albacora) e *Thunnus obesus* (patudo).



Fig. 77 — Gaiado



envolvidos ao máximo,
migração reprodutora.
de temperatura, o

Fig. 78 — Atum

Entre os tunídeos migradores destaca-se o *Katsuwonus pelamis* (gaiado) que atravessa as nossas águas de Julho a Novembro.

Fazem ainda parte da fauna marinha cinco espécies de tartarugas: *Chelonia mydas*, *Caretta caretta*, *Eretmochelys imbricata*, *Lepidochelys olivacea* e *Dermochelys coriacea*.

Actualmente as tartarugas são espécies protegidas a nível mundial, pelo que a sua captura não é aconselhável. Além disso, têm pouca importância na alimentação da nossa gente.

.50 CABO VERDE



CABO VERDE 1.00



5.00 CABO VERDE



10.00 CABO VERDE



42.00 CABO VERDE



Fig. 74 — Tartarugas

Existem quatro espécies de **lagostas**: *Scyllarides latus*, *Panulirus echinatus*, *Panulirus regius* e *Palinurus charlestoni*. Este último é uma espécie endêmica de Cabo Verde onde é vulgarmente conhecida por lagosta rosa.



Fig. 75 — Lagosta (*Scyllarides latus*)



Fig. 76 — Lagosta (*Panulirus echinatus*)

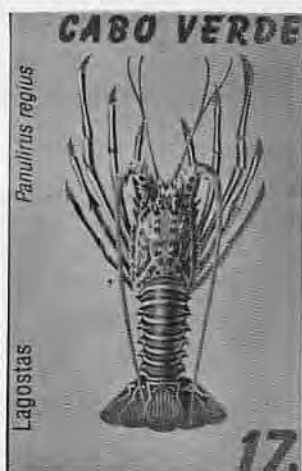


Fig. 77 — Lagosta (*Panulirus regius*)



Fig. 78 — Lagosta (*Palinurus charlestoni*)

Várias outras espécies de animais marinhos já foram identificadas nas águas de Cabo Verde. Não existe, porém, um levantamento exaustivo da fauna marinha. Os cetáceos, principalmente as **baleias**, foram objecto de intensiva captura até finais do século XIX. Pontualmente, são vistos ainda alguns exemplares.

Diversas espécies de **tubarões** vivem nos mares de Cabo Verde, não se conhecendo actualmente a sua população.

A procura de corais teve uma certa importância, no passado. Hoje, as capturas estão suspensas. Os moluscos coníferos têm despertado algum interesse dos coleccionadores de conchas.

Não há também um inventário das espécies das nossas águas marinhas.

POVO

*Conflito numa alma só
de duas almas contrárias
buscando-se, amalgamando-se
numa secular fusão;*

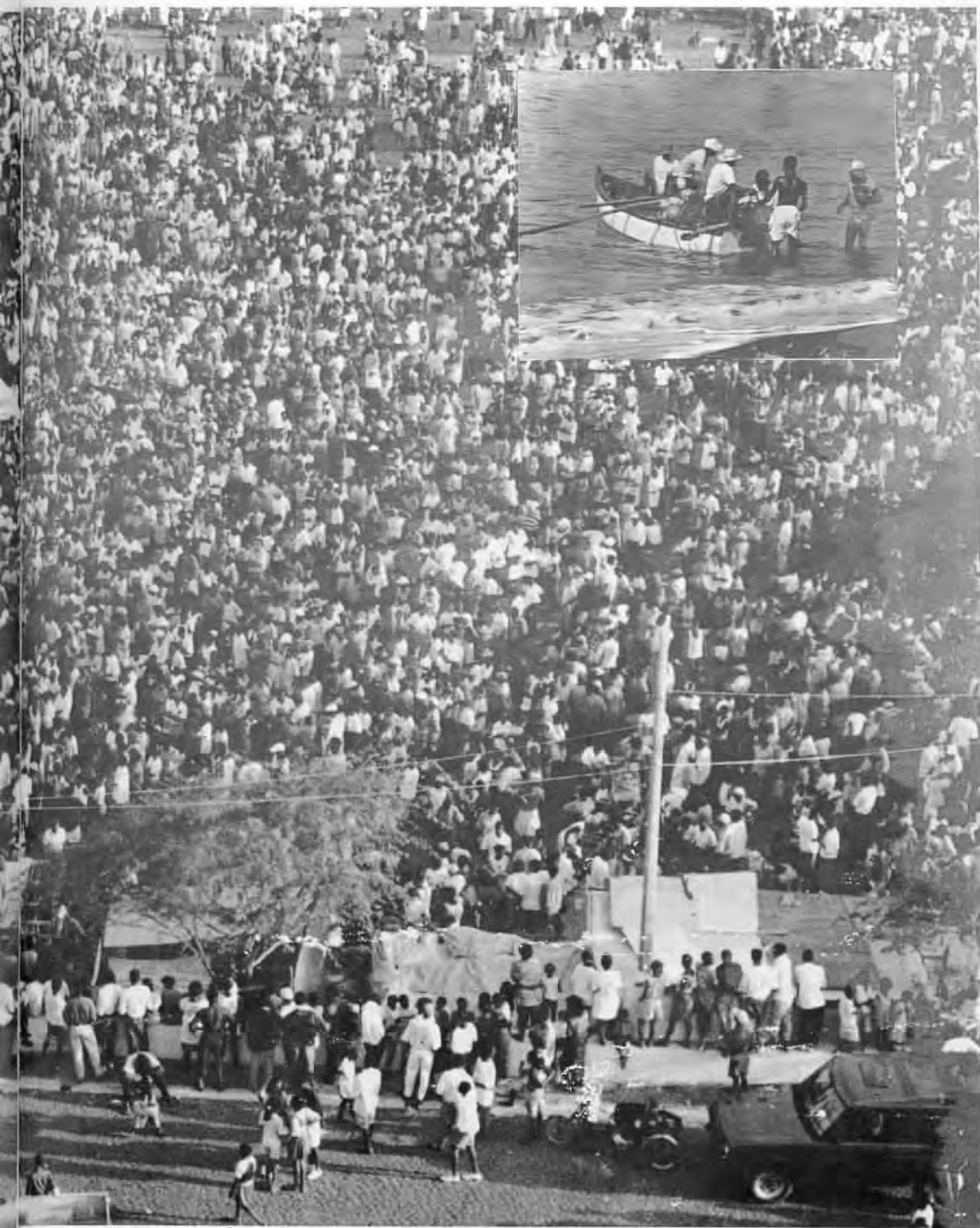
*conflito num sangue só
do sangue forte africano
com sangue aventureiro
dos homens da Expansão;*

*conflito num ser somente
de dois pólos em contacto
na insistente projecção
de muitas gerações...*

*N'alma do povo ficou
esta ansiedade profunda
– qualquer coisa de indeciso
entre o clima tropical
e o espelho de Portugal...*

Jorge Barbosa
ARQUIPÉLAGO





CAPÍTULO III

O HOMEM CABOVERDIANO

3.1 - O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CULTURA CABOVERDIANA

Os caboverdianos são o resultado de um processo iniciado há pouco mais de cinco séculos, mais precisamente, quando os primeiros portugueses se fixaram no arquipélago, em 1462.

Alguns historiadores defendem a tese segundo a qual o arquipélago já era habitado antes da chegada dos primeiros colonos portugueses.

Segundo um documento datado dos finais do século XVIII, que tem sido sucessivamente utilizado para sustentar os argumentos dos defensores desta tese, na ilha de Santiago vivia uma comunidade de Jalofo, que teria fugido do continente e fixado nesta ilha.

....Esta ilha se achou já habitada de muitos homens pretos, que, por tradição se dizia terem procedido de um rei Jalofo, que, por causa de uma sublevação, tinha fugido do seu país com toda a família a buscar refúgio, em uma canoa, na costa do continente do mesmo Cabo Verde. Mas porque foi acometido de uma veemente tempestade de vento leste, que são frequentes nesta Costa desde Maio até Outubro, o ímpeto dos ventos fez aportar a canoa nesta ilha, que fica ao Oeste do mesmo Cabo Verde.

*ANONIMO - Notícia Corográfica e cronológica do Bispado de
Cabo Verde...1784*

Duas ordens de razões têm impedido, até à actualidade, de sustentar esta posição: primeiro, porque as características ambientais das ilhas - a inexistência de plantas alimentares, fauna e flora espontânea - inviabilizariam a presença humana; segundo, até aos nossos dias, não foram localizados vestígios credíveis da presença humana no arquipélago antes das descobertas dos portugueses.

Fosse como fosse, uma eventual presença humana nas ilhas, antes da chegada dos portugueses, de moradores ou de visitantes ocasionais, o que poderia até ter sido possível, pouca ou nenhuma importância tem na caracterização da cultura caboverdiana actual.

A comprovação de eventuais visitantes ocasionais das ilhas, antes de 1462, pouco mais seria que mera curiosidade histórica.

O início do povoamento das ilhas, com base na documentação hoje conhecida, teria começado em 1462, com a fixação dos primeiros habitantes, em Santiago.

As modalidades de fixação dos colonos e a divisão administrativa inicial eram em tudo muito semelhantes às ilhas atlântidas já ocupadas pelos portugueses - Madeira e Açores.

A ilha de Santiago foi dividida em duas capitânias - a do Norte, com sede em Alcatrazes e a do Sul, com sede na Ribeira Grande - entregues respectivamente a Diogo Afonso e António da Nola, navegadores que teriam descoberto o arquipélago.

Volvidos poucos anos, o infante D. Fernando, na altura dono das ilhas, reconheceu as dificuldades inerentes ao processo de povoamento de Cabo Verde, pelo que solicitou autorização ao irmão, o rei D. Afonso, para conceder uma série de privilégios com o fito de atrair colonos para este arquipélago.

Dada a importância estratégica de Cabo Verde na rota da expansão ultramarina, a corôa concedeu os privilégios aos moradores de Santiago. A partir da concessão destas regalias o povoamento ter-se-ia iniciado.

A economia das ilhas centrar-se-ia no comércio e na navegação e Cabo Verde viveria dos recursos da costa da Guiné. Internamente, a criação de gado, em regime bravia, em todas as ilhas e ilhéus, transforma o arquipélago num espaço de pastagem e exportação de peles.

Esta economia dependente de recursos externos entrou em colapso, no século XVII, devido aos sucessivos ataques dos corsários e piratas que infestavam os mares das ilhas, à mudança da rota dos escravos, às crises políticas em Portugal, nomeadamente a perda da independência.

Durante o século XVII dois factos são assinalados pelos historiadores como os responsáveis pela derrocada económica do arquipélago: **a fuga dos homens brancos e da moeda**. Isto é, os colonos europeus perderam interesse pela fixação da residência na Capitania.

Com a decadência do comércio, o destino do arquipélago ficou entregue

aos naturais, constituídos nessa altura principalmente por brancos da terra, mulatos e negros livres.

Admite-se, no entanto, que a existência de um vector do paludismo (*Anopheles gambiae*) e a introdução do plasmodium a partir do continente vizinho, dizimaram rapidamente os europeus que aqui chegavam sem imunização à malária, ao contrário da população nascida nas ilhas, que suportava a doença. Por esta e outras razões, os mulatos começaram, desde muito cedo, a ocupar lugares de destaque na administração.

Nos finais do século XVIII, as ilhas de Cabo Verde foram votadas ao total abandono. A pobreza extrema do arquipélago, as secas sucessivas e o maior interesse da coroa portuguesa por terras mais lucrativas, como o Brasil, são factores que explicam a desolação em que vivia a população, constituída minoritariamente por brancos – autoridades administrativas, eclesiásticos, degredados e militares – e, maioritariamente, por negros e mulatos.

A situação de pobreza quase generalizada e a desorganização da sociedade durante as crises climáticas originaram a derrocada da sociedade escravocrata. Muitos escravos foram libertos durante as fomes, sem que lhes tivessem sido dadas alternativas de vida: terra para trabalhar ou actividade de sobrevivência. Registaram-se casos de indivíduos livres que aceitaram embarcar nos navios como escravos para fugirem à fome que assolava as ilhas.

É neste contexto de dificuldades que se molda a cultura caboverdiana. Nos finais do século XVIII, o crioulo já era a língua veicular em Cabo Verde, falado quer pelos naturais, quer por aqueles que vinham de Portugal.

3.2 ELEMENTOS DE IDENTIDADE

Um dos aspectos que melhor caracteriza o caboverdiano é a mestiçagem, que é sobretudo cultural.

Cabo Verde funcionou e continua a funcionar como escala de navegação. Este facto facilitou a introdução, ao longo da sua história, de indivíduos de vários quadrantes que contribuíram para o reforço do processo de miscigenação ou seja, que do cruzamento de indivíduos de raças, etnias e categorias sociais diferentes, resultasse uma nova cultura.

Como dissémos anteriormente, do ponto de vista étnico, o contingente humano de origem africana que veio para o arquipélago pertencia a vários

grupos étnicos, pelo que eram portadores de hábitos e costumes diferentes. Esta mistura entrou em fusão com a cultura cristã europeia, sobretudo portuguesa, e deu origem ao caboverdiano.

Cabo Verde, possui o crioulo que se tornou a língua materna, de comunicação corrente entre os habitantes das ilhas, não obstante as variantes insulares que, longe de porem em causa a unidade, a enriquecem sobretudo no plano lexical.

Na vida quotidiana, vários aspectos evidenciam o sincretismo da cultura cabo-verdiana: a culinária, a música, as formas de vestir,...

Uma grande parcela dos pratos típicos do arquipélago - a catchupa, o xerém, o cufongo, a djagacida, o cuscus, a feijoada,... - é feita à base do milho (*Zea mais*) de origem americana e feijões também americanos (*Phaseolus lunatus*, *Dolichos lablab*), cultivados em moldes mediterrânicos, tratados em pilões africanos ou em moinhos de pedra típicos do mediterrâneo e cozinhados, à lenha, em fogões de três pedras, como em todo a África negra.



Fig. 79 — Menino bombudo, uma herança africana

O isolamento imposto pela insularidade, a necessidade de intercomunicação entre gentes diferentes num bocadinho de terra, pobre e árida, a necessidade de sobrevivência colectiva, foram factores de solidariedade, de morabeza, que favoreceram o surgimento da cultura caboverdiana. Nessas condições, as barreiras inerentes duma sociedade escravocrata, marcada pela violência, distinção de raças e classes sociais foram superadas.



Fig. 80 — Pilão africano e moínho mediterrânico: encontro de duas civilizações



Fig. 81 — Vestuário típico num dia de feira, em Santa Catarina, Santiago

3.3. CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO E DESENVOLVIMENTO

As várias fomes que tiveram lugar no arquipélago, resultantes das secas registadas ao longo da história das ilhas, reflectiram-se no crescimento demográfico do país.

Entre os princípios do século XIX e a actualidade, a tendência foi de um crescimento rápido, assinalado por quebras bruscas, nos anos de seca acentuada.

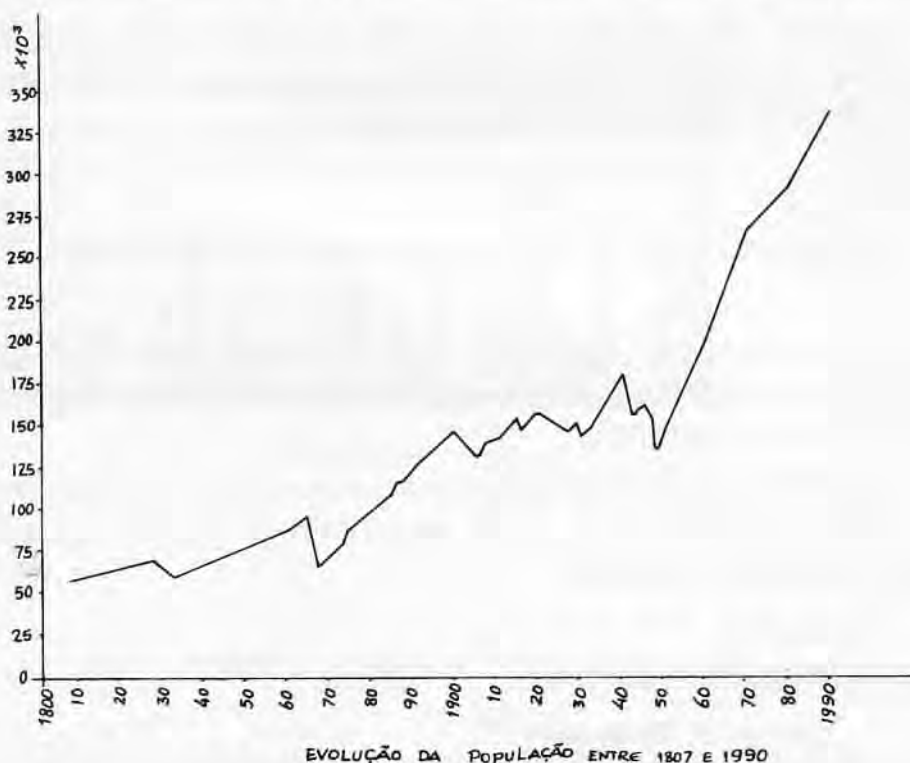


Fig. 82— Crescimento demográfico entre 1807 e 1990

A partir dos finais do século XIX, empurrados pelos longos e persistentes períodos de seca, os caboverdianos começaram a emigrar massivamente.

1947 foi o ano que assistiu à última das grandes fomes que provocou mortandade em larga escala. A partir dos anos cinquenta, e na sequência de algumas medidas administrativas, as secas deixaram de constituir motivo de mortandade generalizada, pelo menos de uma forma tão directa.

É também a partir desta data que o crescimento demográfico registou uma grande aceleração, que só veio a atenuar-se nos anos oitenta.

A emigração constitui uma variável importante no crescimento demográfico de Cabo Verde. Entre 1970/80 e 1980/90 o aumento da taxa de crescimento líquido deveu-se essencialmente ao aumento do saldo migratório, ou seja, a diferença entre indivíduos que saíram e os que entraram num determinado período.

Nesta via, as recentes medidas políticas de fronteiras nos países da OCDE (facilidade ou restrição de entradas) reflectem de imediato no crescimento demográfico em Cabo Verde, devido às variações nos ritmos de crescimento.

À data da independência, Cabo Verde já contava com uma imensa comunidade emigrada, num total semelhante ao de população residente, assunto que abordaremos no capítulo V deste trabalho.

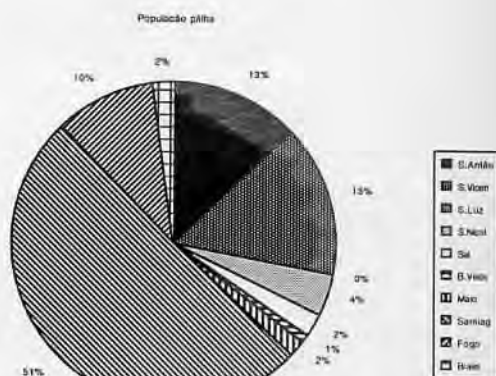
3. 4 - A EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA RECENTE DO PAÍS

Em 1990 residiam no arquipélago 341 941 habitantes. A distribuição no espaço das ilhas acusava uma forte assimetria, tanto no conjunto do arquipélago, como no interior de cada ilha.

Se tomarmos como base de análise a totalidade do país, verificaremos que a ilha de Santiago, com menos de um quarto da superfície, alberga mais de metade da população residente.

QUADRO VI
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR ILHAS EM 1990

Ilhas	População	Percentagem
Boavista	3 452	1,0
Brava	6 975	2,0
Fogo	33 902	10,1
Maio	4 969	1,4
S. Antão	43 827	12,8
S. Nicolau	13 665	4,0
S. Vicente	51 277	15,0
Sal	7 854	2,2
Santiago	175 686	51,4
Total	341 941	100,0



Esta assimetria na distribuição populacional tem vindo a aumentar, nos últimos anos, devido principalmente à migração da população rural para os centros urbanos.

O ritmo do crescimento demográfico tem sido diferenciado, tanto em relação às ilhas, como em relação aos concelhos duma mesma ilha.

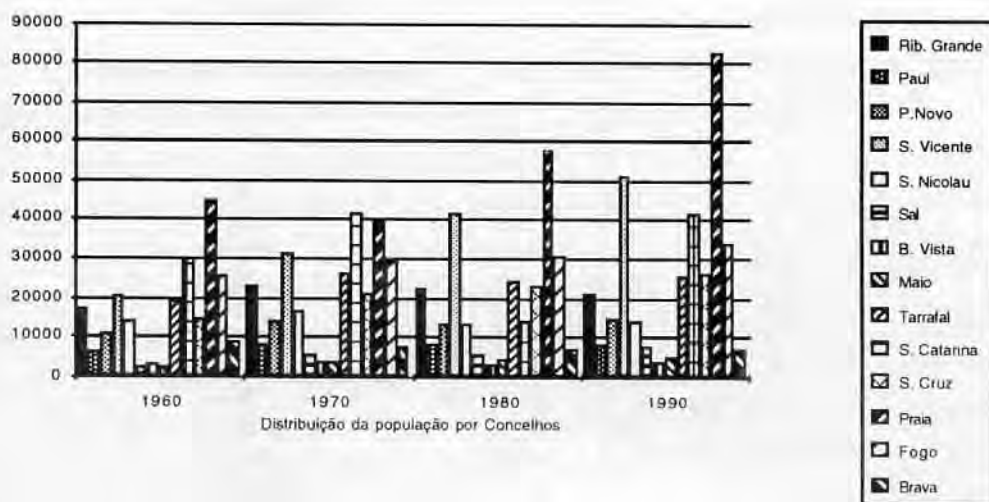


Fig. 83 — Distribuição da população de Cabo Verde por concelhos (1990)

Factores de ordem natural, como o relevo e as potencialidades agrícolas (solos, água e microclimas), de ordem política como o desenvolvimento regional desigual, ou até de ordem histórica, explicam a desigualdade da ocupação do espaço e a diferenciação no ritmo do crescimento demográfico.

A migração das ilhas vizinhas para a cidade da Praia tem provocado o aumento do peso da ilha de Santiago no conjunto do arquipélago. Assim, em 1960 esta ilha representava 42% da população do arquipélago. Em 1970 este peso subiu para 47,5%, em 1980 passou a 49,4%, e em 1990 a 51%.

Se atendermos às estimativas para o futuro, o número total de caboverdianos poderá ultrapassar o meio milhão. Esta cifra atinge esta dimensão se tomarmos em conta a comunidade emigrada, que mantém laços estreitos com o país e reivindica a mesma identidade cultural.

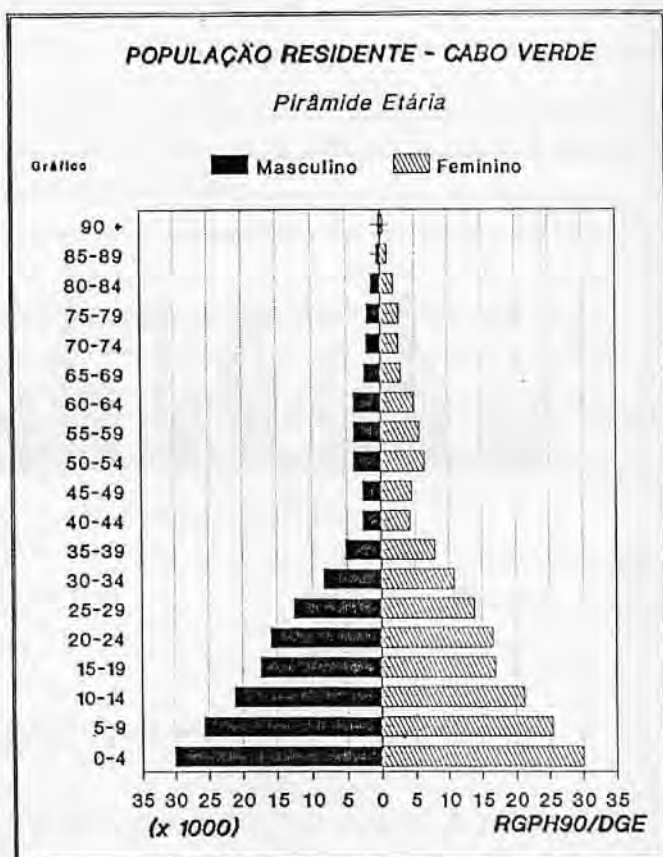
3.5. A ESTRUTURA DA POPULAÇÃO

A estrutura actual recobre uma pirâmide de idades típica dos países com um crescimento demográfico rápido. Alarga-se na base para se estreitar no vértice dado que a população do país é muito jovem.

Fig. 84
— Pirâmide de idades de Cabo Verde (1990)

Cerca de 45% dos habitantes têm menos de 15 anos e 55% menos de 20 anos. O grupo etário 15-29 anos representa 27,3% da população total cerca de 93.170 pessoas (fig. 84).

O peso da população com mais de 65 anos pouco se alterou durante a década de oitenta, tendo passado de 6,1% em 1980, para 5,6% em 1985 e 5,8% em 1990.



A população de idades compreendidas entre 10 e 65 anos (considerada população em idade activa pela Direcção Geral de Estatísticas D.G.E.) atinge 61,6% do total, tendo passado de 176 170 pessoas em 1980 para 210 600 em 1990.

O grupo 15 - 65 anos representa 49,2% do total. Esta população em idade de trabalhar tem aumentado rapidamente desde 1980. Passou para 168 158 em 1990.

Como se poderá verificar, tomou-se como população em idade activa o grupo etário 10 - 65 anos, tal como está definido pela D.G.E.

Nascem anualmente no nosso país cerca de 12 000 crianças e, em 1990, Cabo Verde registava um total de 74.947 mulheres em idade fértil.

O número médio de filhos era de 5,8 por mulher. Contudo, esse valor diferenciava-se de acordo com o meio rural e com o meio urbano. Nos centros urbanos esta média era de 5,2 filhos por mulher e, no campo, de 6,4 filhos. Além disso, as mulheres com baixa escolaridade tinham muitos mais filhos - 7,1 para aquelas sem escolaridade - enquanto as mulheres com o ensino secundário ou com cursos superiores registavam uma média de 3,5 filhos.

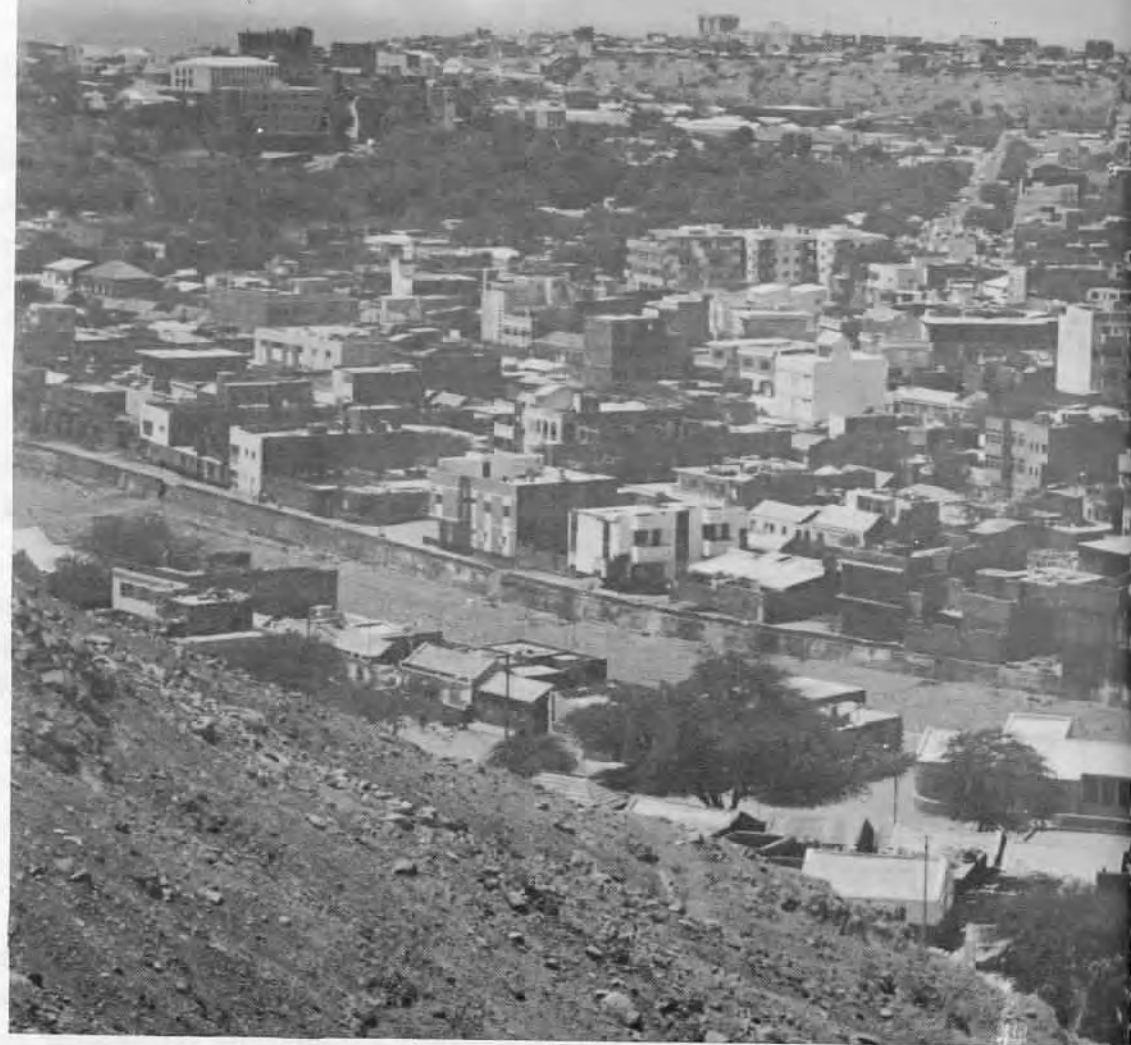
Esta situação demonstra que as famílias mais pobres têm tido um número de filhos que não podem educar condignamente e, muitas vezes, nem podem alimentá-los em condições adequadas, reproduzindo com o tempo a miséria, a subnutrição e a fome.

Torna-se, assim, necessária e urgente a implementação de um programa de educação em matéria de população e vida familiar, a fim de se promover um crescimento equilibrado relativamente aos recursos das famílias e do País.

Actualmente, o serviço de Protecção Materno-Infantil e Planeamento Familiar (PMI/PF) desenvolve programas de assistência junto da população, visando a protecção da saúde das mães e das crianças, além do planeamento familiar.

A **taxa de dependência** - relação entre a população com menos de 15 e mais de 65 anos, e a população em idade de trabalhar (15 a 64 anos) - estagnou durante os últimos anos: de 108 pessoas por cada 100 em idade de trabalhar, em 1980, passou para 103 por cada 100, em 1990. (III PND)

Dos 341 491 residentes em 1990, 161 494 eram homens e 179 997 eram mulheres, o que equivale a quase 90 homens para cada 100 mulheres, o que mostra que as mulheres correspondem a maioria da população do País.



1947 and 1948 showing the city of ...
the city of ...
the city of ...
the city of ...



CAPÍTULO IV

ORGANIZAÇÃO E UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO

4.1 - RECURSOS NATURAIS BÁSICOS:

água, solo, energia, produtos minerais, mar e litorais.

Cabo Verde é um país com grandes limitações em recursos naturais, principalmente, no tocante a matérias primas.

Já tínhamos dito que a origem vulcânica, a pequena superfície, o isolamento podem constituir razões que justificam estas limitações, tanto na diversidade como na abundância. A seca constitui um outro grande estrangulamento, uma vez que a falta de água impede o desenvolvimento de actividades básicas como a agricultura, a silvicultura e a pecuária.

A insularidade e a dispersão aumentam os custos de comunicação, devido ao relevo montanhoso – que dificulta a circulação interna – e ao emparcelamento que requer a criação de várias infraestruturas aéreas e portuárias nas diferentes ilhas.

Apesar de as carências assinaladas podemos destacar alguns recursos naturais que, pela sua importância, contribuem para a vida económica das ilhas.

Também constitui uma grande verdade que Cabo Verde não consegue utilizar plenamente os seus recursos. Razões de ordem técnica, financeira e até cultural são apontadas para justificar o subaproveitamento ou a utilização inadequada dos recursos, num arquipélago onde a pobreza está tão presente.

4.2. RECURSOS NATURAIS E NÍVEIS DE APROVEITAMENTO

Recursos hídricos

A água constitui um bem muito raro em Cabo Verde. O clima seco e as chuvas muito concentradas, numa topografia predominantemente de montanha, que se alia a fraca densidade do coberto vegetal, conduzem ao escasamento dos recursos hídricos.

Nestas condições a insuficiência das águas é justificada por:

- reduzidas precipitações ou chuvas concentradas num curto período de tempo;
- rápido escoamento superficial;
- fraca infiltração num solo muito acidentado e desprotegido;
- infiltração das águas marinhas nas ilhas pequenas.

Águas superficiais

O arquipélago não possui rios nem lagoas. Os cursos permanentes ou sazonais de reduzido caudal são muito raros. Nos anos de seca prolongada essas ribeiras desaparecem.

Na estação das chuvas (de Agosto a Outubro), durante as precipitações, podem ser vistos cursos de água em alguns vales, na sua grande maioria decorrentes das enxuradas provocadas pelas chuvas torrenciais, vulgarmente conhecidas por **CHEIAS**.

Nos vales de maiores dimensões estas escorrências superficiais podem permanecer por vários dias ou até meses.



Fig. 84 — Cheia resultante de chuva torrencial

A água proveniente das chuvas alimenta a agricultura, em quase todo o país, principalmente as culturas pluviais, também denominadas de sequeiro.

Em quase todos os anos perde-se uma grande quantidade de água, durante os dias de precipitações torrenciais. A captação e a utilização posteriores dessas águas constituiriam uma importante iniciativa na preservação e reaproveitamento deste recurso.

No entanto, existem experiências tradicionais como as cisternas que são processos de reserva e aproveitamento da água das chuvas. As ilhas do Fogo e Brava são as que têm mais cisternas para o aproveitamento das águas pluviais.



Fig. 85 — Cisterna familiar, Fogo

Pretende-se, no futuro, como medida para o melhor aproveitamento das águas das chuvas e da escorrência superficial na estação húmida, construir barragens de grandes dimensões e difundir a construção de cisternas pelas populações.

Uma outra medida para a melhoria do aproveitamento de água passa pela modernização das técnicas de rega. Ectivamente, o sistema de rega tradicional, por alargamento, provoca grande desperdício deste recurso.



Fig. 86 — Sistema de rega por alargamento



Fig. 87 — Equipamento de rega gota a gota

Águas subterrâneas

Em todas as ilhas agrícolas existem poços tradicionais que fornecem água para a agricultura e abastecimento das populações. Estes poços são geralmente alimentados pelas águas de escoamento subsuperficial ou aluvionar. A sua profundidade é da ordem dos 8 a 13 metros.



Fig. 89 — Poços tradicionais

Nos últimos anos, e nas áreas próximas do litoral, tem-se verificado a salinização de muitos poços devido à elevada exploração e à persistência da seca que propiciam a infiltração das águas salgadas. Nas ilhas do Sal, São Vicente e Boa Vista grande parte dos poços são de água salobra.

As águas subterrâneas são também exploradas através de furos e galerias. Estes processos são muito caros e exigem meios técnicos modernos. No entanto,



Fig. 90 — Exploração por aerobomba

são eficazes e permitem captar maiores quantidades de água a grandes profundidades.

Actualmente, o sistema de furo é o mais utilizado em Cabo Verde e consiste num poço de pequeno diâmetro—200 mm—cuja profundidade pode ultrapassar os 50 metros. A água é extraída por bombas motorizadas, eólicas, e solares.



Fig. 91 — Furo equipado com motobomba, São Martinho, Santiago

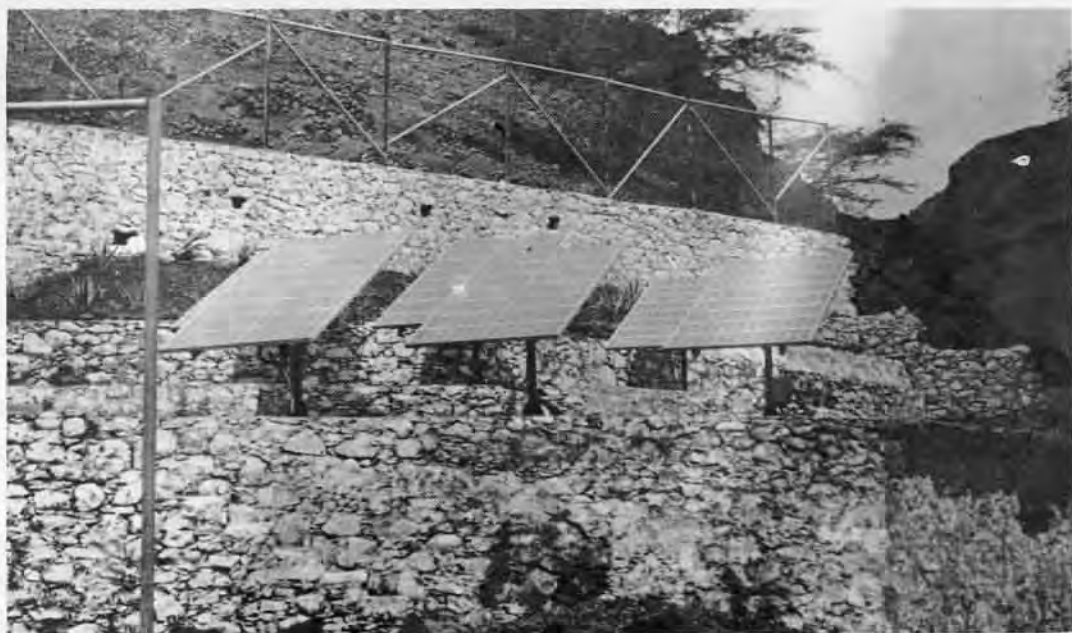


Fig. 92 — Furo equipado com energia solar, Porto Mosquito, Santiago

O sistema de galeria consiste na construção de um túnel horizontal com algumas centenas de metros. A exploração da água dispensa o uso de bombas. A água movimenta-se pela acção da gravidade. No entanto, a escavação de galerias exige investimentos avultados e equipamentos adequados.

Dessalinização

Nas ilhas de São Vicente, Sal e Boavista, as reservas de águas subterrâneas são escassas, pelo que houve necessidade do recurso à dessalinização para garantir o abastecimento à população.



Fig. 93 — Unidade de dessalinização do Mindelo, S. Vicente

Outras formas de obtenção de água

Num território onde a seca é frequente, os recursos hídricos escassos e a procura crescente, deverão ser utilizados todos os meios técnicos disponíveis para obtenção de água.

Nesta via, a captação das águas do nevoeiro é uma possibilidade que não pode ser desprezada. Tem havido experiências nas regiões de altitude, nas ilhas de Santiago, São Vicente, Fogo, Santo Antão e Brava, cujos resultados são altamente encorajadores.



Fig. 94 — Dispositivo de captação de nevoeiro

O tratamento das águas residuais é outra possibilidade de aumentar os recursos hídricos, existindo já uma estação de tratamento da água de esgotos na cidade do Mindelo.

Na cidade da Praia existe uma estação experimental, na localidade da Praia Negra.



*Fig. 95 —
Estação de
tratamento
das águas
dos esgotos*

Solo

Devido à origem geológica (vulcânica) recente, ao relevo, à erosão e ao clima saheliano, os solos são pouco desenvolvidos, pouco profundos e bastante pedregosos, sobretudo nas vertentes de declive elevado.

Geralmente apresentam reduzido teor de matéria orgânica e de azoto, devido a fraca cobertura vegetal. Estão sujeitos à erosão acelerada, provocada pelas culturas intensas pelo regime das chuvas e pelo vento.

As disponibilidades em solo são muito limitadas para um país com forte tradição agrícola. Estima-se para o conjunto das ilhas uma superfície cultivável da ordem dos 38 980 hectares, dos quais 35 620 são terras de sequeiro e 3 360, de regadio.

Uso do solo por andar microclimático

A utilização racional dos solos passa pela observância das normas que regem o funcionamento dos ecossistemas, visando uma exploração sustentável desse recurso.

Relacionando as áreas de sequeiro nos andares microclimáticos, num ano de boas chuvas, temos a seguinte repartição;

andar húmido (600mm) 7 600 ha

andar subhúmido (400 a 600mm) 15 600 ha

andar semiárido (300 a 400mm)..... 11 800 ha

POTENCIALIDADES DE OCUPAÇÃO DO SOLO NAS ILHAS POVOADAS DE CABO VERDE.

QUADRO VII

POTENCIALIDADE DE OCUPAÇÃO DE SOLOS EM CABO VERDE

POTENCIALIDADES	SUPERFÍCIE (ha)	% da área de Cabo Verde
TERRAS CULTIVÁVEIS	38 060	9,7
irrigáveis	3 350	
pluviais	25 827	
agro-silvo-pastoris	9 797	
SILVO PASTORIS	55 457	13,7
floresta de produção	9 050	
floresta de protecção	46 407	
PASTORIL EXTENSIVO	87 164	21,6
INCULTOS	217 110	53,8
TOTAL	492 222	98,8

Energia

A situação energética de Cabo Verde é caracterizada pelo grande peso da importação dos produtos petrolíferos. Por outro lado, a forte procura de lenha para as necessidades domésticas conduz à progressiva destruição da cobertura vegetal, com reflexos no processo de desertificação do país.

Energia de produção local

O combustível doméstico mais utilizado é a **lenha**, com maior expressão no campo - cerca de 60% da população recorre à lenha como o principal combustível. Este consumo tem sido garantido pelos perímetros florestais, criados através de cortes planificados ou clandestinos.

Tendo em consideração a grande procura social da energia e os efeitos nefastos da utilização intensiva do material lenhoso, tem-se procurado formas e fontes de energias alternativas.

A difusão de **fogões melhorados** visa o aumento da eficácia da lenha e do carvão. Espera-se, com isso, a diminuição da pressão sobre os recursos florestais.

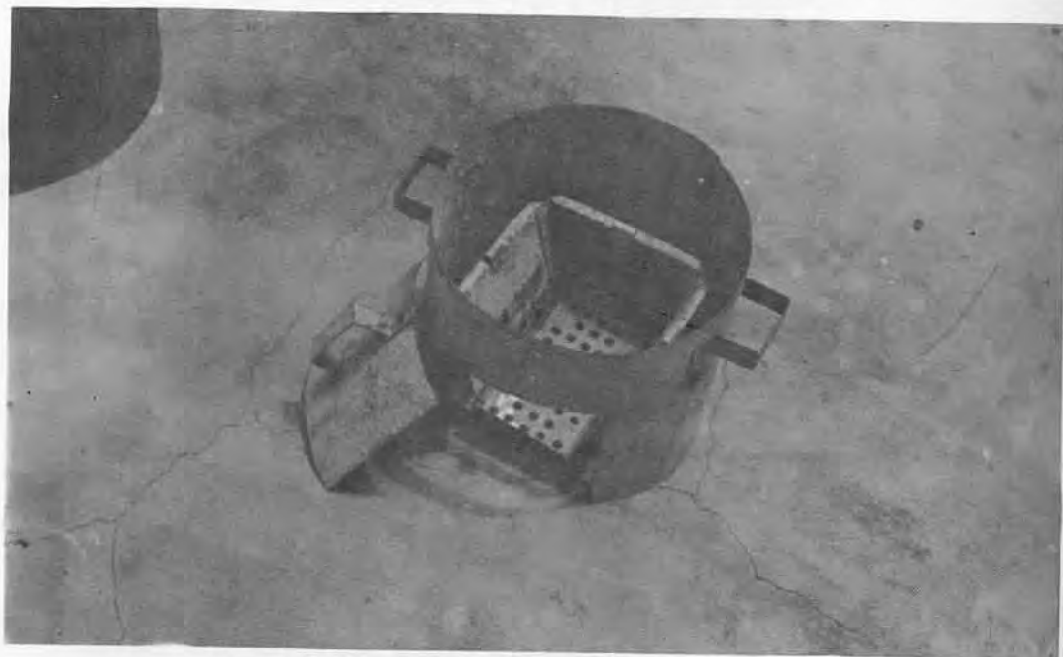


Fig. 96 — Modelo de Fogão melhorado difundido em Cabo Verde



*Fig. 97 —
Modelo de fogão
melhorado difundido
em Cabo Verde*

A utilização **do carvão** é pouco expressiva na sociedade caboverdiana. Maio é o maior produtor do carvão vegetal do qual 90% é consumido nos centros urbanos da Praia e do Mindelo.

O biogás ou o metano é outro combustível obtido a partir da fermentação de restos orgânicos, animal e vegetal.

Os dejectos dos animais fermentados em reservatórios especiais — digestores — ao abrigo do ar, produzem um combustível, (o biogás) utilizado na preparação dos alimentos e na iluminação. A instalação do biogás favorece o saneamento e a higiene do meio e permite a produção de fertilizantes para os campos de cultivo.



Fig.98 — Produção artesanal de biogás, S. Domingos, Santiago

O sol e o vento

O sol e o vento constituem os recursos energéticos mais abundantes em Cabo Verde. A sua utilização é ainda muito limitada. O custo dos equipamentos e sua instalação para a captação e conversão da energia têm dificultado a sua utilização em larga escala.

Os painéis fotovoltaicos convertem a energia solar em energia eléctrica.

São utilizados sobretudo, nas telecomunicações e, pontualmente na extração da água e nas instalações domésticas.

A energia solar pode ainda ser utilizada no aquecimento da água, e na cozinha.

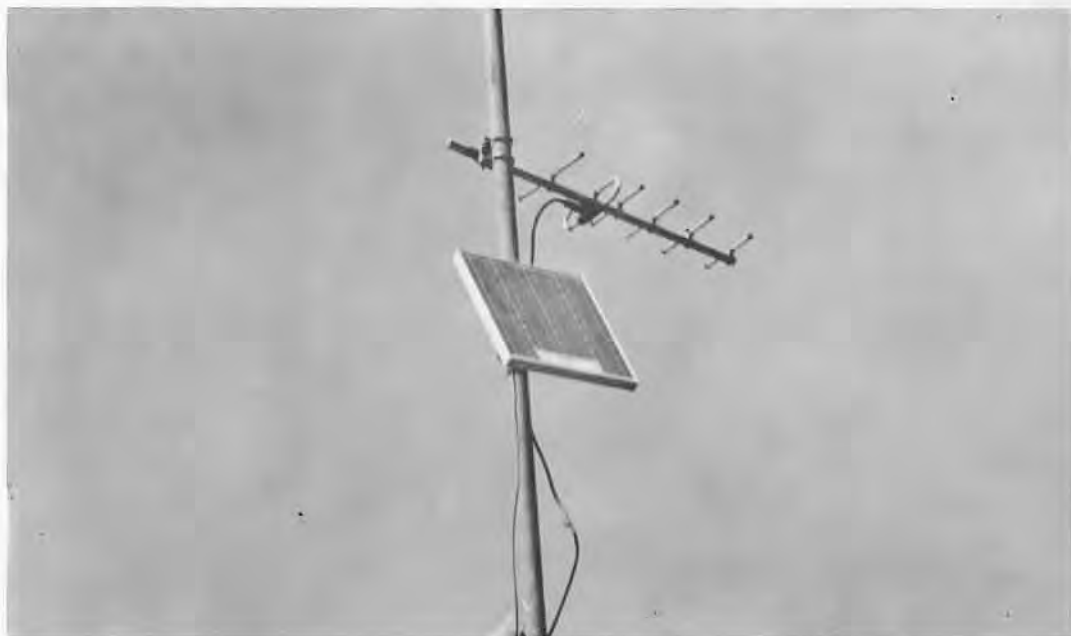


Fig. 99 — Utilização da energia fotovoltaica, em Santiago



Fig. 100 — Utilização da energia fotovoltaica na extracção de água de um poço, em Santiago

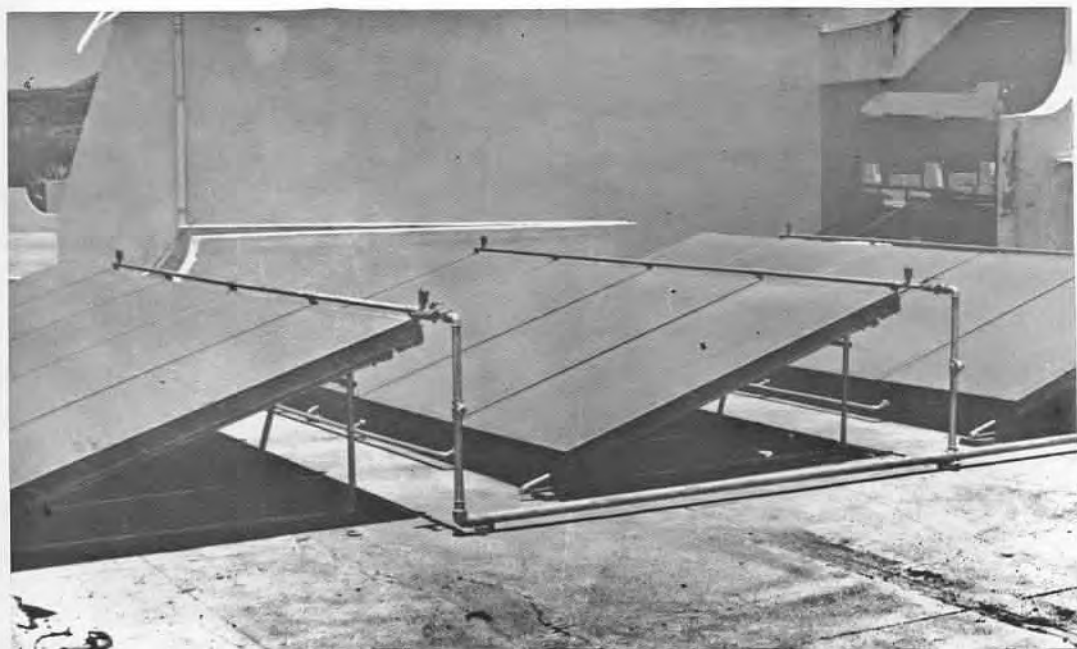


Fig. 101 — Aquecedor e forno solar

A energia do vento é mais utilizada na extracção da água, através das aerobombas, e na produção de energia eléctrica - aerogeradores. Os parques eólicos tem sido utilizados para reforçar a produção de energia eléctrica nos centros urbanos.



*Fig. 102—
Parque eólico
do Mindelo,
S. Vicente*



Fig. 103 — Parque eólico da Praia, Santiago



Fig. 104 — Parque eólico da Assomada, Santa Catarina

Apesar de as grandes potencialidades, a exploração das energias renováveis - o sol e o vento - é fraca e continua muito aquém do desejável. A sua exploração exige o acesso e o domínio de tecnologias adequadas.

Energia importada

O petróleo e seus derivados constituem a maior parte da energia importada por Cabo Verde. Esta energia é utilizada principalmente pelos meios de transportes, na produção da electricidade, na extracção e distribuição da água e no consumo doméstico.

A produção da água absorve, através da dessanilização, cerca de 17% dos consumos finais dos produtos petrolíferos. A irrigação e a bombagem, pouco mais de 2% do consumo e a indústria 2,7%.

Uma parcela dos produtos petrolíferos importados são re-exportados, principalmente através do abastecimento de aeronaves e navios que compram estes serviços nos nossos aeroportos e portos.

Os principais produtos vendidos são: JET-A1 (combustível utilizados nos aviões), o FUEL e o gásóleo (utilizados nos navios) e gasolina para o parque automóvel.

O aprovisionamento e a distribuição dos derivados do petróleo estão a cargo de duas empresas que dispõe de uma capacidade de armazenagem de 161 350 toneladas.

O consumo do Gaz Butano vem registando um ritmo de crescimento muito acelerado. O seu aumento deve-se principalmente à subvenção dos preços e à carência de lenha e a adopção de certos hábitos culturais modernos com cerca de 15 Kg/por habitante - é o mais elevado do continente africano.



Fig. 105 — Reservatórios de combustíveis, na Praia e no Mindelo

A energia eléctrica é produzida quase exclusivamente por geradores diesel. Nos centros urbanos - Praia e Mindelo - a produção de electricidade é assegurada por uma empresa especializada e nos outros concelhos pelas Câmaras Municipais.

QUADRO VIII
PRINCIPAIS FONTES DE ENERGIA UTILIZADAS
NA PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS

	1980	1990	Rural	Urbano
Electricidade	0,64%	0,1%	0%	0,1%
Gás	8,65%	40,9%	11,1%	76,7%
Petróleo	25,24%	3,9%	1,7%	6,7%
Carvão	0,35%	0,1%	0,1%	0,2%
Lenha	55,90%	52,0%	84,5%	12,9%
Outros	8,39%	3,0%	2,7%	3,4%

QUADRO IX
PRINCIPAIS FONTES DE ENERGIA UTILIZADAS
NA ILUMINAÇÃO DOMÉSTICA

	1980	1990	Rural	Urbano
Electricidade	13,9%	24,9%	3,0%	51,3%
Gás	0,52%	3,0%	3,2%	2,7%
Petróleo	83,12%	67,3%	88,4%	42,0%
Elect. e Petrol.	-	1,3%	0,8%	3,0%
Gás e Petrol.	-	2,0%	3,3%	0,4%
Outros	2,40%	1,5%	1,4%	1,7%

Recursos minerais

Em Cabo Verde as reservas minerais são muito limitadas. Desconhece-se a existência de minerais de grande valor económico como o ouro, diamantes, ferro, etc. Os mais abundantes são as rochas ornamentais para construção.



Fig. 106 — Produção industrial de britas



Fig. 107 — Estrada pavimentada a basalto, Santiago

Está em estudo a possibilidade de exploração de rochas granulares, principalmente gabros e sienitos nefelínicos. As argilas são utilizadas principalmente na cerâmica tradicional e no artesanato. As maiores jazidas encontram-se nas ilhas de Boavista, Maio e Santiago.



Fig. 108 — Objectos de cerâmica Boavista

Pozolana - existem importantes jazidas na ilha de Santo Antão, no concelho do Porto Novo. Este recurso conheceu, no passado, uma exploração importante virada para a exportação; a reabertura da exploração em moldes modernos imprimirá uma nova dinâmica ao desenvolvimento da ilha de Santo Antão.



Fig. 109 — Depósito de pozolana

Cimento - a ilha do Maio dispõe de reservas de rochas que constituem matéria prima para a produção do cimento. O projecto de aproveitamento deste recurso encontra-se parado.

Enxofre - existem pequenas jazidas na ilha do Fogo, resultantes do depósito das fumarolâs da cratera do Vulcão.

Gesso - encontra-se principalmente na ilha do Maio. As dificuldades de escoamento paralizaram uma pequena unidade de transformação instalada na localidade de Morro.

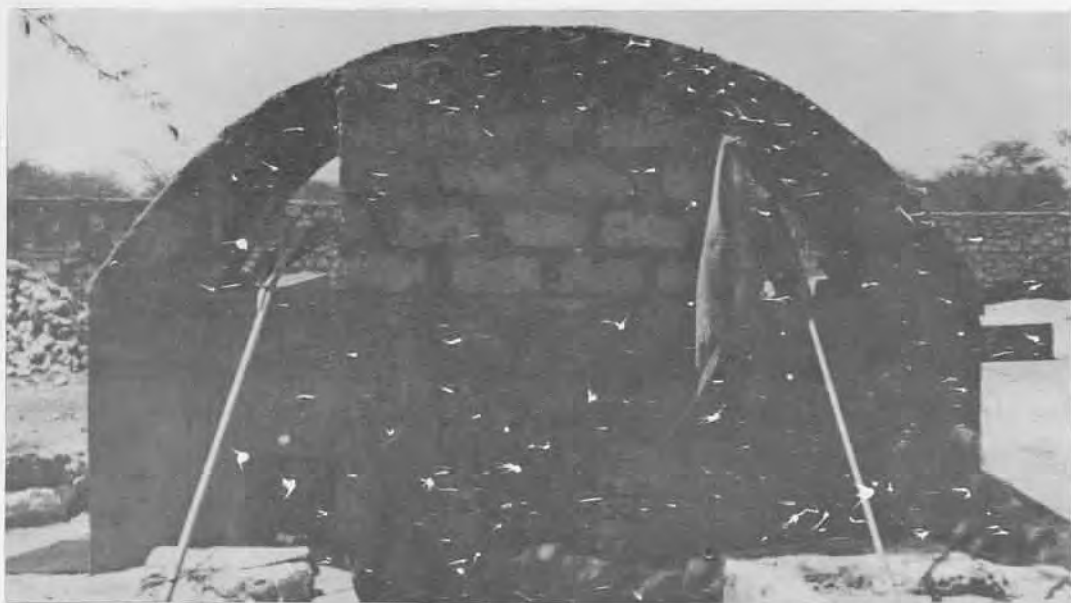


*Fig. 110 —
Produção
do gesso,
no Maio*

Águas minerais - localizadas principalmente nas ilhas Brava, Santo Antão e São Nicolau. A nascente do Vinagre, na ilha Brava, é gazocarbónica. A sua exploração destina-se principalmente ao abastecimento da povoação de Furna e da Nova Sintra.



Fig. 111 — Nascente de Vinagre, Brava

Recursos marinhos e costeiros

O mar é, sem dúvida, o maior recurso natural de Cabo Verde. O País dispõe de uma Zona Económica Exclusiva (ZEE) que abrange uma área de cerca de 630 mil quilómetros quadrados e uma plataforma marinha da ordem dos 10 450 Km quadrados a Maio e Boa Vista correspondem cerca de 56% desta plataforma.

Em 1958 a Convenção das Nações Unidas acordou que os Estados tinham direito de explorar os recursos minerais dos fundos marinhos até a uma profundidade de 200 metros e a uma distância de 22,2 Km da costa - Águas Territoriais. Em 1977, uma nova Convenção das Nações Unidas substituiu a anterior pela Zona Económica Exclusiva (ZEE) que corresponde a 200 milhas náuticas, ou seja, 370 Km, abrangendo a pesca e todos os recursos minerais submarinos.

SMALL, J. CWITHERICK, M. Dicionário de Geografia (adaptado)

O mar constitui um meio de circulação e transporte, um recurso para a pesca, exploração de salinas, desportos náuticos e actividades relacionadas com o turismo mas encontram-se subutilizados. O caboverdiano está muito mais virado para a terra do que para o mar.

Recursos pesqueiros

De acordo com as estimativas da FAO, as potencialidades pesqueiras do arquipélago atingem valores da ordem das 45 mil toneladas/ano, das quais 2 mil de lagostas.

A aquacultura é uma actividade que poderá complementar ou reforçar a pesca, sobretudo, no que diz respeito à produção de crustáceos. Pode ainda ser utilizada na a produção de isco vivo e na valorização dos terrenos marginais do litoral.

Salinas

A exploração do sal teve grande importância na economia do arquipélago, particularmente, no século XIX. As salinas estão localizadas nas ilhas do Sal, Boavista e Maio.

A produção é muito superior às necessidades do país. Actualmente apenas as salinas de Pedra de Lume, no Sal, estão viradas para a exportação; as do Maio vão ser modernizadas para o mesmo fim.



Fig. 112 ←
Salinas
da Pedra
de Lume, Sal

Praias e turismo

O arquipélago dispõe de uma linha de costa da ordem dos 2 000 Km.

A temperatura da água do mar varia entre os 21° e os 27 °C, constituindo um excelente recurso para recreio e turismo. As ilhas orientais - Sal, Boavista e Maio - dispõem das maiores praias.



*Fig. 113 —
Praias
de banho*

4.3 - AS ACTIVIDADES ECONÓMICAS BÁSICAS

Agricultura silvicultura, pecuária, pesca, indústria.

Agricultura

....e os frutos não se dão nesta terra senão de regadio, porque aqui não chove senão três meses no ano s. agosto, setembro, outubro...

DUARTE PACHECO PEREIRA - Esmeraldo do Situ Orbis, Séc.XVI

Apesar do clima caboverdiano ser caracterizado pela aridez, pela seca e mar constituir a maior parcela do território, a ruralidade é um dos aspectos típicos da cultura dos habitantes das ilhas. Cerca de 60% da população reside no espaço rural e a grande maioria define-se como agricultora.



Fig. 114 — Campos cercados, Brava



Fig. 115 — Povoamento disperso resultante do individualismo agrário, Achada Falcão, Santiago

As culturas praticadas estão intimamente ligadas ao regime do cultivo – sequeiro ou regadio –, em tudo dependente das quedas pluviométricas. As culturas de sequeiro variam ainda com os andares micro-climáticos e as de regadio variam em função da disponibilidade de água.

Nas **culturas de sequeiro** predominam associações de milho e feijões, no andar semi-árido; no andar sub-húmido, além dessa associação, encontram-se a mandioca e algumas fruteiras. No andar húmido aumenta a presença de tubérculos, como a batata e a mandioca, do feijão congo e de fruteiras.

A elevada pressão demográfica sobre o solo arável reflecte-se num grande emparcelamento das terras que chega a dimensões economicamente inviáveis. A ocupação dos solos marginais e vertentes das montanhas ilustram a grande procura de terras de cultivo.

Nas ilhas onde a agricultura ganhou maior expressão - Santiago, Santo Antão, São Nicolau, Fogo e Brava - a dispersão da população está intimamente ligada ao emparcelamento das terras, dado que o camponês só constrói preferencialmente a sua habitação na sua parcela.

Nos últimos anos, a incerteza da produção gerada pela frequência das secas, o baixo rendimento nas culturas de sequeiro, têm motivado um progressivo abandono do campo e a concentração demográfica nos centros urbanos.



Fig. 116 — Culturas hortícolas

As **culturas de regadio**, ainda que em áreas muito limitadas, apresentam um rendimento muito mais expressivo, razão por que essas terras são tão disputadas. A introdução de novas técnicas de rega, o uso de sementes melhoradas e outros factores de produção permitiram um aumento significativo da produção agrícola neste sistema.

A água constitui o principal factor limitante da expansão das culturas de regadio. As principais áreas irrigadas encontram-se nas ilhas de Santo Antão, Santiago, São Nicolau, Fogo, Brava e Maio.

Na ilha do Fogo a única área irrigada, o Monte Genebra, é inteiramente artificial, sendo a água, captada ao nível do mar, é elevada por bombas eléctricas, a cotas superiores a 200 metros, onde se encontram os campos de cultivo.

Em Santo Antão a principal cultura de regadio é a cana sacarina. Existem, no entanto, algumas fruteiras. Nas restantes ilhas, as culturas hortícolas ocupam quase a totalidade dos perímetros irrigados.

Na ilha de Santiago, além das culturas hortícolas, o cultivo de bananas e de outras frutas são os mais importantes.

A horticultura representa talvez a única área em que Cabo Verde pode ser considerada de auto-suficiente, em matéria de produção agrícola.



Fig. 117 —
*Fruticultura
irrigada*

Silvicultura

Acabamos de frisar que o potencial agrícola do arquipélago é bastante precário. A área cultivável é de aproximadamente 10% (cerca de 0,2 ha/hab), o que origina uma forte pressão demográfica sobre a terra arável. Esta situação tende a agravar-se com o crescimento demográfico, que é da ordem dos 2,6% ao ano.

A melhoria da qualidade de vida no espaço rural exige a utilização racional das terras não cultiváveis com actividades produtivas e a promoção simultânea do combate à desertificação, como forma de proteger o ambiente.

Nesta via, a arborização dos andares áridos e semiáridos e a criação de perímetros florestais têm por finalidade a valorização das terras marginais e a criação de recursos conducentes ao desenvolvimento.

A criação de perímetros florestais tem sido acompanhada da implantação de infraestruturas de conservação de água e do solo como diques, banquetas, muretes,... com o objectivo de valorizar perto de 90% do território nacional sem vocação agricultura.

Cerca de 80% da área arborizada está localizada nos andares áridos e semiáridos e tem por finalidade a restauração dos ecossistemas, a produção de combustível lenhoso e de pasto; 20% da área arborizada encontra-se nos andares húmidos - montanhas - com função essencialmente de conservação do solo e da água, produção do pasto e, pontualmente, de madeiras.

Todos os perímetros florestais de Cabo Verde foram implantados pelos trabalhadores rurais e serviços técnicos. Assim sendo, as zonas arborizadas são integralmente o resultado do trabalho do caboverdiano de ontem e de hoje, razão por que as nossas árvores merecem toda a nossa protecção e carinho, tendo ainda em conta a sua fraca densidade e forte vulnerabilidade.

Desde os princípios do século XX foram tomadas várias medidas administrativas com vista à criação de florestas em Cabo Verde. Mas só a partir de 1928 foi promulgada a primeira lei florestal do arquipélago. Depois da fome de 1947-49 foram plantados os primeiros perímetros de altitude: Serra Malagueta e Curralinho, em Santiago; Monte Velha, no Fogo; Planalto Leste, em Santo Antão, Monte Gordo, em São Nicolau, e Calheta, no Maio.



Fig. 118 — Perímetro florestal de altitude, Planalto Leste, Santo Antão

Depois da Independência, o ritmo de plantações acelerou-se e incidiu principalmente nos andares áridos e semiáridos. Deve-se este facto à ocupação dos andares subhúmidos e húmidos com actividades agrícolas de sequeiro.



Fig. 119 — Perímetro florestal na zona árida, Achada S. Filipe, Santiago

QUADRO X
EVOLUÇÃO DA ÁREA FLORESTADA EM CABO VERDE ATÉ 1991

Ano Ilha	até 1975 área em ha	1975 a 1991 área em ha	Total área em ha
Santo Antão	432	4 568	5 000
São Vicente	-	1 199	1 199
São Nicolau	135	1 813	1 948
Sal	-	2	2
Boa-Vista	-	2 895	2 895
Maio	500	2 192	2 692
Santiago	1 130	37 322	38 452
Fogo	725	8 567	9 292
Brava	37	1 787	1 824
Total	2 959	60 345	63 304

Fonte: DGASP

Como podemos ver no quadro acima apresentado, as áreas florestadas ocupam quase o dobro das áreas cultivadas, o que representa uma expressiva conquista de terras marginais num país de limitados recursos em solos.



Fig. 120 — Gado pastando na floresta

Os principais objectivos da florestação em Cabo Verde são a luta contra a desertificação, a protecção do solo e da água, a protecção da fauna selvagem da flora e da vegetação, a valorização da paisagem, a melhoria de áreas de pastagens, a produção de bens.

Os produtos florestais hoje explorados são os seguintes: lenha, carvão, biomassa forrageira (palha, vagens, folhas), madeira.

Apesar de as florestas garantirem, no momento, as necessidades de lenha e carvão, estão longe de satisfazer ao mercado em madeira para obras.

As potencialidades das florestas não são ainda plenamente exploradas. Por ser um recurso muito limitado, resultante dum grande esforço de várias gerações, deve ser protegido e utilizado apenas nos moldes que permitam a sua perenidade.

Assim, como alternativas à exploração intensiva da lenha e dos recursos madeireiros, os espaços arborizados devem ser utilizados com actividades que permitem a sua durabilidade. Assim tem-se apontado o silvopastoralismo, a apicultura e o turismo (parques e espaços de lazer) como formas alternativas de utilização das florestas.



Fig. 121 — Apicultura na floresta, de S. Jorge dos Órgãos, Santiago

Pecuária

....e desta ilha de São Tiago e assim das outras, em cada ano vem muita pilitaria de gado cabrum pera Portugal, e assim muita coirama de gado vacaril e muitos sevos e algodões assaz finos.....

DUARTE PACHECO PEREIRA - Esmeraldo do Situ Orbis, séc. XVI

Em Cabo Verde, de um modo geral, a pecuária é uma actividade complementar da agricultura e constitui um importante recurso para as populações rurais e fonte de proteínas de origem animal.

A quase totalidade das famílias rurais dedica-se à criação de galinhas, porcos e cabras, e cerca de 1/3 possui bovinos.



Fig. 122 — Criação de
ovinos, Maio



Fig. 123 — Avicultura, S.
Jorge dos Órgãos, Santiago

Até bem recentemente, a pecuária era praticada segundo processos tradicionais. Actualmente existem unidades de pequena pecuária intensiva nas áreas de suinicultura e avicultura. Estas unidades constituem as principais fontes de aprovisionamento de carnes para o país.



Fig. 124 — Suinicultura

As potencialidades decorrentes da prática da pecuária não estão completamente esgotadas, em especial a criação de pequenos ruminantes (cabras e carneiros), associada à exploração florestal - silvopastorícia.

O crescimento da pecuária exige uma maior capacidade de mobilização de água; produção, recolha e armazenamento de pasto, nos anos de chuva; maior divulgação do uso de rações e o recurso à zootecnia (apoio veterinário, selecção e melhorias de espécies, etc.).

Actualmente existem alguns projectos de melhoria das espécies. A título de exemplo, os Amigos da Natureza, radicados em S.Vicente, introduziram raças de caprinos das Canárias para cruzamento com as variedades locais.

No entanto, o baixo nível de escolaridade da maioria dos criadores de gado, a persistência de métodos tradicionais e a ausência de recursos financeiros constituem entraves ao desenvolvimento da pecuária.



Fig. 125 — Curral tradicional

QUADRO XI
ESTIMATIVAS DE EFECTIVOS PECUÁRIOS EM 1991

CONCELHOS	BOVINO	CAPRINO	OVINO	ASININO	EQUINO	MUAR
Brava	181	3 596	7	343	3	37
Fogo	1 427	23 958	329	1 245	40	108
Praia	2 279	16 831	169	1 697	14	48
S ^a Cruz	1 965	6 650	204	1 333	51	42
Tarrafal	3 625	13 345	2 343	2 416	19	138
S ^a Catarina	4 352	14 051	437	2 436	31	164
Maio	407	5 910	12	405	21	21
Boa Vista	51	6 352	21	546	31	20
S.Nicolau	880	6 446	118	570	62	297
S.Vicente	161	3 642	17	30	12	3
Porto Novo	261	11 672	13	1 071	31	268
Paul	217	2 548	10	161	23	79
R.Grande	405	7 692	12	536	14	328
Sal	51	1 052	42	70	7	1
CABO VERDE	16 262	123 745	3 734	12 859	359	1 554

Fonte: DGP 1991

Pesca

ROMANCE DO TAMASINHO DE CARA-FEIA

*Farto de sol e de areia
que é o mais que a terra dá
Tomasinho - Cara-feia
vai p'ra pesca da baleia,
quem sabe se tornará?*

*Torne ou não torne, que tem?
vai cumprir o seu destino.
Só nha Fortunata, a mãe,
que é velha e não tem ninguém,
chora pelo seu menino.*

*Torna ou não torna, que importa?
vai ser igual ao avô.
Não volta a bater-me à porta;
deixou para sempre a horta,
que a longa seca matou.*

*Tomasinho Cara-feia,
(outro nome, quem lho dá?)
farto de sol e de areia
foi p'rá pesca da da baleia.
- E nunca mais voltará.*

Daniel Filipe, A ilha e a solidão

A pesca vem sendo eleita como um sector estratégico para o desenvolvimento económico do país. É possível que a pesca em Cabo Verde tenha remontado aos primeiros anos de ocupação das ilhas, no século XV, principalmente como actividade ocasional ou mesmo complementar da agricultura e pecuária.

É a partir do século XVII que esta actividade ganha maior expressão, em especial com a pesca da baleia nas nossas águas pelos navios americanos.

Não obstante o mar ser o maior recurso natural do arquipélago, o país não tem explorado plenamente as suas potencialidades pesqueiras.

Actualmente, dois sistemas de pesca subsistem em Cabo Verde: a pesca artesanal e a pesca industrial.

A **pesca artesanal** é essencialmente costeira e utiliza, em regra, pequenos botes abertos, e rede de praia.

A frota em 1989, era de 1 404 botes que desembarcavam as suas capturas em 87 locais diferentes.

No tocante à pesca artesanal verifica-se um aumento da frota e respectiva tripulação. No início da década de oitenta, o número de botes aumentou de 990 para 1 404; este aumento do número de pescadores deve estar ligado à carência de emprego noutros sectores ou à persistência da seca; o aumento do consumo do pescado pode ser outra causa desta opção profissional.

Em 1989 cerca de 43% dos botes estavam motorizados. A taxa de motorização variava entre 88% para São Vicente, 79% para o Sal, mas atingia valores mais baixos nas ilhas do Fogo e Santiago, com apenas 23 %.

O isolamento e a carência de infraestruturas nas comunidades piscatórias e a fraca capacidade organizacional dos pescadores são factores que dificultam o florescimento desta actividade.

O Instituto Nacional para o Desenvolvimento das Pescas (INDP), na perspectiva de melhorar a capacidade de captura, vem introduzindo novos modelos de barcos, maiores e melhores equipados para a navegação e captura do pescado. Paralelamente tem instalado dispositivos de concentração de cardumes, próximos dos grandes pólos de pesca.



Fig. 126 —Botes utilizados na pesca artesanal

A pesca industrial - está essencialmente dirigida para a captura dos tunídeos (grandes pelágicos) utilizados na indústria de conservas.



Fig. 127 — Trainieras utilizadas na pesca industrial

A pesca industrial tem sido beneficiada com a criação de infraestruturas de apoio e incentivo aos operadores.



Fig. 128 — Porto de pesca, Praia, Santiago

QUADRO XII
EVOLUÇÃO COMPARADA DA PESCA ARTESANAL
E INDUSTRIAL (em Toneladas)

Anos	Captura artesanal	Captura industrial	Total
1981	8 323	2 775	11 098
1982	7 870	2 967	10 837
1983	11 891	2 827	14 718
1984	6 854	2 248	9 102
1985	7 120	2 716	9 836
1986	3 912	2 578	6 490
1987	3 819	3 307	7 126
1988	2 683	2 295	4 978
1989	6 391	2 208	8 599
1990	4 935	1 644	6 579
1991	4 884	2 494	7 378

Fonte: INDP

Conservas de pescado - existem neste momento cinco unidades de conserva de atum enlatado em óleo, localizadas nas ilhas de S.Nicolau, Boavista e Sal. Estas fábricas precisam de ser modernizadas, com vista à melhoria da qualidade e ao aumento da produção.



Fig. 129 — Fábrica de conserva de peixe, Boavista

A capacidade de absorção do conjunto destas unidades é da ordem das 3 000 toneladas/ano.

Novas fábricas de conserva de pescado, sobretudo do atum e de enxovas,

estão a ser montadas no país.

Outro processo utilizado na conservação do pescado é a refrigeração e congelação. Existem, a nível da pesca artesanal, 10 instalações de armazenagem de refrigerados, repartidas pelas diversas ilhas.

O INDP é o serviço público encarregado de conceber e executar programas de investigação que visam a exploração racional dos recursos haliêuticos e o apoio directo aos pescadores.

Indústria

O desenvolvimento industrial do país encontra-se numa fase embrionária. Factores de ordem natural, histórica e sócio-económica explicam este atraso.

À data da Independência, em 1975, a conserva do atum, a panificação, e tabacos, eram praticamente as únicas indústrias que existiam no país. A grande parte das instalações industriais foi criada depois de 1975 e o Estado assumiu-se como o principal investidor, neste campo. Em 1990, o sector público detinha mais de 90% dos investimentos.

Depois de 1991, perspectivou-se uma nova filosofia em que o sector privado passou a ter um papel preponderante no desenvolvimento industrial.

Com a excepção de algumas unidades agro-industriais, as indústrias instaladas no país não aproveitam as matérias primas locais. Laboram na base da importação de produtos semiacabados, que são completados localmente.



Fig. 130 — Fábrica de sabões, Mindelo, S. Vicente

As principais unidades industriais estão viradas para os seguintes domínios: reparações navais; metalomecânica ligeira; tintas e produtos químicos afins; conserva de peixe; agro-alimentares; cervejas e refrigerantes; tabacos; panificação; medicamentos; têxteis e calçados.



Fig. 131 — Fábrica de calçados, Mindelo, S. Vicente



Fig. 132 — Fábrica de cerveja, Praia, Santiago



Fig. 133— Produção de medicamentos , Praia, Santiago



Paralelamente, o **sector artesanal** abrange a produção de materiais de construção, móveis, costura, reparações auto, cerâmica, cestaria, pequenas construções metálicas, etc.



Fig. 134 — Cerâmica



Fig. 135 — Cestaria



Fig. 136 — Produção de móveis

O desenvolvimento da actividade industrial representa um grande desafio para Cabo Verde. A indústria poderá apresentar-se como uma alternativa de emprego para o elevado de desocupados do espaço agrícola que abandona anualmente o campo.

Grande parte das unidades de produção industrial está nos centros urbanos, com efeitos na repartição da população pelas diferentes ilhas.

O aparecimento de indústrias viradas para o aproveitamento das matérias primas locais, ou mesmo do artesanato no espaço rural, poderá ser uma forma de fixação da população no campo e de correcção das assimetrias regionais.

4.4. A REDE DE TRANSPORTES E AS RELAÇÕES COM A ORGANIZAÇÃO ECONÓMICA DO ESPAÇO

Os transportes representam um sector determinante no desenvolvimento económico de qualquer país. Esta importância ainda é maior num estado arquipelágico como Cabo Verde, marcado pela discontinuidade do território e grande dependência externa.

Transportes internacionais e inter-ilhas - A ligação entre as ilhas é feita

por via marítima e por via aérea. Todas as ilhas possuem actualmente pelo menos um aeródromo para aviões de pequeno porte. A ilha do Sal é a única que possui um aeroporto internacional. No entanto, está em curso, na cidade da Praia, a construção de um segundo aeroporto internacional.

Transportes marítimos - são de grande importância estratégica para um arquipélago, por estabelecerem a ligação entre as ilhas e com o exterior. O transporte de cargas é a principal actividade dos navios de cabotagem. Igualmente, promovem o transporte de passageiros entre as diversas ilhas, principalmente entre Praia, Fogo e Brava, e São Vicente e Santo Antão.

A frota comercial é formada por cerca de 20 navios principais e um número razoável de pequenas embarcações. Os navios principais movimentam, em conjunto perto de 20 mil toneladas/dia.

Até à data, o Estado tem sido o principal proprietário dos navios, muito embora a frota privada tenha vindo a aumentar. A marinha mercante enfrenta actualmente diversos problemas, com o envelhecimento das suas embarcações e, consequentemente, o seu baixo rendimento.

A posição geoestratégica de Cabo Verde é bastante favorável ao desenvolvimento de transportes marítimos. Por esta razão, a infraestruturação é uma necessidade urgente que conduzirá, naturalmente, à valorização do sector.

Todas as ilhas do arquipélago possuem pelo menos um porto. Os equipamentos portuários variam muito de ilha para a ilha. Maio, Fogo, Brava e Boavista não possuem cais acostáveis.

A ligação marítima regular e de qualidade entre as ilhas é um factor importante para a circulação de pessoas e bens.

Transportes aéreos - desempenham um lugar importante na economia caboverdiana. Neste sector destaca-se a intervenção do Estado na gestão do espaço aéreo e das aeronaves. Recentemente tem-se notado o surgimento de iniciativas privadas no transporte de passageiros.

O controlo da circulação aeronáutica, na região próxima de Cabo Verde, constitui uma actividade importante pela fonte de receitas que representa para o país já que as companhias aéreas que operam na região pagam pelos serviços que lhes são prestados.

Actualmente, existem ligações aéreas entre todas as ilhas e linhas internacionais regulares para a África Ocidental (Senegal, Gâmbia e Guiné-Bissau) e para a Europa (Portugal, França, Holanda e Alemanha).

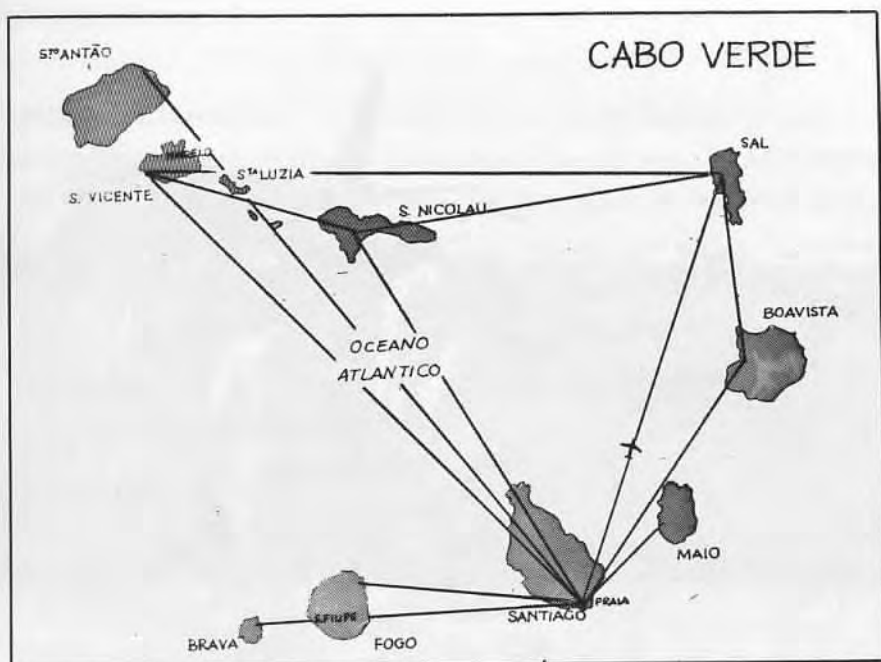


Fig. 137 — Ligação aérea entre as ilhas



Fig. 138 — Aviões de ligação interna



Fig. 139 — Avião de voo internacional



Fig. 140 — Helicóptero privado de ligação inter ilhas

A ligação aérea inter-ilhas é feita principalmente por aviões pequenos – 20 a 48 passageiros – devido às características dos aeródromos das diversas ilhas.

Transportes nas ilhas

Transportes terrestres - A ligação interna constitui um grande factor de desenvolvimento para cada ilha. O abastecimento da população, o escoamento dos produtos agrícolas para os portos e centros urbanos, exigem uma rede de transportes eficiente. Além disso, o ordenamento do território só é possível se o acesso rodoviário proporcionar aos moradores do espaço rural a possibilidade de uma rápida circulação e a obtenção de meios de produção a um preço aceitável.



*Fig. 141 —
Modelo de
viatura
utilizado no
transporte
interno de
passageiros em
Santiago*

O país confronta-se com a falta de uma rede de estradas de qualidade, o que tem dificultado o desenvolvimento dos transportes rodoviários de passageiros e criado algumas dificuldades na circulação interna, em certas ilhas.

Apesar destas dificuldades, as estradas existentes garantem o abastecimento em bens essenciais a todas as localidades do arquipélago. A distribuição de água por auto-tanques é um exemplo da importância das estradas para a sobrevivência de muitas povoações rurais.



Fig. 142 — Auto-tanque de abastecimento de água

Em quase todas as ilhas existem estradas que ligam os principais núcleos populacionais. Geralmente são calcetadas com paralelepípedos de pedra.

O parque automóvel varia de ilha para ilha. A média de veículos era de 10 para cada 1000 habitantes em 1992, nas ilhas de Santiago e São Vicente; nas restantes ilhas esta cifra oscilava entre 1 a 3 por cada 1000 habitantes.

A taxa de crescimento é superior a 100 viaturas por mês. A comunidade na diáspora presta um contributo fundamental no crescimento deste parque.

Um outro factor importante na diferenciação do número de automóveis entre as ilhas é a construção de estradas de qualidade.

4.5. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS CENTROS URBANOS

Definição de espaço urbano

Antes de falarmos sobre os centros urbanos de Cabo Verde, pensamos ser interessante analisar conjuntamente a definição de um centro urbano e estabelecer as fronteiras que existem entre centro urbano e cidade. Estes dois termos são muitas vezes utilizados e inequivocamente como sinónimos, mas, a verdade, é que significam coisas diferentes. Para além disso, os critérios de definição de centros urbanos não são uniformes em todos os países.

Examinemos alguns deles:

Considera-se **centro urbano** um aglomerado populacional relativamente grande que contenha milhares de habitantes - cifra esta que varia de país para país. Cinco mil habitantes é o limite mínimo para se considerar um núcleo populacional como centro urbano.

Para além do número de habitantes, existem outros elementos que ajudam a caracterizar um centro urbano:

- elevada densidade devido à concentração da população num espaço relativamente pequeno;
- a quase totalidade da população urbana dedica-se a actividades não agrícolas. Assim as actividades económicas, a especialização de lojas e serviços, o sistema de abastecimento de água, a rede de esgotos são elementos utilizados na distinção dos centros urbanos;
- o fornecimento de bens alimentares vem do exterior (campo ou importação);
- a população que vive nos espaços urbanos considera-se possuidora de um estilo de vida diferente do campo.

Em Cabo Verde, como na maioria dos países do continente africano, os centros urbanos são extremamente carentes em infraestruturas básicas como a rede de esgotos, água canalizada, energia, etc, pelo que a classificação só é válida no contexto nacional.

O Serviço Nacional de Estatística estabeleceu a seguinte classificação:

Centros urbanos principais

- Cidade da Praia
- Cidade do Mindelo

Centros urbanos secundários

- Cidade de São Filipe
- Vila de Nova Sintra
- Vila de Pedra Badejo
- Vila do Tarrafal
- Vila de Assomada
- Vila do Maio
- Vila de Sal Rei
- Vila de Espargos
- Vila de Santa Maria
- Vila da Ribeira Brava
- Vila de Porto Novo
- Vila do Paul
- Vila de Ponta do Sol
- Vila da Ribeira Grande

Centros semiurbanos

- Calheta, do Tarrafal
- Tarrafal, de São Nicolau
- Mosteiros, no Fogo
- Furna, na Brava

Cidade - É um título honorífico atribuído a um determinado centro urbano. O critério da atribuição deste título não é muito preciso, razão pela qual é sempre difícil estabelecer contornos uniformes para todos os países e no interior do mesmo país.

Na época do povoamento das ilhas de Cabo Verde, só podiam ser

promovidos a título de cidade os centros urbanos que fossem sedes do Bispado. Mais tarde, utilizaram-se outros critérios - capital de divisão administrativa importante, local de acontecimentos históricos ou políticos relevantes, etc.

Em Cabo Verde, **Ribeira Grande** na ilha de Santiago (hoje Cidade Velha) foi a primeira cidade do País. Ganhou o título de cidade em 1533, quando passou a ser a sede do Bispado de Santiago de Cabo Verde e a ter como nome oficial **Cidade de São Tiago**.

Na altura correspondia a um importante porto de abastecimento de navios e de reexportação de escravos e o local de residência das autoridades civis, militares e eclesásticas.

Depois de um prolongada crise, nos finais do século XVIII, a cidade entrou em decadência. O Governador e o Bispo deixaram de residir em Ribeira Grande e, no século XIX, com a criação do Concelho de Santa Catarina, esta cidade perdeu a sua Câmara e o seu título. O que levou a que, hoje em dia, nem o título de Vila lhe restasse.

Urbanização e cidades de Cabo Verde

A urbanização em Cabo Verde esteve muito condicionada pela evolução histórica das ilhas: território insular e pobre, dependente essencialmente da agricultura e com uma população maioritariamente rural.

Como já vimos, a ruralidade não foi um factor impeditivo ao surgimento de um centro urbano que teve um papel de destaque nos primórdios da ocupação das ilhas. A grande importância do comércio, nos primeiros tempos do povoamento,



Fig. 143 — Cidade Velha, antiga Ribeira Grande, Santiago

mento, a função de escala de navegação do porto da **Ribeira Grande**, fizeram com que rapidamente evoluísse e surgisse como pólo urbano, promovido a título de **Cidade**, em 1533.

A decadência da sua função comercial pôs fim à sua existência o que se traduziu numa completa ruralização do arquipélago, até à segunda metade do século XIX. A sua função administrativa manteve-se, muito embora tivesse sido constantemente transferida de localidade, apesar de se fixar teoricamente, na **capital**, vila da **Praia de Santa Maria**.



Fig. 144 — Cidade da Praia — Século XIX

Na segunda metade do século XIX, mais precisamente em 1858, a **vila da Praia de Santa Maria** foi promovida à categoria de cidade com o nome oficial de **Cidade da Praia de São Tiago**. Inicialmente, apenas, com funções administrativas e comerciais.

Logo de seguida, a cidade do Mindelo restaura o papel geoestratégico do arquipélago como escala da navegação.

As cidades surgidas em Cabo Verde desempenharam, até à primeira metade do século XX, sobretudo, funções portuárias ligadas à escala de

navegação. Pouco sustentadas por factores locais, viram o seu desenvolvimento, senão a sua sobrevivência, condicionadas por factores externos.



Fig. 145 — Cidade do Mindelo

Duas cidades existiam em Cabo Verde até 1923: **Praia** e **Mindelo**. Nesse mesmo ano, a vila de São Filipe foi promovida a categoria de Cidade.

Os centros urbanos constituem importantes lugares de troca. Afluem diariamente aos urbes milhares de pessoas das áreas rurais à procura de bens e serviços.

Por exemplo, a cidade da Praia recebe milhares de pessoas, provenientes dos outros concelhos de Santiago. Esta população móvel anima a cidade com negócios, com a aquisição de serviços, com o funcionamento de restaurantes, bares, etc.

A cidade não dispõe de infraestruturas para o acolhimento desta população móvel o que cria graves problemas de circulação de pessoas, ocupação de espaços e saneamento.



Fig. 146 — Feira do Sucupira, Praia, Santiago

A Vila da Assomada corresponde a um dos centros de maior actividade comercial e um importante nó na circulação rodoviária entre Praia e Tarrafal. Acolhe feiras permanentes de troca de produtos no interior de Santiago.



Fig. 147 — Feira da Assomada, Santa Catarina, Santiago

Os centros urbanos principais (**Praia e Mindelo**) acusam um rápido crescimento demográfico, devido principalmente ao êxodo rural, activado pela seca. Esta concentração não tem sido acompanhada por uma política social de habitação, nem de infraestruturação urbana, pelo que estas cidades, particularmente a Praia, estão a transformar-se em pólos de graves conflitos sociais decorrentes das dificuldades de acesso a habitação, a água e energia, ao saneamento e outros bens.

4.6. A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E A SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES FUNDAMENTAIS DA POPULAÇÃO

Abastecimento alimentar

O reduzido volume pluviométrico e o crescimento demográfico têm exigido uma estratégia de abastecimento alimentar com grande recurso à importação.

Actualmente, a quase totalidade dos cereais consumidos no arquipélago é proveniente da ajuda alimentar internacional e da importação feita por empresas privadas e por uma empresa pública de abastecimento (EMPA) que constitui o centro nevralgico de toda a estratégia de segurança alimentar. Dispõe de uma rede de armazéns, nos principais centros urbanos e semiurbanos, garantindo o abastecimento de géneros alimentares de primeira necessidade.



*Fig. 148—
Silos da EMPA
na Praia, Santiago*

Alguns cereais, como o arroz e o trigo, acusaram um consumo crescente nos últimos anos. Registe-se, no entanto, que o arquipélago não possui condições ecológicas para a produção desses produtos.

O país importa todas as categorias de géneros alimentícios. No entanto, uma certa parcela do abastecimento é feita com base na produção local, nomeadamente no que diz respeito aos produtos de pecuária, das pescas, da horticultura e da fruticultura.



*Fig. 149—
Mercado da Praia,
Santiago*



*Fig. 150—
Pedra Badejo,
Santa Cruz, Santiago*

A rede de distribuição é constituída essencialmente pelo comércio privado. A actividade informal que constitui um sector florescente na economia caboverdiana, é garantida pelos rabidantes (feirantes e vendedores ambulantes).

Todos têm direito à saúde e o dever de a defender e promover independentemente da sua condição económica.

*Nº1 do Artigo 68º da
Constituição da República de Cabo Verde de 1992*



Fig. 151 — Hospital dr. Agostinho Neto, Praia, Santiago

O sistema nacional de saúde é garantido por uma rede de dois hospitais centrais (Mindelo e Praia), três regionais (Assomada, Ribeira Grande e São Filipe) e pelas unidades sanitárias de base que asseguram os cuidados primários.

Paralelamente, existe a rede da PMI/PF (Protecção Materno-Infantil e Planeamento Familiar) que assegura o apoio às grávidas e crianças com menos de cinco anos. Este serviço consegue cobrir quase a totalidade do território

nacional através das suas deslocações periódicas. A implementação deste serviço é responsável pela diminuição significativa da taxa de mortalidade infantil.



*Fig. 152 —
Instalações do
PMI/PF,
Consulta de
grávidas, Praia,
Santiago*

A aparente secundarização da vertente planeamento familiar não permitiu uma redução significativa da taxa de fecundidade.

O número de camas por hospital varia com os concelhos, mas a média nacional é de uma cama para 500 pessoas. Ainda a nível nacional a média é de 1 médico para 3.000 habitantes. Registam-se ainda grandes disparidades locais e regionais na cobertura sanitária da população.

A esperança de vida em 1990 era de 63,5 anos (62,4 para os homens e 64,7 para as mulheres). A mortalidade infantil, para a mesma altura, era de 44,3 por mil.

O Estado promoverá uma política de ensino que visa a progressiva eliminação do analfabetismo, a educação permanente, a criatividade, a inserção das escolas na comunidade e a formação cívica dos alunos.

Nº1 do Artigo 74º da Constituição da República de Cabo Verde de 1992



Fig. 153 — Novas instalações do Instituto Pedagógico, na Praia, Santiago

O sistema educativo encontra-se numa fase de reforma. A reestruturação consiste na implementação de um ensino básico obrigatório de seis anos, organizado em três fases. A nível do secundário, a escolaridade desenvolver-se-á em seis anos, organizados em três ciclos e duas vertentes – técnica e geral. No final de cada ciclo, existe uma opção de formação profissional.

A educação extra-escolar visa essencialmente o combate ao analfabetismo e a recuperação dos que, por uma razão ou outra, abandonaram o sistema educativo antes de completarem o ciclo básico.

O ensino superior pode ser feito em Universidades (licenciaturas), em Institutos Politécnicos (Bacharelatos) e escolas independentes, no estrangeiro, já que o País não dispõe de Universidade. Até à data, o recurso a bolsas de estudo concedidas por países amigos e instituições internacionais, o autofinanciamento pelos interessados, têm sido as soluções encontradas para custear a formação no exterior.

Em algumas áreas, porém, a formação é realizada no país, ao abrigo da cooperação com instituições universitárias estrangeiras, nomeadamente, nos domínios da formação de professores para o secundário, das ciências agroflorestais, da economia e gestão e das ciências náuticas.

As infraestruturas de ensino básico estão distribuídas por todo o país e a taxa líquida de escolarização na 1ª e 2ª fases (quatro anos de escolaridade) é superior a 90%.

O ensino secundário está confinado aos centros urbanos e a alguns centros semiurbanos, pelo que a cobertura tem sido deficiente em relação à procura.



Fig. 154 — Infraestrutura de ensino primário, Santa Cruz, Santiago

Esta distribuição está na origem das grandes disparidades sociais e geográficas no acesso ao ensino secundário.

QUADRO XIII
EVOLUÇÃO DOS EFECTIVOS ESCOLARES

Anos	1989/90	1990/91	1991/92	1992/93
EBE	54 413	55 363	56 349	56 910
EBC	13 512	14 460	15 952	16 615
ES	7 875	9 568	11 461	12 511

QUADRO XIV
MÉDIA ALUNOS/TURMA

ANOS	1989/90	1990/91	1991/92	1992/93
EBE	31	31	29	29
EBC	38	37	37	37
ES	35	38	39	39

Fonte: GEP-MED

EBE - Ensino Básico Elementar (1ª e 2ª Fases)

EBC - Ensino Básico Complementar (3ª fase)

ES - Ensino secundário

Emprego

O trabalho é um direito de todo o cidadão, impondo-se ao Estado o dever de criar as condições necessárias para a sua efectiva materialização.

Nº1 do Artigo 58º da Constituição da República de Cabo Verde de 1992

A população activa em 1990 era de 119.200 habitantes, e a população desempregada era de 30.900 pessoas, representando a população masculina cerca de 63%.

O Estado funciona actualmente como o maior empregador em Cabo Verde. A administração pública, a construção civil e o comércio são os três sectores de grande concentração de emprego. O sector público é o maior empregador nas ilhas da Boa Vista, Brava, Santo Antão e S. Nicolau.

A taxa de desemprego juvenil varia de ilha para ilha; as ilhas Brava, São Vicente e Fogo registam as taxas mais elevadas.

Em São Vicente esta cifra atinge os 51,1%; nas ilhas do Maio e Santiago, embora mais baixas, atingem valores da ordem dos 27,2% e 27,7%, respectivamente.

Os valores da ilha de Santiago são agravados pelos números atingidos no concelho da Praia (30,9%) e no de Santa Cruz (36,4%).

Nos centros urbanos, Praia e Mindelo, a taxa de desemprego juvenil é muito elevada, apesar de estas cidades continuarem a atrair novos contingentes à procura de emprego.

Não obstante a elevada taxa de desemprego, a procura de operários especializados e técnicos médios é grande, em quase todos os domínios. Esta situação prende-se com a fraca escolarização e formação técnica da população.

A **estrutura da população activa** e o seu **nível de instrução** demonstram uma grande necessidade de formação, principalmente na base e a todos os níveis.

Estrutura da população activa em 1990

Quadros superiores e dirigentes	2%
Quadros técnicos e médios	1%
Trabalhadores qualificados	14%
Trabalhadores especializados	29%
Trabalhadores indiferenciados	54%

Nível de instrução da população activa em 1990

Pós-secundário	01,0%
Ensino Secundário Complementar	02,0%
Ensino Secundário Geral	06,0%
Ensino Básico	61,0%
Alfabetização	03,5%
Sem nível	26,5%

A melhoria da situação laboral, particularmente no que diz respeito ao emprego juvenil, exige o alargamento do ensino secundário e técnico e uma melhor distribuição espacial das actividades de formação profissional e a melhoria da formação básica de adultos.

4.7. SITUAÇÃO AMBIENTAL NO ARQUIPÉLAGO

A localização de Cabo Verde numa zona árida e semi-árida, sujeita a secas cíclicas por vezes prolongadas, a origem vulcânica e uma topografia onde predominam declives fortes, a reduzida dimensão territorial das ilhas, fazem do arquipélago um sistema extremamente frágil.

O povoamento por espécies vegetais e marinhas deve ter seguido um processo lento, devido às erupções vulcânicas e às persistentes secas, o que exigiu uma adaptação à agruras impostas pela falta de água e de alimentos.

Até ao séc. XV, altura em que se começa a registar a presença humana no arquipélago, algumas espécies vegetais e animais tiveram que se adaptar a este sistema insular saheliano, criando endemismos e resistências às mais diversas oscilações climáticas.

A presença humana nas ilhas trouxe consigo novas plantas, novos animais. Em mais de cinco séculos, o ser humano introduziu, eliminou, seleccionou, protegeu plantas e animais, de acordo com os interesses de cada época, criando uma paisagem vegetal antrópica onde podem ser ainda vistos testemunhos dos ecossistemas que antecederam a colonização.

Por outro lado, as múltiplas utilizações do ambiente natural, ao longo dos tempos, impostas pela necessidade premente de satisfazer uma população carente, não tiveram em conta a capacidade de renovação do ecossistema.

Por isso, a flora, a fauna, as reservas de água e o solo foram-se degradando em virtude da forte pressão sobre eles exercida.

A persistência da seca, o rápido crescimento demográfico, a pobreza

duma larga franja da população, exigem medidas urgentes que visem um desenvolvimento equilibrado e sustentável do país.

Em Cabo Verde, como em qualquer outra sociedade, o desenvolvimento económico exige a utilização de recursos, a ocupação do espaço e o controlo do crescimento demográfico.

Num país com as características de Cabo Verde, o desenvolvimento económico só é possível quando associado à protecção do ambiente.

Nesta via, o crescimento de riquezas e o bem estar dos cidadãos não devem ser incompatíveis com a protecção da qualidade do ambiente. O uso sustentável dos recursos básicos constitui a melhor via de promoção do desenvolvimento já que garante uma exploração durável.

Cabo Verde dispõe de uma experiência de luta contra a desertificação, no domínio da criação de perímetros arborizados, da protecção do solo e da água e no combate à erosão.

Além de medidas técnicas de protecção dos recursos naturais são necessárias medidas políticas que combatam a pobreza, para aliviar o imediatismo na exploração dos recursos básicos, com graves prejuízos para a perenidade dos mesmos.

Tanto os recursos terrestres como os marinhos são alvo de sérias ameaças, pelo que merecem ser protegidas.

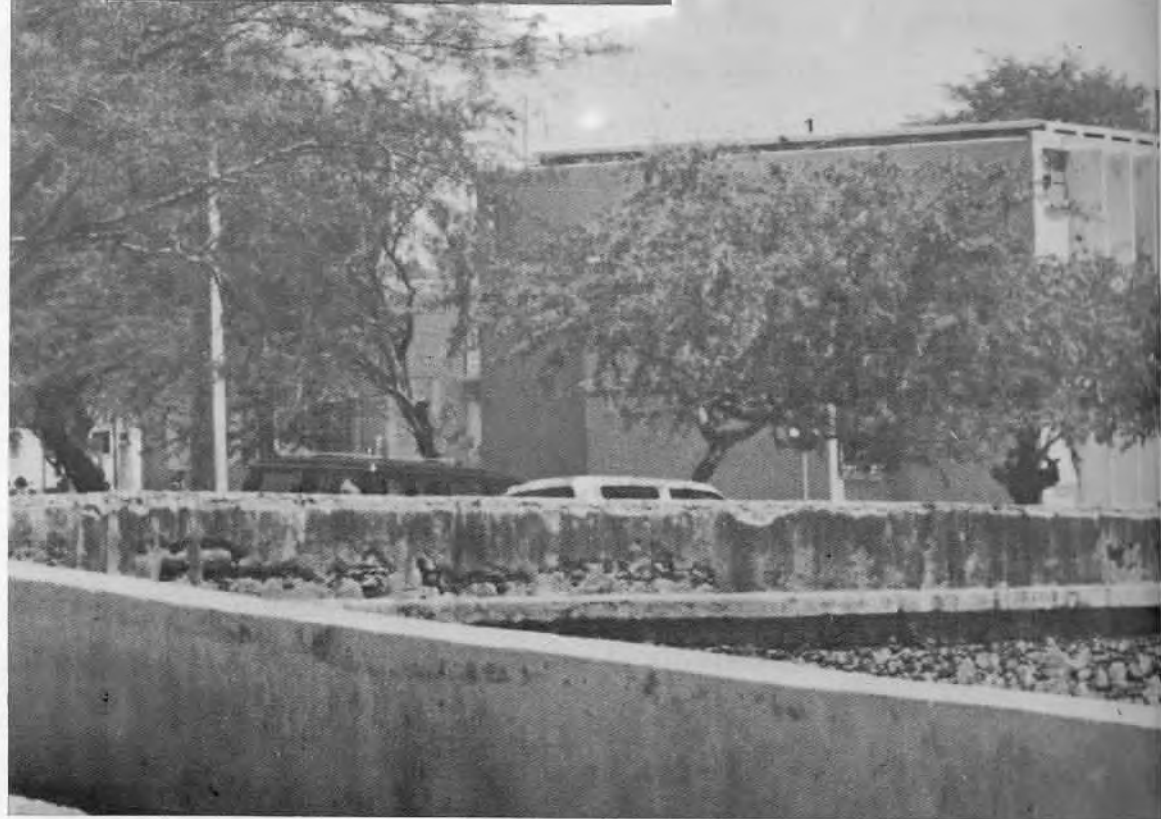
Medidas urgentes impõem-se para salvaguardar o património natural como a paisagem, as reservas de água, a biodiversidade, os solos, o mar e o litoral.

Entre estas medidas destacam-se a informação e a sensibilização dos cidadãos, com vista à modificação da sua postura face ao ambiente bem assim como a tomada de medidas institucionais que visam condicionar a utilização dos recursos naturais de uma forma sustentável e durável.

Em Cabo Verde, a Lei nº86/IV/93 define as base da política do ambiente. Nos termos do nº1 do Artigo 2º desta Lei." Todos os cidadãos tem direito a um ambiente de vida sadio e ecologicamente equilibrado e o dever de o defender,

incumbindo ao Estado e aos Municípios, por meio de organismos próprios, e por apelo a apoio e iniciativas populares e comunitárias, promover a melhoria da qualidade de vida, individual e colectiva”.

O nº 2 do mesmo artigo estipula “A política do ambiente tem por fim otimizar e garantir a continuidade de utilização dos recursos naturais, qualitativa e quantitativamente, como pressuposto básico de um desenvolvimento auto-sustentado”.





CAPÍTULO V

CABO VERDE NO ESPAÇO INTERNACIONAL

5.1 - O ESPAÇO CABOVERDIANO NA DIÁSPORA

À semelhança do que acontece nas outras ilhas Atlântidas, principalmente Madeira e Açores, Cabo Verde apresenta uma grande comunidade residente noutros países, em diversos continentes. Esta comunidade da diáspora resulta da emigração iniciada há várias gerações e que, paulatinamente, tem conduzido à fixação de nacionais e seus descendentes em países da África, da América e da Europa.

Define-se como migração os movimentos da população no espaço. Distingue-se entre migrações internas (dentro de um país) e migrações externas (de um país para outro). As migrações consideram-se geralmente como resposta a dois conjuntos de forças recíprocas: factores repulsivos, operando no local da partida, e factores atractivos, no local do destino.

Ainda as migrações podem ser consideradas voluntárias ou forçadas. Actualmente são raros os casos em que as migrações são compulsivas - como foi o caso da escravatura na África.

Emigração refere-se à saída e imigração refere-se à entrada.

Actualmente calcula-se em cerca de meio milhão o número de caboverdianos e seus descendentes residentes no exterior.

Segundo o historiador António Carreira, a emigração caboverdiana começou entre os finais do século XVII e princípios do século XVIII. Esta emigração - orientada para a América do Norte - surgiu na sequência da contratação de naturais das ilhas pelos navios baleeiros americanos que operavam nas águas do arquipélago.

Esta migração para América do Norte teve maior desenvolvimento, durante o século XIX, com maior incidência nas ilhas do Fogo e Brava.

Após anos seguidos de fracas precipitações, entre 1850 e 1860, eclodiu em 1863 e prolongou até 1866, uma das mais mortíferas fomes registadas no arquipélago. Foi na sequência desta grande hecatombe que o Governo regulamentou o recrutamento de serviçais para as roças de São Tomé e Príncipe que, na altura, precisavam de mão-de-obra abundante e barata.

As grandes fomes que se seguiram às secas do século XX, especialmente 1903, 1920, 1942 e 1947, favoreceram a saída de contratados para a colónia de São Tomé e Príncipe, não obstante as condições do trabalho servil das roças.

Outras colónias portuguesas serviram de importantes destinos da emigração caboverdiana. Angola, Moçambique e Timor, são alguns exemplos. Reside ainda em Angola uma das maiores comunidades da diáspora.

A emigração para a Guiné começou bem cedo. Não esqueçamos que esta antiga colónia portuguesa esteve ligada à capitania de Cabo Verde até 1879. Os lançados, agentes de comércio na costa africana representam, provavelmente, os primeiros caboverdianos levados para o que actualmente é a República da Guiné-Bissau.

Nos primeiros anos do século XX começou a emigração para a cidade de Dakar, na África Ocidental Francesa, actual República do Senegal. A partir de Dakar alguns caboverdianos terão mudado o rumo para os países da Europa e da África.

A emigração para a Europa começou na década de 40 e tornou-se significativa a partir dos anos 60. Por essa altura, Portugal incentivou a emigração de caboverdianos para a Metrópole. No entanto, a emigração em massa para Portugal, começou em 1971.

A comunidade caboverdiana em Portugal ganhou expressiva dimensão depois de 1974, com a guerra civil angolana, muito embora se tenha constatado uma deslocação massiva de nacionais para esse país europeu, no período pós-independência.

O quadro abaixo apresentado dá-nos uma ideia aproximada das principais comunidades caboverdianas residentes no exterior. Pelas cifras apontadas, residem mais caboverdianos fora do país do que no Território Nacional.

QUADRO XI
COMUNIDADES CABOVERDIANAS NO EXTERIOR
(Cálculo aproximado por continente e por país)

América		Europa		África	
E.U.A	250 000	Portugal	70 000	Angola	40 000
Brasil	3 000	Holanda	19 000	Senegal	25 000
Argentina	2 000	França	15 000	S.Tomé	8 000
Canadá	*	Espanha	12 000	G. Bissau	2 000
Venezuela	*	Itália	10 000	Moçambique	1 000
		Luxemburgo	3 000	Gabão	200
		Suiça	2 000	C. do Marfim	*
		Bélgica	800	Zâmbia	*
		Suécia	700		
		Alemanha	500		
		Noruega	200		
Sub-total	255 000		133 200		76 200

* Dados não disponíveis.

Fonte: IAPE

A qualidade de vida dos emigrantes nos países de acolhimento difere de país para país, variando de acordo com a antiguidade da comunidade, a estabilidade política e a situação económica do país de acolhimento.

Dum modo geral, grande parte das comunidades mantem laços estreitos com o país. Mantêm viva a tradição caboverdiana expressa na música, na língua crioula e em outros hábitos e costumes.

É no campo da música que a comunidade na diáspora tem dado o seu maior contributo no que diz respeito à difusão da cultura caboverdiana pelo mundo.

As remessas de divisas dos emigrantes têm tido um papel fundamental no desenvolvimento do país. Além de divisas, Cabo Verde recebe diversos bens de consumo provenientes da diáspora: automóveis, electrodomésticos, vestuários, calçados muitos outros.

É nos sectores da construção civil e dos transportes que os investimentos dos emigrantes registam maior dinamismo.



Fig. 155 – Dinamismo na construção civil pelo investimento dos emigrantes, Assomada, Santiago



Fig. 156 — Expansão do parque automóvel provocada pelo retorno dos emigrantes

Esta comunidade na diáspora constitui uma fonte de inovações para o país. Ideias, técnicas e produtos novos chegam a Cabo Verde pela via de contactos com a comunidade emigrada.



*Fig. 157 — Bairro de caboverdianos na periferia de Lisboa,
Portas de Benfica*

A emigração favorece também práticas sociais pouco desejáveis, como o consumo da droga e outros problemas importados de outros países.

Nos países de acolhimento, os emigrantes sofrem problemas graves de desadaptação social e discriminação, sobretudo, nas situações de crise económica, como a que actualmente atravessa a Europa, transformando-se, por isso, em vítimas do racismo e da xenofobia.

Por outro lado, muitos são os países da Europa que têm limitado o acesso a estrangeiros, particularmente, provenientes do continente africano, não obstante o discurso liberal da mundialização da economia e da livre circulação de pessoas e bens.

5.2 - CABO VERDE

E OS ORGANISMOS INTERNACIONAIS

Comité Permanente Inter Estados de Luta Contra a Seca no Sahel (CILSS)

O Comité Permanente Inter-Estados de Luta Contra a Seca no Sahel (CILSS) foi criado a 12 de Setembro de 1973 com o objectivo de conjugar os esforços na luta contra a seca e a desertificação que assolam toda a zona sudano-saheliana.

Actualmente, o CILSS integra nove Estados membros: Burkina-Faso, Cabo Verde, Gâmbia, Guiné-Bissau, Mali, Mauritânia, Níger, Senegal, Tchad. Tem a sua sede na cidade de Ouagadougou, no Burkina Faso. O Instituto do Sahel (INSAH), sediado em Bamako - Mali —, e o AGRIMET, sediado em Niamey - Níger, são as principais organizações especializadas do CILSS.

Através do CILSS foram mobilizados ajudas alimentares de emergência nos anos de seca e financiamentos para projectos de luta contra a desertificação e promoção do desenvolvimento regional no Sahel

A Cimeira dos Chefes de Estado é o órgão máximo do CILSS.

Comunidade dos Estados da África do Oeste (CEDEAO)

O Tratado da Comunidade dos Estados da África do Oeste (CEDEAO) foi assinado em Lagos, na Nigéria, a 28 de Maio de 1975.

Foram signatários os representantes dos Estados e/ou Governos dos seguintes Países:

Benin, Burkina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Ghana, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo.

Principais objectivos:

- promover a cooperação e a integração na perspectiva duma união económica da África do Oeste, com vista à elevação do nível de vida dos seus povos;

- manter e/ou fazer crescer a estabilidade económica dos países;
- contribuir para o progresso do continente africano.

Para atingir estes objectivos a Comunidade deverá cumprir várias etapas, sendo as mais importantes:

- harmonização e coordenação das políticas nacionais e promoção de programas, projectos e actividades, nomeadamente nos domínios da agricultura, recursos naturais, indústria, transportes e comunicações, energia, comércio, moeda e finanças, actividades fiscais, reformas económicas, recursos humanos, educação, informação, cultura, ciência e tecnologia, serviços, saúde, turismo e justiça;
- harmonização e coordenação das políticas com vista à promoção da protecção do ambiente;
- criação de empresas conjuntas de produção;
- criação de um mercado comum.

Organização da Unidade Africana (OUA)

A Organização da Unidade Africana (OUA) foi instituída a 25 de Maio de 1963. Tem como principal objectivo promover a Unidade Africana através de uma série de políticas relacionadas com a economia, a cultura, a ciência, a saúde e a defesa e muitos outros domínios.

À data da criação apresentava ainda como objectivo imediato eliminar o colonialismo do continente - recorde-se que em 1963 muitas partes dele eram ainda colónias de países europeus.

Actualmente todos os países do continente africano são membros da OUA.

Em 1991 foi assinado o Tratado de Criação da Comunidade Económica Africana com os seguintes objectivos:

- promover o desenvolvimento económico, social e cultural, bem como a integração das economias africanas com vista a ampliar a sua auto-suficiência e favorecer um desenvolvimento endógeno e auto-sustentado;

- criar, à escala continental, um quadro para o desenvolvimento, a mobilização e a utilização dos recursos humanos e materiais da África, com vista a um desenvolvimento auto-suficiente;
- promover a cooperação e o desenvolvimento em todos os domínios da actividade humana, com vista a elevar o nível de vida dos povos africanos, manter e reforçar a estabilidade económica, instaurar estreitas relações pacíficas entre os Estados membros e contribuir para o progresso, o desenvolvimento e a integração económica do continente;
- coordenar e harmonizar as políticas entre as comunidades económicas existentes e futuras, com vista ao progressivo estabelecimento da Comunidade;
- Cabo Verde foi admitida na OUA logo após a independência.

Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)

Os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, antigas colónias de Portugal, mantêm relações preferenciais nos domínios da cultura, trocas comerciais e da concertação em matéria de política externa.

Está em vias de concretização a criação de uma comunidade de países de expressão portuguesa, integrando os PALOP, Brasil e Portugal.

Convenção de Lomé ACP/CEE

A Convenção de Lomé associou vários países da África, das Caraíbas e do Pacífico à União Europeia. Através desta convenção, renovável de cinco em cinco anos, estes países mantêm entre si e com a União Europeia trocas comerciais preferenciais e assistência técnica para o desenvolvimento.

Organizações das Nações Unidas (ONU)

A Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada formalmente no final da II Guerra Mundial, em 1945, com a finalidade de manter a paz e a segurança

internacionais e de estabelecer as condições económicas, sociais e políticas para alcançar tais objectivos.

Actualmente mais de 160 Estados são signatários da Carta da ONU. A sede fica na cidade de Nova York. Existem várias agências especializadas, das quais as mais significativas são:

Organização para Alimentação e Agricultura - FAO

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD etc... além de vários Programas Especiais.

Acordo Geral de Tarifa e Comércio - GATT

Banco Mundial - BM

Fundo Monetário Internacional - FMI

Associação de Desenvolvimento Internacional - IDA

Organizações das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura - UNESCO

Fundo das Nações Unidas Para a Infância - UNICEF

Organização Mundial de Saúde - OMS

Organização Meteorológica Mundial - OMM

Programa das Nações Unidas para o Ambiente – PNUE

A Assembleia Geral é o principal órgão das Nações Unidas, geralmente tem lugar na Sede em Nova York. O Conselho de Segurança é o órgão que vela pela segurança mundial, actualmente tem 15 membros, cinco são permanentes e 10 têm mandato de 2 anos. Os permanentes são Estados Unidos, Federação Russa, Inglaterra, França e China. Cabo Verde foi membro do Conselho de Segurança da ONU de Janeiro de 1992 a Dezembro de 1993.

RESUMO DE ALGUMAS DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES DE INVESTIGAÇÃO

Atividade		Resultado		Observações	
1. Análise de dados	1.1. Coleta de dados	1.1.1. Coleta de dados primários	1.1.1.1. Coleta de dados primários	1.1.1.1. Coleta de dados primários	1.1.1.1. Coleta de dados primários
	1.2. Análise de dados secundários	1.2.1. Análise de dados secundários	1.2.1.1. Análise de dados secundários	1.2.1.1. Análise de dados secundários	1.2.1.1. Análise de dados secundários
2. Desenvolvimento de métodos	2.1. Desenvolvimento de métodos	2.1.1. Desenvolvimento de métodos	2.1.1.1. Desenvolvimento de métodos	2.1.1.1. Desenvolvimento de métodos	2.1.1.1. Desenvolvimento de métodos
	2.2. Avaliação de métodos	2.2.1. Avaliação de métodos	2.2.1.1. Avaliação de métodos	2.2.1.1. Avaliação de métodos	2.2.1.1. Avaliação de métodos
3. Aplicação de métodos	3.1. Aplicação de métodos	3.1.1. Aplicação de métodos	3.1.1.1. Aplicação de métodos	3.1.1.1. Aplicação de métodos	3.1.1.1. Aplicação de métodos
	3.2. Resultados	3.2.1. Resultados	3.2.1.1. Resultados	3.2.1.1. Resultados	3.2.1.1. Resultados
4. Conclusões	4.1. Conclusões	4.1.1. Conclusões	4.1.1.1. Conclusões	4.1.1.1. Conclusões	4.1.1.1. Conclusões
	4.2. Recomendações	4.2.1. Recomendações	4.2.1.1. Recomendações	4.2.1.1. Recomendações	4.2.1.1. Recomendações

APÊNDICES

ÁREAS DAS ILHAS E EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA (1960-1990)

Ilhas	Superfície Km2	População residente			
		1960	1970	1980	1990
Santo Antão	779	33 953	44 623	43 321	43 845
São Vicente	227	20 705	31 578	41 594	51 277
Santa Luzia	035	0	0	0	0
São Nicolau	343	13 866	16 308	13 572	13 665
Sal	216	2 608	5 505	5 826	7 715
Boa Vista	620	3 262	3 569	3 372	3 452
Maio	269	2 680	3 466	4 098	4 969
Santiago	991	88 587	128 782	145 957	171 691
Fogo	476	25 615	29 412	30 978	33 902
Brava	64	8 625	7 756	6 985	6 975
Ilhéu Branco	3	—	—	—	—
Ilhéu Raso	7	—	—	—	—
Ilhéu Grande	2	—	—	—	—
Ilhéu Luís Carneiro	0.22	—	—	—	—
Ilhéu de Cima	1.15	—	—	—	—
CABO VERDE	4 033	199 902	270 999	295 703	341 491

EVOLUÇÃO DO PRODUTO INTERNO BRUTO
 (% em milhões de escudos-preços constantes de 1990)

ANOS	SECTOR PRIMÁRIO	SECTOR SECUNDÁRIO	SECTOR TERCIÁRIO	TOTAL
1980	19,2	15,9	65,0	5919
1981	17,4	16,7	65,9	6296
1982	14,0	16,3	69,8	6520
1983	13,0	17,2	69,8	7121
1984	13,2	16,4	70,3	7381
1985	15,5	17,5	67,0	8011
1986	16,2	17,6	66,2	8228
1987	18,7	18,2	62,2	8852
1988	20,0	17,5	62,5	9528
1989	18,9	16,3	64,8	10026
1990	17,7	16,5	65,8	10232
1990	19,2	16,9	63,9	146 (a)

Fonte: *Ministério da Coordenação Económica*

(a) *Valor em milhares de dólares dos OUA*

TRANSPORTES AEREOS DE CABO VERDE

Evolução do tráfico de passageiros 1989 a 1993 (linha interna)	
Anos	passageiros
1989	147 240
1990	137 802
1991	135 091
1992	132 700
1993	135 179

(linha internacional) passageiros por destinos

Anos	Dakar	Amsterdam	Lisboa
1989	4 523	-	14 122
1990	5 132	7 993	13 024
1991	4 900	5 449	18 839
1992	4 730	6 611	19 320
1993	4 820	11 771 *	21 870

* Rota SID/AMS/FRA/SID Inclui Franckfour
Tráfico de passageiros no ano de 1993

AREAS FLORESTADAS EM CABO VERDE (em 1993)

Ilhas	Superfície	Area florestada (em hectares)
Santo Antão	779	5 113
São Vicente	227	1 249
Santa Luzia	35	0
São Nicolau	349	2 063
Sal	216	2
Boa Vista	620	3 022
Maio	267	2 898
Santiago	991	38 196
Fogo	476	9 174
Brava	64	1 942

Relatório de avaliação tripartida FAO/BEL

GLOSSÁRIO

Achada - planalto estrutural formada por uma corrente de lava geralmente basáltica.

Adaptação - variação de características ou de comportamento de um organismo, resultante de experiências nas quais resultam modificações internas, na organização social, ou na mudança para uma situação diferente.

Adventício (cone) - cone secundário que se desenvolve anexo a uma cratera principal; geralmente localiza-se na base do cone principal.

Água - substância essencial à vida, composta de oxigênio e hidrogênio; na Terra a água aparece nas formas sólida, (gelo) líquida e gasosa (vapor de água).

Águas residuais - águas já utilizadas em actividades domésticas e/ou industriais e que, posteriormente são encaminhadas para os esgotos ou para o mar.

Aliseo - vento intertropical que se desloca das altas pressões subtropicais para as baixas pressões intertropicais; a direcção geral é de NE no hemisfério norte e de SE no Hemisfério sul; ventos gerais dos navegadores portugueses.

Aluvião - depósito sedimentar formado por partículas de rochas que são transportadas pelas águas correntes e depositadas nos leitos, nas margens ou na foz.

Ambiente - sistema dinâmico que integra as interações físicas biológicas e culturais, conscientes ou inconscientes entre o homem, os outros seres vivos e todos os elementos do meio, sejam eles naturais, transformados ou criados pelo homem.

Amplitude térmica - diferença entre a temperatura máxima e a mínima registada num determinado período de tempo. (ano, mês, dia, etc.)

Anticiclone - centro de altas pressões; centro barométrico com valores à superfície superiores a 1015 milibares (ou 1015 hectopascals).

Apicultura - técnica de criação de abelhas, geralmente destinada à produção de mel.

Aquacultura - produção de plantas ou animais marinhos num ambiente condicionado; técnica de criação de peixes em tanques destinados para o efeito.

Aquífero - formação geológica ou solo poroso que pode armazenar água subterrânea.

Areia - rocha sedimentar fragmentada, caracterizada pela granulometria, forma, composição mineralógica, estado de rolamento.

Arenito - areia cimentada resultante da consolidação dos fragmentos da areia por um determinado cimento natural.

Arbusto - planta lenhosa de dimensão inferior a 5 metros no estado adulto, geralmente a ramificação começa desde a base.

Áridez - estado de insuficiência ou carência de humidade devido ao desequilíbrio entre a evaporação e a precipitação.

Árido - climas ou regiões onde a evaporação potencial é superior à precipitação gerando um déficit de humidade.

Arriba - escarpa alta e rochosa próxima do litoral; o mesmo que falésia.

Árvore - planta lenhosa com mais de 5 metros de altura no estado adulto.

Ave - classe de vertebrados. Têm o corpo coberto de penas e membro anterior transformado em asas. Já foram identificados mais de 13 000 espécies de aves.

Avicultura - criação intensiva de aves, com recurso à tecnologia moderna. Em Cabo Verde este sector abarca principalmente a criação de galinhas e excepcionalmente de perús.

Bacia (hidrográfica) - área drenada por um rio ou uma ribeira.

Banqueta - série de canais construídos ao longo das curvas de nível e com ligeiro declive longitudinal - 0,2

a 0,4; espaçados conforme o declive da encosta. É um importante dispositivo mecânico de conservação do solo em Cabo Verde.

Barragem - construção gigantesca destinada à retenção das águas superficiais formando um lago artificial que pode ser destinada ao aproveitamento da água ou produção de energia.

Barranco - entalhe linear profundo em vertente, provocado pela erosão sob a acção do escoamento de águas superficiais.

Basalto - rocha vulcânica muito básica (com fraca percentagem de sílica). Resulta do arrefecimento do magma na superfície da terra; tem geralmente cor escura e grande densidade. É a rocha mais abundante em Cabo Verde.

Biodiversidade - diversidade de seres vivos numa área. Geralmente protege-se a biodiversidade porque cada elemento desempenha uma tarefa específica no equilíbrio do ecossistema.

Biomassa - matéria acumulada nos seres vivos; pode ser avaliada em toneladas por hectare.

Brecha - rocha formada por fragmentos angulosos quase sempre consolidados; as brechas vulcânicas resultam da explosão da rocha preexistente devido à pressão de gases durante uma erupção vulcânica.

Brisa - aragem ou vento fraco resultante da diferença de aquecimento entre o mar e a terra, ou ainda entre a montanha e o vale. O desigual aquecimento origina diferença de pressão e deslocação do ar.

Bruma (seca) - partículas de poeiras muito finas suspensas na atmosfera que diminuem a visibilidade. É considerada um litometeor; Em Cabo Verde a bruma seca resulta de poeiras trazidas do Sahara aquando da ocorrência de tempestades de areia.

Calcário - rocha sedimentar constituída por carbonato de cálcio; pode ter origem química ou resultar de restos de seres vivos (organogénico); habitualmente tem uma cor clara e faz efervescência com os ácidos.

Caldeira (vulcânica) - grande depressão resultante do abatimento de um cone vulcânico; pode resultar do alargamento da cratera, ou abatimento do tecto da câmara magmática.

Capitania - antiga divisão administrativa seguida pelos portugueses na época das descobertas; uma capitania

era gerida por um capitão donatário. Cabo Verde (ilha de Santiago) na altura do povoamento foi dividida em duas capitanias: Alcatrazes e Ribeira Grande.

Carbonatito - rocha vulcânica constituída essencialmente de carbonato de cálcio e pode ter diversos minerais associados. A forma de jazida predominante em Cabo Verde é a ocorrência de estreitos filões; as maiores jazidas estão na ilha Brava.

Cascalho - rocha detrítica formada por elementos grosseiros (maiores do que a areia ou seja mais de 2 mm).

Cetáceo - ordem de mamíferos adaptados inteiramente à vida aquática. Nascem, vivem e reproduzem na água, têm o corpo fusiforme e os membros estão adaptados à natação. São exemplos de cetáceos - as baleias, os cachalotes, a orca, o golfinho.

Chã - relevo plano; planura.

Chaminé - canal de saída do magma num aparelho vulcânico, que liga a câmara magmática à cratera.

Cisterna - reservatório de cantaria para armazenar água das chuvas. Nas ilhas do Fogo e da Brava constitui uma anexo fundamental das casas rurais.

Cone (vulcânico) - elevação de forma cónica resultante da acumulação de piroclastos junto à cratera.

Conglomerado - rocha composta por fragmentos rochosos rolados, de diâmetro superior a 2 mm, unidos por um cimento natural.

Convergência Intertropical (CIT) - Zona de baixa pressão e de ascendência de ar húmido no encontro dos aliseos dos dois hemisférios.

Coral - animal marinho de concha calcária que vive em colónias fixas nas rochas, preferencialmente nos mares quentes. A estrutura calcária de alguns corais é utilizada pelos joalheiros na confecção de peças ornamentais.

Cornija - rebordo rochoso abrupto na parte superior de uma vertente.

Corrente (oceânica) - movimentação da água do mar devido às diferenças de temperaturas, ou à acção dos ventos à superfície dos oceanos. Existem correntes marítimas quentes e frias. As correntes oceânicas exercem grande influência nos climas das áreas litorais por onde passam. A corrente fria das Canárias exerce

uma influência notável no clima do litoral do Sahara e em Cabo Verde.

Cratera - depressão circular num aparelho vulcânico, por onde geralmente saem os materiais eruptivos. São mais frequentes nos casos da erupção acompanhada de explosão. Algumas crateras podem ter origem diversa, como é o caso das crateras resultantes da queda de meteoritos.

Crioulo - língua falada em antigas colónias, resultante da fusão de línguas europeias e africanas. O crioulo de Cabo Verde evoluiu do português e línguas da costa ocidental africana. Existem semelhanças entre os crioulos de Cabo Verde e da Guiné-Bissau. Crioulo pode ser utilizado para designar indivíduo caboverdiano. Antigamente significava escravo que nasceu na casa do dono.

Crosta (calcária, salina) - acumulação de sais (carbonato de cálcio, carbonato de potássio, cloreto de sódio) na superfície do solo devido à migração ascendente de águas subsuperficiais. É um fenómeno frequente nas regiões áridas. Consiste na mobilização de sais da rocha e sua acumulação na superfície devido à intensa evaporação da água.

Curtume - tratamento químico de peles de animais para produzir couro

Cutelo - colina de topo estreito e alongado.

Demersais (ou bentónicos) - espécies que passam a maior parte do tempo ou se deslocam sobre superfícies rochosas no fundo do mar.

Demografia - estudo estatístico das populações; técnicas de previsão da evolução da população e dos factores que condicionam esta evolução.

Desertificação - processo de degradação do solo, da água e dos recursos biológicos pela acção combinada da mudança climática e das actividades humanas.

Deserto - região de reduzida precipitação e fraca vegetação. (Deserto quente) região de clima muito árido com fraca precipitação e elevada evaporação.

Duna - relevo resultante da acumulação de areia arrastada pelo vento. Ocorre nos desertos e nas áreas litorais. Pode deslocar-se continuamente pela acção do vento — duna móvel. A vegetação pode revestir e fixar uma duna — duna fixa.

Ecologia - ciência que estuda as relações dos seres vivos entre si e o meio físico envolvente.

Ecossistema - relação dos elementos abióticos e bióticos numa determinada área.

Emersa - o que está fora do mar; o que não está submerso.

Endémico - espécie animal ou vegetal exclusiva de uma região, isto é, existe apenas no referido espaço.

Eólico - do vento; (energia eólica) utilização da força motriz do vento.

Equilíbrio (ambiental) - estado de harmonia entre os componentes do ecossistema em que o consumo é igual a capacidade de carga, isto é, a utilização dos recursos não compromete a continuidade. Numa perspectiva económica refere-se à sustentabilidade do uso dos recursos.

Erosão - desgaste da superfície do solo devido à acção da água, do vento, do homem e de outros animais.

Erva - planta de caule mole e curto, cujo ciclo de vida é geralmente anual.

Espécie - unidade taxonómica definida por características comuns visíveis e não visíveis. A forma do corpo e a capacidade de reprodução são vulgarmente utilizadas na caracterização das espécies; modernamente utiliza-se a informação genética contida nos cromossomas.

Estepe - vegetação herbácea característica dos climas de fraca precipitação. A estepe saheliana apresenta fraca cobertura de ervas que crescem e secam em poucos meses.

Falha - fractura em que se verifica movimento e deslocamento dos blocos.

Família - unidade taxonómica que agrupa vários géneros.

Filão - modo de jazida de rochas magmáticas resultante do preenchimento de fracturas. Os filões são frequentes nas áreas vulcânicas.

Fotovoltaica - energia eléctrica produzida directamente pela acção dos raios solares sobre determinados materiais (geralmente fotopilhas de silício).

Fractura (geológica) - descontinuidade ou fenda profunda resultante da acção de forças de tensão no interior da crosta terrestre. Se a fractura for acom-

panhada de desnivelamento de um dos blocos transforma-se numa falha.

Fumarola - emissão de gases provenientes do magma nas regiões vulcânicas.

Gabro - rocha granular com a composição mineralógica e características químicas semelhantes aos dos basaltos. Rocha plutónica da família dos basaltos.

Gabroide - com características semelhantes aos gabros.

Gazocarbónico (água) - água mineral que contém gás carbónico dissolvido.

Género - unidade taxonómica que reúne várias espécies.

Geologia - ciência que estuda a estrutura da Terra, a sua origem e evolução bem como os materiais que a compõem.

Geomorfologia - ciência que estuda a origem e a evolução das formas do relevo terrestre.

Harmatão - vento quente e seco proveniente do deserto do Sahara; lestadá, vento leste.

Humidade atmosférica - vapor de água existente na atmosfera; pode ser avaliada em valor absoluto g/m³, humidade absoluta ou em percentagem em relação a capacidade higrométrica numa certa massa de ar a dada temperatura (humidade relativa).

Isóbara - linha que une pontos de igual pressão atmosférica à superfície. É utilizada no traçado das cartas de tempo.

Isóbata - linha que une pontos de igual profundidade numa carta de batimetria.

Lava (vulcânica) - material vulcânico fluído expelido pelos vulcões. A consolidação das lavas origina a rocha vulcânica, como é o exemplo dos basaltos. Rocha proveniente do arrefecimento do magma.

Lexical - referente aos vocábulos de uma língua

Léxico - vocábulos de uma língua.

Líquen - espécie botânica; associação de algas e fungos numa simbiose (em que a extracção das substâncias minerais é feita pelos fungos e a fotossíntese é garantida pelas algas).

Macaronésia - designação atribuída ao conjunto dos arquipélagos vulcânicos localizados no Atlântico Oriental, entre a Península Ibérica e Cabo Verde a saber: Açores, Madeira, Selvagens, Canárias e Cabo Verde. O elemento comum baseia-se na semelhança da flora primitiva, origem vulcânica e a hipotética Atlântida - o continente mítico de Platão.

Magma - material ígneo formado no interior da crosta ou no manto superior expelido nas erupções vulcânicas, além da rocha fundida poder conter diversos gases.

Magmática (rocha) - rocha resultante do arrefecimento e consolidação do magma.

Massa de ar - grande extensão da troposfera que adquire características de temperatura, humidade e dinâmica muito individualizadas de acordo com a região onde se forma.

Microclima - características especiais que individualizam uma pequena área dentro duma região climática mais vasta.

Miscegenação - mistura, cruzamento, tornar-se mestiço.

Monção - vento sazonal que muda de direcção. Vento quente e húmido de direcção S ou SW responsável pelas chuvas em Cabo Verde.

Morabeza - palavra caboverdiana que significa fraternal e acolhedor; de morabe - amorável.

Nebulosidade - estado de cobertura de núvens.

Nevoeiro - acumulação de gotículas de água suspensas na atmosfera perto do solo. Forma-se principalmente devido ao arrefecimento do ar junto ao solo.

Núvem - acumulação de gotículas de água ou cristais de gelo suspensos na atmosfera, em altitudes superior aos nevoeiros, que resulta geralmente de uma ascensão do ar. De acordo com a altitude e forma são classificadas em tipos, famílias, géneros, etc.

Parcelamento - divisão das terras agrícolas em parcelas.

Pedregal - acumulação de blocos de pedra na base da cornija.

Pelágico (peixes) - que habitam à superfície das águas ou a pequena profundidade.

Piroclasto - rocha vulcânica resultante da acumulação de material explosivo emitido pelos vulcões.

Planalto - superfície plana que domina duas vertentes.

Planície - superfície plana dominada por vertentes.

Pluviómetro - aparelho que mede a chuva ou outras formas de precipitação atmosférica.

Pluvioso - que chove, referente à chuva.

Pozolana - material vulcânico muito fino com propriedades hidráulicas utilizados na construção civil como substituto ou corrector do cimento. Em Cabo Verde existem importantes jazidas de pozolana no Concelho do Porto Novo, em Santo Antão.

Precipitação (atmosférica) - queda de meteoros (chuva, neve, granizo ou saraiva) - em Cabo Verde limita-se à chuva.

Pressão atmosférica - força que o ar exerce sobre a superfície terrestre; forma do ar por unidade de superfície.

Pressão demográfica - demanda demográfica sobre os recursos de uma dada região (solo, água, biomassa, infraestruturas).

Ravina - sulco formado ao longo das vertentes resultante do escoamento concentrado das águas pluviais.

Regadio - área cultivada irrigada; cultivo de plantas que utiliza a rega para garantir ou aumentar a produção.

Região - unidade geográfica; área com características semelhantes; área delimitada segundo interesses específicos.

Ribeira - pequeno curso de água doce permanente.

Rio - grande curso de água doce que segue um canal bem definido em direcção ao oceano ou lagos.

Sahel - zona de climas áridos e semiáridos de transição entre o deserto do Sahara e a África húmida desde a costa Atlântica ao Mar Vermelho.

Sedimentar (rocha) - tipo de rocha formada a partir dos sedimentos (partículas de rochas preexistentes, restos de seres vivos, ou precipitação química nas águas). São exemplos de rochas sedimentares: argilas, arenitos, conglomerados, calcários, margas.

Sedimento - partículas de rochas desgastadas pelos agentes erosivos, restos de seres vivos e precipitação química nos mares e lagos.

Sequeiro - cultura pluvial, cultivo de plantas sem recurso à rega.

Sienito (nefelínico) - rocha magmática da família do fonólito, resultante da consolidação em profundidade.

Silvopastoralismo - combinação da actividade pecuária à exploração florestal.

Sincretismo - resultado de um cruzamento de culturas.

Sismo - tremor de terra; abalo telúrico.

Silvopastorícia - silvopastoralismo.

Sudão - Zona da África localizada ao sul do Sahara.

Suicultura - produção intensiva de porcos.

Talvegue - linha que une os pontos mais baixos duma vertente, corresponde à linha de água.

Torrencial (chuva) - queda de grande quantidade de chuva num curto espaço de tempo.

Torrente - corrente de água muito turbulenta e de grande efeito erosivo podendo danificar culturas e infraestruturas nas margens.

Tropical - referente ao trópico, do trópico.

Trópicos - Paralelos que delimitam a zona terrestre de onde o Sol chega ao zénite; Zona intertropical; Regiões localizadas na zona intertropical.

Vale - forma topográfica alongada e inclinada numa única direcção, constituída por um talvegue e duas vertentes.

Xerófila - espécie que regista adaptação à secura.

Xerófita - planta adaptada à secura.

Zénite - ponto mais alto da esfera celeste sobre uma certa localidade.

Zona - vasta região terrestre paralela ao equador; os factores que explicam a variação da temperatura com a latitude estão na base do aparecimento das zonas terrestres.

Zona Económica Exclusiva (ZEE) - espaço marítimo sob a jurisdição de um determinado Estado.

Zootecnia - técnica de produção animal.

BIBLIOGRAFIA

- Almada, M. Dulce de O. - Cabo Verde - contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago. Estudos de ciências políticas e sociais nº55 JIU Lisboa 1958 164 pg.
- Amaral, Ilídio do - A irrupção de Estados-insulares após a segunda guerra mundial: um facto novo de geografia política. Finisterra, XII, 44 Lisboa 1987, pg 297-359.
- Santiago de Cabo Verde - a terra e os homens - Memória da JIU, Lisboa 1964
- Fronteiras do Sahel: alguns aspectos geográficos. Garcia de Orta, Sér. Geogr., Lisboa, 11 (1-2), 1986, 1-54
- Anónimo - Notícia Corográfica e Cronológica do Bispado de Cabo Verde..1784
- Apresentação, notas e comentários de António Carreira - ICL Praia 1985 120 pg.
- Assembleia Nacional - Constituição da República de Cabo Verde - Praia 1992 122 pg.
- Assunção, C.T. - Geologia da Província de Cabo Verde - in Curso de Geologia do Ultramar, JIU Lisboa 1968 pg 3-52.
- Barbosa, Jorge - Poesias I, ICL Praia 1989
- Bebiano, B.A. - Geologia do Arquipélago de Cabo Verde - Comunicação ao Serviço Geológico de Portugal, Lisboa 1932.
- Brum Ferreira, D. - Etude sur la Sécheresse dans l'île de Santiago (Cap Vert). Linha de acção da geografia física, Rel. nº23 Centro de Estudos Geográficos, INIC, Lisboa 1986, 112 pg.

- Carreira, António - Cabo Verde aspectos sociais, secas e fomes no século XX 2ª Ed. Ulmeiro Lisboa 1984 208 pg.
- Cabo Verde - formação e extinção de uma sociedade escravocrata 1460 -1878, 2ªEd. ICL Praia 1983, 550 pg.
 - Demografia caboverdiana - subsídios para o seus estudo 1807 - 1983 ICL Praia 1985
 - Migrações nas ilhas de Cabo Verde 2ªEd. ICL Praia 1983, 322 pg.
 - Panaria caboverdiana e guinense - aspectos históricos e socio-económicos - 2ª Ed. ICL Praia 1983, 322 pg.
 - O crioulo de Cabo Verde - surto e expansão, 2ª Ed. Edição do Autor, Lisboa 1983, 96 pg.
- Chevalier, A. - Les Iles du Cap Vert, Géographie, biogéographie, agriculture. Flore de l'archipel, Rev. Bot. Appliqué, Paris 1935 Tome XV pg.
- Direcção Geral do Plano - Relatório Nacional sobre População e Desenvolvimento, Praia 1994 , 108 pgs.
- Ferreira, Manuel - Aventura Crioula ou Cabo Verde uma síntese cultural e étnica 2ª Ed. Plátano Editora, Lisboa 1973, 442 pg.
- Frade, F. - Aves do arquipélago de Cabo Verde (colecção do Centro de Zoologia da IICU), Garcia de Orta, Sér. zool. Lisboa, 5 (1) 1976, 47-58
- Grandvaux Barbosa, L. - Subsídios para um dicionário utilitário e glossário dos nomes vernáculos das plantas do arquipélago de Cabo Verde, Garcia de Orta (Lisboa), Vol.9 (nº1):37-39, 1961
- Hazevoet, Cornelis J. - Aves de Cabo Verde - INIDA & Birdlife International - 1993 32 pg.
- Instituto de Investigação Científica Tropical (Portugal) e Direcção Geral do Património Cultural (Cabo Verde) - História Geral de Cabo Verde Vol. I - Coordenação de Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos - Lisboa, Praia 1991 478 pgs.

- Kasper, Josef E. - Ilha de Boavista - Cabo Verde - aspectos históricos, sociais, ecológicos e económicos. Tentativa de análise - trad. de Luís Filipe da Silsa Madeira - ICL Praia 1987.
- Lopes da Silva, B. - O dialecto crioulo de Cabo Verde - 2ªEd. Col. Escritores de Língua Portuguesa, INCM 1984 390 pg.
- Lopes Filho, João - Cabo Verde - Subsídios para um levantamento cultural. Plátano Editora, Lisboa, 1981, 150 pg.
- Contribuição para o estudo da cultura caboverdiana - Ulmeiro Lisboa 1983 60 pg.
- Lucas de Senna, M.R. - Dissertação sobre as ilhas de Cabo Verde 1818 - anotações e comentários de António Carreira - ICL Praia 1987 374 pg.
- Machado, Frederico - Vulcanismo das ilhas de Cabo Verde e das ilhas Atlântidas. Estudos, ensaios e documentos, JIU Lisboa 1965 84 pg.
- Monteiro, Júlio - Os Rebelados da Ilha de Santiago. Centro de Estudos de Cabo Verde, Praia 1974 240 pg.
- Matos Alves, C.A.; Macedo, J.R.; Celestino Silva, L. Serralheiro, A.; Peixoto Faria, A.F. - Estudo geológico, petrológico e vulcanológico da ilha de Santiago (Cabo Verde) - Garcia de Orta, Sér. geol. Lisboa, 3 (1-2), 1979, 47-74.
- Ministério das Finanças e do Plano - III Plano Nacional de Desenvolvimento 1992-1995.
- Naurois, R. - Les Oiseaux des Iles du Cap-Vert suggestions en vue de leur sauvegarde. Garcia de Orta (Lisboa) Vol. 12: 609-620, 1964.
- Nunes, Mateus - Problemas de S. Nicolau (Cabo Verde), Estudos ensaios e documentos JIU Lisboa 1961.
- Pereira, Daniel A. - Marcos Cronológicos da Cidade Velha, Colecção Estudos e Ensaios, ICL, Praia 1988, 152 pgs.

- Reis Cunha, F. - O balanço hidrológico na ilha de Santiago (Cabo Verde) - Garcia de Orta (Lisboa) vol. 9 (nº2) 359-379, 1961.
- Reis Cunha, F. - Variabilidade da precipitação na ilha de Santiago (Cabo Verde) Garcia de Orta (Lisboa) Vol.8 (887-899), 1960.
- Ribeiro, O. - A Ilha do Fogo e as Suas Erupções. 2ªEd. JIU Lisboa 1960
- Saraiva, A.C. - Conspectus da entomofauna cabo-verdiana. Estudos, ensaios e documentos, JIU, Lisboa 1961
- Secretaria de Estado das Pescas - Reflexões sobre a Pesca em Cabo Verde. SEP - Praia 1985:504 pg.
- Serralheiro, António - Geologia da Ilha do Maio - Cabo Verde - JIU Lisboa 1970
- Serralheiro, António - A Geologia da Ilha de Santiago (Cabo Verde) - Boletim do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Universidade de Lisboa Vol. 14º Fasc. 2º Lisboa 1976.
- Serralheiro, A.; Alves, M.; Macedo J.R.; Silva, C. - Note préliminaire sur la géologie de l'île de Boa Vista (Cap-Vert) - Garcia de Orta, sér. geol. Lisboa, 1 (3) 1974 53-60
- Silva Feijó, João da - Ensaio e Memórias económicas sobre as ilhas de Cabo Verde (século XVIII) - Apresentação e comentários de António Carreira ICL - Praia 1986.
- Silva Teixeira, A.J. e Grandvaux Barbosa, L.A. - A Agricultura do arquipélago de Cabo Verde - cartas agrícolas, problemas agrícolas. Memórias da JIU Lisboa 1958.

Este livro foi elaborado no âmbito do Programa de Formação e Informação
para o Ambiente (PFIE) promovido por:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESPORTO
MINISTÉRIO DAS PESCAS, AGRICULTURA E ANIMAÇÃO RURAL
COMITÉ PERMANENTE INTER ESTADOS DE LUTA CONTRA A SECA NO SAHEL
COMISSÃO EUROPEIA

